PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA

Hibridação da subjetividade masculina no rompimento de um relacionamento amoroso

MARIANA MARTORANO GUEDES

São Paulo

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA

Hibridação da subjetividade masculina no rompimento de um relacionamento amoroso

MARIANA MARTORANO GUEDES

Orientador: Sergio Ozella

Trabalho de conclusão de curso como exigência
para graduação no curso de Psicologia

São Paulo

2007

AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos citando meu orientador, Sergio Ozella, por todo apoio e ensinamentos transmitidos durante a produção deste trabalho, que foram essenciais para a minha formação profissional e inserção na produção científica.

Agradeço à minha família pela preocupação, respeito e paciência durante esse 5 anos de faculdade, em especial nesses últimos 6 meses antes da conclusão deste trabalho. Agradeço às minhas amigas Ana Luiza Luzzi e Gabriela Savioli que sempre se mostraram muito solícitas e prestativas a me ajudar a desenvolver este trabalho. Aproveito pra agradecer também, a mediadora me que apresentou o sujeito desta pesquisa, Fernanda Reis. E como não poderia deixar de ser, agradeço imensamente ao sujeito desta pesquisa que mostrou-se bastante disposto a me auxiliar, com a sua disponibilidade de ir ao meu encontro para as entrevistas e contribuir com a sua história de vida, a qual foi de fundamental importância para a construção deste estudo.

Agradeço a todos os meus professores da faculdade pela formação e conhecimentos de qualidade que me foram transmitidos, pois estes serviram de referências decisivas para a minha formação pessoal e profissional. Agradeço em especial à aqueles que promoveram aulas reflexivas, como o professor Nichan, Chú, Sidney, Ciça Vilhena, Noely, assim como meus supervisores, Ana Trinca, Ciça Roth, Iso Ghertman, Josefina, Heloísa Galan, Cristina Gondim, que foram os grandes responsáveis para a maturação, formação e desenvolvimento de meu pensamento clínico.

Enfim, aos meus amigos, professores e familiares, muito obrigada pela força que me deram durante esses 5 anos e que ainda me dão a cada dia, pelo carinho, pelo amor e por ajudarem a guiar meus passos através dos caminhos da vida e, principalmente, por este momento acadêmico tão especial e significativo pra mim.

MARIANA MARTORANO GUEDES: *Hibridação da subjetividade masculina no rompimento de um relacionamento amoroso*, 2007.

Orientador: Sergio Ozella

Palavras-chave: sentidos/significados; subjetividade; relacionamento amoroso e materialismo histórico-dialético.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os sentidos e significados de um homem no fim de um relacionamento amoroso. O referencial teórico que norteará este trabalho será o da psicologia sócio-histórica, que compreende o Homem como social, ativo e histórico. Os capítulos teóricos deste estudo enfocam os temas: relações de gênero, a subjetividade masculina e os pressupostos teóricos metodológicos da abordagem sócio-histórica; conceitos fundamentais para a elaboração deste trabalho. Para desenvolver a observação de campo, foram realizadas duas entrevistas com um homem de 26 anos que havia terminado um relacionamento de 1 ano e 1 mês, 2 meses antes da primeira entrevista. Na análise das entrevistas, pudemos apreender os conjuntos de sentidos e significados, atribuídos pelo sujeito, no fim de seu último relacionamento amoroso. Dentre os sentidos, pudemos identificar mudanças significativas no seu processo de constituição subjetividade antes, durante e depois do término. Houve mudanças em como ele significa o amor e as relações amorosas. Podemos dizer, também, que o tema religiosidade apareceu, para o sujeito, como uma nova possibilidade de re-significação de suas experiências anteriores e suas experiências futuras.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Cap.1 Relações de gênero: As vicissitudes do convívio com as diferenças.....	04
Cap. 2 Identidade, Subjetividade e Masculinidade: A subjetividade masculina e transformação da concepção de masculino.....	14
Cap. 3 Pressupostos teóricos metodológicos na abordagem Sócio-Histórica.....	30
Resultados.....	47
Análise dos núcleos.....	55
Considerações finais.....	74
Referências Bibliográficas.....	76

ANEXO:

Entrevistas

SONETO DE SEPARAÇÃO

*“De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.
De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez o drama.
De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente”.*

Vinícius de Moraes

INTRODUÇÃO

Quando iniciei a primeira disciplina referente a este trabalho, chamada Seminários I, eu já sabia que gostaria de estudar as relações de gênero. Durante toda a faculdade, as minhas motivações de leitura e até mesmo de concentração nas aulas estavam direcionadas, em geral, para assuntos que tratavam deste tema.

Sempre me interessei bastante por temas conflituosos, ainda mais quando se tratava de relações de gênero, até porque não havia um deslocamento de minhas vivências particulares e do que discutíamos em sala de aula. Muitos questionamentos eram sempre os mesmos. Sempre saía das aulas tentando fazer um paralelo entre o que aprendíamos na teoria e o que acontecia nas minhas vivências subjetivas. No entanto, isso só gerava mais angústia e menos respostas aos meus questionamentos.

Até que percebi que não adiantava querer enquadrar a teoria na subjetividade alheia. Fui percebendo que essa redução era ilusória, visto que desta maneira não considerava as assimetrias e discrepâncias de cada subjetividade. E esse enquadramento só me atrapalhava, pois buscava respostas onde não eram passíveis de serem respondidas. Foi aí então, que resolvi ampliar meus conhecimentos acerca deste tema. Decidi, portanto, que o tema deste trabalho seria sobre relacionamentos, porque além de ser uma leitura prazerosa pra mim, eu poderia, quem sabe, esclarecer algumas dúvidas.

Passada essa etapa, fui percebendo que o tema era muito amplo, que existia uma imensidão de possibilidades que poderiam ser investigadas. Fui então deixando que os questionamentos viessem à tona, a fim de poder perceber, qual seria meu real interesse; o que eu gostaria de investigar.

O que é ser homem? O que é ser mulher? O que há de concreto nas diferenças entre homens e mulheres? Há desigualdade nessas relações? Aos poucos fui me dando conta de que essas questões demandam maiores elaborações e reflexões científicas, políticas, históricas e filosóficas, visto o grau de complexidade do ser humano.

As relações de gênero (relações familiares, profissionais, de amizade, casamento, namoros, rolos entre outras.), de uma maneira geral, têm sido alvo de grande repercussão, na mídia atualmente. Reportagens, programas de televisão que prometem arranjar um namorado, sites de relacionamento e até mesmo livros de auto-ajuda concretizam a multiplicidade de demandas acerca desse tema. Se analisarmos o ranking de livros mais vendidos, vamos nos deparar com os livros de auto-ajuda que abarcam questões intrigantes sobre as vicissitudes do convívio com as diferenças. A relação homem-mulher é um tema atual que dá vazão a muitos aspectos que ainda necessitam ser explorados e estudados.

O que me intrigava, de fato, era que os poucos livros e estudos que se dedicam às relações de gênero, em sua maioria são voltados para o público feminino. Por que as mulheres sofrem muito nos seus relacionamentos? Por que elas fazem amor e eles fazem sexo? Por que elas são mais frágeis e sensíveis diante das dificuldades enfrentadas no cotidiano conjugal?

Esses questionamentos são bastante freqüentes no senso comum, onde as pessoas acreditam que as mulheres sofrem mais, que são mais emotivas enquanto os homens são mais racionais e mais pragmáticos na manutenção de seus relacionamentos. Esse estereótipo sobre os papéis sexuais está muito arraigado na nossa sociedade, o que me leva a considerar relevante, pensar e refletir a respeito.

Foi aí então que delimito o que gostaria de investigar; o universo masculino, que aos meus olhos, era o menos explorado. Será que os homens realmente são mais racionais? Será que há um padrão de comportamento?

Para isso fui atrás de leituras que me auxiliassem a compreender melhor a pluralidade de possibilidades de condutas referente a esse universo. E foi aí então, que decidi que gostaria de estudar a subjetividade de um homem no fim de um relacionamento e para isso escolhi como norteadora deste estudo, a psicologia sócio-histórica, que na minha visão dava e dá maior completude à compreensão do Homem e de suas vicissitudes.

Tendo selecionado o foco, delimito o objetivo deste trabalho que consiste em apreender os sentidos e significados da subjetividade de um homem no fim de

um relacionamento afetivo, optando assim, por uma pesquisa de estudo de caso que privilegiasse os aspectos qualitativos.

Após essa etapa dividi este trabalho em dois momentos: O primeiro foi a realização de dois capítulos teóricos que abordassem o tema em discussão (Cap.1 - relações de gênero / Cap.2 - subjetividade masculina), assim como um capítulo teórico metodológico (Cap.3) que proporcionasse ao leitor o entendimento dos principais pressupostos dessa teoria; como ela compreende o indivíduo, como se estabelece a relação do indivíduo com o social, e portanto, como este indivíduo se constitui na relação com o social.

Já num segundo momento, trabalhei na análise das entrevistas realizadas com um homem de 26 anos que tinha terminado um relacionamento recentemente (2 meses), utilizando como base os pressupostos teóricos metodológicos da psicologia sócio-histórica e os capítulos temáticos, a fim de propiciar uma melhor compreensão da subjetividade masculina. Em outras palavras, levando em consideração o objetivo deste estudo, a análise das entrevistas consistiu em: a partir do material retirado das entrevistas, realizei um trabalho de compreensão deste material em relação/articulação aos temas discutidos nos capítulos temáticos e no capítulo teórico metodológico.

Por fim, a configuração da metodologia deste trabalho, a discussão e reflexão a respeito dos conteúdos adquiridos nas entrevistas tem, por finalidade, proporcionar ao leitor e a comunidade científica, uma ampliação do universo masculino, no que diz respeito mais especificamente, uma ampliação da subjetividade masculina diante de um término de uma relação amorosa, levando sempre em consideração o contexto social de inclusão do sujeito e as influências dos aspectos sociais sobre a constituição dessa subjetividade.

Capítulo 1

Relações de gênero: As vicissitudes do convívio com as diferenças

Relações humanas dizem respeito a todas as vertentes de nossas vidas. É a partir delas que nos constituímos, que aprendemos a lidar com as diferenças e percebemos que somos seres únicos e individuais, bem como sociais e histórico. Na família, no trabalho, nas horas de lazer, no relacionamento com os amigos ou mesmo na relação amorosa, estamos falando em relações.

O dicionário Larousse Cultural (1992) denomina vários significados ao termo relacionar, mas eu, particularmente, destaco: **relacionar v.t. 2. estabelecer relação ou analogia entre duas coisas diferentes; confrontar**. Confrontar duas coisas diferentes faz parte de qualquer vínculo humano. Agora, em se tratando mais especificamente dos gêneros, por que será que homens e mulheres apresentam comportamentos tão distintos? O quanto suas atitudes, crenças e ideais são referentes ao gênero e não a uma produção apenas individual? Essas e muitas outras perguntas não serão respondidas de forma causal, até porque quando estamos falando de seres humanos há inúmeras determinações no processo de constituição da subjetividade. O que é certo é que é muito difícil conviver com as diferenças, principalmente quando nos referimos ao relacionamento a dois.

Góis, Araújo e Rodrigues (2002) desenvolveram uma pesquisa cujo objetivo era verificar a forma como o amor é conceituado na atualidade, vinculado às representações de sexualidade e paixão, contrastando as diferenças entre homens e mulheres, casados e solteiros. Para isso utilizaram entrevistas semi-estruturadas com 12 sujeitos masculinos e femininos, sendo todos com idades entre 20 e 43 anos. Os 12 sujeitos eram: 3 homens casados, 3 solteiros, 3 mulheres casadas e 3 solteiras.

As hipóteses levantadas previamente à realização dessa pesquisa foram que todos os homens (solteiros e casados) tenderiam a conceber o amor como algo dependente do desejo sexual e o sexo como independente do amor; enquanto as mulheres solteiras sustentariam uma visão muito mais idealizada e

próxima do amor terno². Já as hipóteses levantada para as mulheres casadas, seria de que elas entenderiam o amor como fator principal na determinação do desejo sexual, ou seja, sexo só com amor. Conceberiam também, o sexo como um aspecto bastante importante para a manutenção da relação amorosa. As autoras acreditavam que as quatro categorias de sujeitos (mulheres solteiras, mulheres casadas, homens solteiros e homens casados) teriam dificuldades para diferenciar o amor de paixão.

Os resultados, no que se refere mais especificamente aos sujeitos masculinos, podem destacar muitas idéias relevantes para o presente estudo. Destacando uma das hipóteses levantadas pelas autoras, verificou-se uma total concordância entre todos os sujeitos solteiros, de que a relação sexual era possível de acontecer sem a existência do amor.

A associação entre as respostas das mulheres casadas e a hipótese de que estas entenderiam o sexo como fator determinante na manutenção da relação amorosa foi totalmente confirmada, já que a maioria das entrevistadas concordou que o sexo é fundamental para a conservação da relação amorosa.

Entretanto, a hipótese sobre a necessidade de existência de amor para a realização de relação sexual foi refutada, visto que, apesar de considerarem que sexo é melhor com amor, todas as entrevistadas afirmaram que pode existir sexo sem amor.

Todos os homens casados afirmaram que pode existir sexo sem amor, mas que o sexo é fundamental na manutenção da relação amorosa, o que confirma as hipóteses, de que para os homens casados o amor não pode ser vivido sem sexo, enquanto ter uma relação sexual não implica a existência de amor entre os parceiros.

Um outro aspecto que contraria as hipóteses que haviam sido levantadas refere-se à distinção entre paixão e amor. Os relatos dos entrevistados (10 sujeitos), demonstraram que há muito mais concordância entre as representações sobre o que se entende por paixão (algo momentâneo e relacionado com o desejo

² Termo utilizado pelas autoras para designar o amor sem necessidade de sexo e sexo somente associado ao amor. (2002, p.3)

sexual) do que sobre o que é amor, que é visto a partir de várias perspectivas, às vezes próximas, outras mais distintas. As mulheres casadas revelam que a paixão faz-se necessária à vida.

De um modo mais sucinto, as pesquisadoras constataram que as representações sobre o amor revelam, em geral, o desejo de relacionamentos atuais unirem a estabilidade do amor, o apaixonamento e o desejo sexual. Como essa pesquisa foi orientada à luz dos conceitos psicanalíticos, a interpretação dos resultados, mostra-se um tanto quanto tendenciosa, visto que, segundo as autoras, a Psicanálise adverte que a totalização (ausência de desejos próprios), isto é, a completude de um indivíduo significa morte, já que é partir da falta que ele se constitui. Podemos dizer então, que quando o relacionamento se torna estável ele significa morte? Será que a satisfação em um relacionamento possibilita a estagnação do desejo do indivíduo? Ou será que as autoras tiveram uma leitura equivocada da abordagem?

Pelo que entendo de Psicanálise, o desejo se diferencia dos instintos justamente por serem complexos, múltiplos e plásticos. Ele está sempre buscando novos objetos, portanto, no meu ponto de vista, a satisfação num relacionamento, por exemplo, não significa morte; e quando o desejo não encontra satisfação sobre um determinado objeto, ele procura outro. Por isso que quando as pesquisadoras se referem à estagnação do desejo (a morte), discordo, visto que a insatisfação dentro de um relacionamento pode ocasionar um desejo por um novo objeto, o que poderia ser, o interesse por uma outra pessoa, ou mesmo uma traição.

Independente da leitura correta ou não sobre os desejos na abordagem psicanalítica, o que posso dizer é que não partilho dessa visão de sujeito da Psicanálise. Segundo a Psicologia sócio-histórica o homem é ativo, social e histórico e está em constante transformação, e é a partir das relações, das trocas que um relacionamento proporciona, é que ele vai reformulando seus desejos, isto é, vai se constituindo e não se “mortificando”.

Ainda sobre os resultados, o que surpreendeu as pesquisadoras foi o fato de um dos homens ter afirmado ser possível manter uma relação amorosa sem

sexo, resposta que havia sido esperada entre as mulheres solteiras como uma versão do fenômeno amoroso terno. Outro dado inusitado para as autoras foi a total concordância dos homens casados em relação a uma hipótese que havia sido levantada somente para as mulheres casadas, a de que o amor interfere para o desejo sexual, ou seja, a relação torna-se melhor quando há amor.

As diferenças entre os gêneros já são esperadas, no entanto quando as respostas de ambos se assemelham parece que desestrutura o que o senso comum entende por padrões femininos e masculinos de comportamento. O que está englobado em cada padrão de comportamento, quando confirmado por alguma pesquisa, já é esperado, mas quando os homens, por exemplo, dão uma resposta de caráter feminino isto vira algo de muita discussão, visto que é um dado novo e por isso torna-se inusitado. Não será uma visão um tanto quanto estereotipada da subjetividade masculina? Será que nós não estamos sendo um pouco “pré-conceituosos”?

Há diferenças constitutivas de cada sexo, isto é, há condições biológicas específicas de homens e mulheres. Os bebês nascem “machos” ou “fêmeas” com diferenças biológicas e genéticas e são criados e educados de acordo com normas, padrões e regras de cada sociedade. Meninos e meninas realizam atividades lúdicas distintas por meio de jogos, brinquedos e ambientes (bola e caminhãozinho para os meninos e bonecas e panelinhas para as meninas); ouvem e relatam histórias, livros, filmes onde os personagens sustentam e reproduzem esteriótipos tradicionais em relação ao papel sexual – masculinos são mais aventureiros e guerreiros, do que personagens femininos que são dóceis compreensivos e passionais.

Roupas, alimentos, brinquedos, jogos, programas de televisão, Internet bombardeiam cotidianamente o imaginário de meninos e meninas, impondo padrões e modelos masculinos e femininos. Inúmeras diferenças vão sendo “sutilmente” repassadas e reivindicadas cotidianamente e socialmente: no jeito de falar, na postura corporal, nas atitudes sociais no consumo precoce, influenciando e definindo comportamentos estereotipados nos papéis sexuais.

Estigmatizar atitudes masculinas e femininas é tudo que questiono neste estudo, visto que desta maneira, desconsideraríamos as diferenças e assimetrias entre os indivíduos. Portanto, para além das diferenças de gênero proponho que fiquemos atentos às diferenças individuais, genuínas de cada sujeito.

Nesta perspectiva Góis, Araújo e Rodrigues (2002) advertem que a pequena quantidade de sujeitos envolvidos nessa pesquisa, compromete a generalização dos resultados e de sua fidedignidade. Em razão do número restrito de sujeitos, há uma maior restrição na “padronização” dos resultados, visto que com esse número de sujeitos a leitura desses resultados deve privilegiar os aspectos qualitativos e não quantitativos. Só questiono a respeito da fidedignidade visto que os dados colhidos, mesmo tratando-se de poucos sujeitos, na minha opinião não deixam de colaborar e acrescentar à comunidade científica, isto é, não deixam de ser fidedignos.

As autoras, justamente por abordarem como se forma a conceitualização do amor, tornar-se assunto de interesse não só para os psicólogos clínicos em especial, como também para todos que buscam uma relação amorosa, minimamente satisfatória. Entender a constituição subjetiva do amor é muito importante para este estudo, visto que pretendo estudar a subjetividade masculina no fim de um relacionamento amoroso.

No que tange às relações humanas e mais especificamente aos estudos sobre comportamentos femininos, uma pesquisa que contribui muito para entender como as mulheres se comportam, e como elas percebem os homens dentro de um relacionamento conjugal, é a pesquisa realizada por Garcia e Tassara (2001). Este trabalho foi um recorte de um projeto de pesquisa intitulado “Da utopia do amor romântico ao cotidiano do casamento: Um estudo sobre estratégias para a manutenção do casamento”; financiado pela FAPESP. Justamente por esse projeto ter explorado muitas dimensões de estratégias de enfrentamento, Garcia e Tassara resolveram investigar apenas uma forma de estratégia de enfrentamento feminino.

Em outras palavras, decidiram analisar estratégias de enfrentamento para a manutenção do casamento utilizada por mulheres casadas há mais de 15 anos,

pertencentes aos estratos econômicos médio e alto, para superação ou minimização de conflitos do cotidiano conjugal. Foram entrevistadas 20 mulheres utilizando roteiro de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas gravadas e transcritas foram analisadas utilizando-se a análise do discurso. Nesse artigo, as pesquisadoras analisaram as estratégias de ação referidas pelas entrevistadas. Verificou-se o uso de estratégias diretas (oito mulheres afirmaram esclarecer diretamente ao parceiro as suas insatisfações sentidas nas dificuldades conjugais), indiretas (quatro mulheres evidenciaram uma ação de esquiva ao diálogo) ou o uso combinado de estratégias diretas e indiretas (duas delas ora esquivavam-se do diálogo, ora utilizavam uma comunicação associada a um “nhenhenhem” pela qual dirigiam suas queixas ao outro não o informando, adequadamente, sobre quais eram os problemas; tais lamúrias permitiam ao casal camuflar ou fugir do problema).

Entre seus maridos, (segundo as entrevistadas) treze utilizaram estratégias diretas e dois fizeram o uso de estratégias diretas e indiretas. Os outros cinco homens, optaram pelo uso de estratégia indireta, principalmente o silêncio ou o adiamento da busca de solução dos problemas. As estratégias adotadas por seus maridos, delineiam expectativas de seu papel sexual, ou seja, um discurso direto e objetivo. Comunicando diretamente, ele advertiria a companheira quanto à ameaça de quebra do projeto desejado de relacionamento ou inadequação de atitudes adotadas por ela. Outra alternativa, no caso da adoção de estratégias indiretas por parte dos homens, foi atribuída à similaridade de comportamento dos membros da casal.

Todo este leque de ações configura que o planejamento das estratégias advém de uma relação dialética entre as experimentações práticas no trato com o parceiro e as orientações fornecidas pelo contexto social (Garcia & Tassara, 2001). De uma outra maneira, podemos dizer que a subjetividade tanto do homem, quanto da mulher, é um composto híbrido que envolve suas experiências pessoais anteriores e o que é valorizado socialmente.

As dificuldades encontradas na relação a dois explicitam qual é o projeto de conjugalidade almejado por cada um, e muitas vezes, definem os pilares de

convergência ou divergência entre ambos. As divergências no projeto causariam tanto a identificação dos problemas quanto o desafio da forma de comunicar ao outro sua insatisfação.

“Ao perseguirem um ideal de fusão identitária, estas mulheres vivem um momento ambíguo, desejam, mas não conseguem, um padrão de comunicação que se aproxime do modelo almejado” (Garcia & Tassara, 2001, p.10). A escolha de estratégias de enfrentamento estava baseada, muitas vezes, na utopia do amor romântico que definia aquilo que era ou não problemático e o quanto isto poderia ameaçar (ou não) o seu projeto conjugal. Contrastando com a pesquisa de Góis, Araújo e Rodrigues, as mulheres nessa pesquisa aparecem como sendo mais idealizadoras. Esse contraponto é interessante se formos pensar que ambas as pesquisas são recentes e lidam, minimamente, com o mesmo público. Se as diferenças, aqui encontradas, não são determinadas pelo gênero, então pelo que seriam? Será que a subjetividade não depende grande parte das experiências anteriores de cada indivíduo? E quanto aos homens? Seus padrões de comportamentos têm se mantido? Devemos ficar atentos a essa padronização do que é ser masculino e feminino.

Analisando, conjuntamente, as respostas das mulheres podemos dizer que a ação de enfrentamento de problemas emanados do cotidiano conjugal caracterizou-se ora como uma esperança projectual das entrevistadas de atingirem a superação da condição distópica em que se identificavam na relação conjugal para uma direção utópica (mulheres felizes, porém insatisfeitas), ora de redução das ansiedades geradas pela impossibilidade de saída da posição distópica (mulheres infelizes).

O que de fato foi constatado por Garcia e Tassara (2001) sobre as diferenças nas escolhas de ação de enfrentamento foi:

A permanência ou desistência dessa esperança resulta na adoção de estratégias diferenciadas. Para as mulheres infelizes, a busca de um padrão de comunicação paradoxal assegura ao casal a manutenção do vínculo conjugal. As mulheres ditas felizes no casamento ocupam uma posição almejada pelas demais e, ao mesmo tempo, reafirmam a esperança de que é possível, mesmo que cada vez se acredite

menos, alcançar um nível satisfatório conjugal (Garcia e Tassara 2001,p.10).

As pesquisadoras ainda desvelaram que “nas narrativas dessas mulheres uma questão que foi enfatizada por todas: ‘não existe casamento sem problema’. Tal argumento configuraria então duas questões: primeiro a antecipação de que ‘há problema’ e, segundo, que algo pode ser feito para que ‘não haja mais problema’.” (Garcia e Tassara, 2001, p.11).

De uma maneira geral esta pesquisa constatou que as mulheres estão buscando sim, formas de enfrentamento para a manutenção do casamento, o que nos leva a pensar que possivelmente, apesar dessa pesquisa ter uma significância qualitativa e não quantitativa, poderíamos hipotetizar que os casamentos hoje em dia estão perdurando mais. De acordo com uma reportagem recente da Folha Online, Spitz (2006) diz que:

O brasileiro está casando mais e as uniões estão mais duradouras. De acordo com Síntese dos Indicadores Sociais 2005 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com base nos dados da Pnad 2004 (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio), o número de casamentos no país cresceu 7,7%. Já os divórcios tiveram queda de 3,7% em relação a 2003. O número de separações judiciais (dissolução legal da sociedade conjugal) foi 7,4% menor que o ano anterior (Spitz, 2006, p.1).

Segundo o IBGE, os casamentos ficaram mais duradouros visto que, na década de 90, o tempo médio de duração era de 9,5 anos e, no ano 2000, tinha duração de 10,5 anos. Em 2004, essa média aumentou um ponto em relação ao ano 2000. O IBGE diz, ainda, que a média de idade para o primeiro casamento dos homens é de 30 anos e para as mulheres 27 anos.

Em contraposição a esse dado (casamento estão perdurando mais) Góis, Araújo e Rodrigues (2002) relatam que a estabilidade do amor encontrada nos discurso dos casados vai de encontro com o recente crescimento da quantidade de divórcios, de separações e de “relacionamentos relâmpagos”. Essa contradição

existente entre dados atuais e essa pesquisa demonstram que, cada vez mais, na área de relações de gênero faz-se necessário todo tipo de investigação.

No que diz respeito às pesquisas sobre separação, Féres-Carneiro (2003) fez um estudo com o objetivo de investigar como homens e mulheres vivenciam o processo de dissolução do casamento e como buscam reconstruir suas identidades individuais, após a separação. Para isso utilizou uma amostra de 16 homens e 16 mulheres com idades variando de 25 a 35 anos (1ª. faixa etária) e de 44 a 55 anos (2ª. faixa etária). Os dados levantados foram obtidos por meio de entrevista semi-estruturada que contemplou os seguintes temas: desejo de separação; decisão de separação; processo de separação e reconstrução da identidade individual.

O casamento implica a construção de uma nova identidade para os cônjuges, de um “eu-conjugal” que vai se construindo por meio das interações estabelecidas por eles (Will *apud* Féres-Carneiro, 2003).

Na introdução dessa pesquisa, Féres-Carneiro faz uma discussão muito relevante para o presente estudo. Discute se a separação conjugal ocorre devido a uma valorização ou uma desqualificação do casamento. Segundo a autora, com base em outras pesquisas, os cônjuges se divorciam não porque desqualificam o casamento, mas porque o valorizam tanto que não aceitam que a relação conjugal não corresponda às suas expectativas. Esse é um dado muito importante a que devemos ficar atentos: quem será que idealiza mais o casamento? Será o homem ou a mulher?

Nos resultados não foram encontradas diferenças relevantes entre os dois grupos etários, entretanto foram constatadas diferenças entre vivências masculinas e femininas em relação às seguintes categorias de análise: desejo de separação, decisão de separação, processo de separação e reconstrução da identidade individual.

Em relação ao desejo de separação e a tomada de decisão de separar-se, em ambas as faixas etárias, o desejo mostrou-se ser predominantemente feminino. Outro dado relevante para o presente estudo, é que a autora constatou que no processo de separação, enquanto as mulheres ressaltaram sobretudo a

vivência da desilusão, da mágoa e da solidão, os homens enfatizaram mais os sentimentos de frustração e fracasso no processo de separação. Na categoria de reconstrução de identidade individual a maior parte dos homens relatou como difíceis os primeiros tempos após a separação. A solidão foi descrita por homens e mulheres, como uma dificuldade a ser enfrentada após a separação.

Enfim, o que podemos considerar essencial para este trabalho, é que por meio dessa pesquisa a autora verificou que há diferenças entre vivências de separação entre homens e mulheres. Diante desse dado, podemos afirmar que é importante conhecer as diferenças de gênero, não só as vivências, como também a sua constituição.

Em razão de majoritariamente as pesquisas estarem voltadas para o campo da feminilidade, creio ser pertinente investigar o tema masculinidade, como ela se constitui, como os homens pensam, reagem, sentem diante dos relacionamentos amorosos, não só como são as vivências, mas como eles reagem diante de um rompimento de uma relação.

Capítulo 2

Identidade, Subjetividade e Masculinidade: A subjetividade masculina e transformação da concepção de masculino.

Nos últimos anos o tema "identidade" tem sido amplamente abordado e debatido tanto por estudiosos da área das ciências sociais, como também por estudiosos da psicologia, da área educacional entre outros. Fala-se de perda ou busca de identidade de um povo, de um indivíduo, de um grupo social. Sem dúvida alguma, estamos vivendo um momento privilegiado de questionamentos, problematização de tudo o que parece preestabelecido e plenamente justificado, momento de incertezas e de dúvidas inclusive quanto à(s) nossa(s) identidade(s) (individual, sexual, social, étnica, nacional), cujos limites são tênues e fugidios.

Perguntamo-nos a todo momento quem somos, qual a razão de nossas vidas, por que agimos desta e não daquela maneira, por que escolhemos esta ou aquela profissão... Estamos vivendo um período de crise da identidade (quem somos, o que buscamos, etc) provocada, de uma certa maneira, pela ideologia da globalização que busca a centralização e homogeneização de tudo de todos. O individual, o genuíno tem ficado perdido no meio de tantas generalizações. Por isso é tão importante levarmos em consideração os estudos de caso, que por si só, dizem algo sobre um indivíduo situado num determinado tempo e espaço.

A constituição da identidade é vista como sendo um percurso constituinte e constituído a partir de uma história de relações, isto é, identidade não significa apenas ser, mas ser situado num determinado tempo e espaço social, no qual a presença do outro é condição para a constituição e afirmação dessa identidade (Siqueira, 1997).

Coracini (2003) assim como Siqueira, partilha dessa visão de identidade, que só é possível através da identificação de um com outros indivíduos. Apesar de apresentar uma visão mais psicanalista do conceito de identidade, Coracini salienta que a identidade se forma ao longo do tempo e está sempre em processo e em formação.

Siqueira (1997) discute alguns elementos para a constituição da identidade de gênero, em especial a masculina. À luz dos conceitos sócio-históricos, a constituição dos sujeitos se realiza nas e pelas relações sociais.

Pode-se considerar que o conceito de identidade traz, pelo menos, três noções implícitas: a) a idéia de igualdade, tal como propalada na modernidade através da declaração dos direitos do homem; b) a idéia complementar de singularidade, ou seja, de que todo homem é único, singular; c) a idéia de que o sujeito singular, portador de uma história pessoal constituída através de suas relações com os outros sujeitos e inscrito no movimento da história, pode se reconhecer sua individualidade (Siqueira, 1997, p.3).

Ainda neste artigo, Siqueira (1997) diz:

Assim a constituição da identidade de gênero inscrita nas trajetórias singulares destes sujeitos, ancora-se nas significações construídas por eles, imersos em suas famílias de origem e essas por suas vez, em uma determinada classe social de uma sociedade situada no tempo e espaço. As relações que estabelecerem com os pais e com os irmãos, além de relações familiares específicas nesse campo, repassaram e possibilitaram determinados sentidos de masculino e feminino. É importante salientar que não se trata de uma mera reprodução de sentidos e práticas, mas, sim, de uma apropriação ativa por parte desse sujeitos que modificam, em parte, as pautas sociais estabelecidas. Essa apropriação, realizada na inter-relação desses sujeitos, implica na internalização destas pautas, basicamente através da internalização dos significados das relações (Siqueira, 1997, p.9).

A apropriação ativa que Siqueira se refere, eu entendo como subjetividade, visto que são produções psíquicas individuais. A construção desse modo de funcionar é pautada pelo social, no entanto não são meras repetições do meio que está inserido. Essa construção genuína pode ou não se assemelhar muitas vezes a um modelo já existente e conhecido, entretanto essa “escolha” diz respeito ao sujeito e a ressonância em que seu meio social reflete no seu funcionamento psíquico.

O modo como cada um entende o que é masculinidade, relaciona-se com o meio social em que se encontra. Todavia acredito que por mais que o meio social influencie sobre o que este indivíduo entenderá sobre masculinidade, acredito nas suas produções psíquicas individuais, que podem ou não ser influenciadas por este meio, o que dá um caráter individual para essa ressonância. Essa produção psíquica individual que sofre em parte, essa ressonância social, entendo e nomeio como subjetividade.

Fazendo um contraponto entre o que entendo por subjetividade e identidade, Ciampa (1990) adverte que o processo de construção de identidade ocorre durante toda a vida do indivíduo, a começar pelo nome do recém-nascido. Neste primeiro momento fica claro que a identidade implica em relações sociais e que é a estrutura social quem fornece os padrões de identidade sendo, portanto, responsável pela política de identidade existente em determinado contexto.

Posteriormente, devido a própria existência física e social do indivíduo são acrescentadas ao conceito de identidade as formas de “personagens”. Tais personagens se referem à papéis sociais, isto é, à “atividades padronizadas previamente”. A identidade passa a se compor da articulação de várias personagens que podem em diferentes momentos permanecer, desaparecer, reascender, progredir ou regredir.

O movimento da identidade, no decorrer da vida, é provocado pelas combinações de igualdade e de diferença, em relação a si próprio e aos outros, que vão constituindo a história individual.

A igualdade de si (“mesmice”) representa o que permanece, o que é estável no decorrer da vida. Ela ocorre através da re-posição de uma identidade pressuposta. Quando o processo de mesmice impede a pessoa de “ser-para-si” se dá o que o autor denomina de “fetichismo da personagem” e conseqüente “identidade-mito” que é a impossibilidade de superar contradições.

A “metamorfose” (modificação de cada personagem em um determinado tempo e espaço) permitiria a superação da identidade pressuposta, produzida pela atividade do indivíduo socialmente normatizada. Esta superação caracterizaria o movimento de morte e vida.

Ciampa (1990) salienta também que a política de identidade na nossa sociedade, muitas vezes, bloqueia a metamorfose impedindo que o homem se torne sujeito de seu próprio destino. A preocupação que o indivíduo tem com o meio social, com a aceitação deste para a sua inserção pode, muitas vezes, dificultar a metamorfose de suas atitudes e seus conceitos ideológicos. Essa estagnação pode estar relacionada com o conforto que o conhecido, o permanente, o estável, trazem para o indivíduo. Essa tentativa de manutenção do patriarcal (patriarcal porque aqui, essa discussão, envolve a masculinidade) sugere uma segurança dos padrões já existentes e conhecidos. O que não podemos perder de vista é que independente da posição que ocupemos, seja ela de metamorfose ou de estagnação, é uma escolha do indivíduo advinda de uma produção psíquica individual.

Apesar do autor utilizar o termo identidade e olhá-la numa perspectiva que engloba uma constante transformação, acredito que o termo identidade pode em algum momento sucumbir o termo subjetividade. O leitor pode confundir-se e acreditar que identidade está ligada somente a um suporte identificatório, a uma reprodução de um modelo social, o que é uma leitura redutiva do termo identidade, tendo como referencial o que foi proposto por Ciampa.

A palavra identificação causa muita polêmica, visto que pode ser entendida como ligada, grudada, não-discriminada de algo, ou alguém. Se nos ativermos ao senso comum, quando estamos identificados a algum objeto, isto pressupõe a uma não diferenciação e conseqüentemente a uma não escolha desse lugar de identificação. O que proponho aqui, é que essa não escolha não existe, visto que o que entendo, que está relacionado com subjetividade, é justamente a escolha. O fato de sofremos em parte, uma ressonância social, diz respeito a essa não determinação, de que o meio social no qual o indivíduo encontra-se inserido, necessariamente o influencia; isto é, o que podemos dizer é que *a priori* não há uma determinação psíquica, do que influencia ou não, os comportamentos, atitudes e ideologias de um determinado indivíduo.

Quando nos referimos à identidade, este termo evoca um caráter mais social do que individual, já quando falamos em subjetividade nos remetemos a um

caráter de ordem mais individual e menos social. Essas associações correlacionadas a esses dois conceitos são quase que inevitáveis, visto que quando estamos falando de seres humanos estamos nos referindo a esse composto híbrido que engloba movimentos individuais e sociais. Esses dois termos se agregam, o que pode gerar uma certa confusão em torno da definição de cada um. Então, para não ocorrer qualquer tipo de confusão, redução ou mesmo sobreposição desses dois conceitos, opto por utilizar o termo subjetividade, mais especificamente, neste capítulo, a subjetividade masculina.

Segundo González Rey (2003) a subjetividade é a forma singular com que o indivíduo apreende a realidade em que vive. Em suas próprias palavras:

As criações humanas são produtoras de sentido que expressam de forma singular complexos processos da realidade. Esses processos são criações humanas que integram diferentes aspectos do mundo em que o sujeito vive, aparecendo em cada sujeito ou espaço social de forma única, organizados em seu caráter subjetivo pela história de seus protagonistas (González Rey, 2003, p.273).

A teoria da subjetividade, assumida pelo autor, se orienta por uma dialética entre o momento social e o individual. O chamado “momento individual” representa um sujeito que está implicado de forma constante no processo de suas práticas, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos. Em outras palavras, o sujeito não é *a priori*, nem é puro reflexo do social, mas representa um momento de contradição e de confrontação com o social e, ao mesmo tempo, com sua própria constituição subjetiva. O sujeito, a partir dessa confluência entre o social e sua própria constituição subjetiva, gera novos sentidos que vão modificando a si mesmo e às suas práticas (González Rey, 2003).

Nessa mesma perspectiva, Figueiredo e Santi (2002) refletem sobre a crise da subjetividade privada na modernidade. Definem a subjetividade privada como sendo aquelas experiências íntimas que ninguém tem acesso a elas. Está ligada a possibilidade de mantermos a nossa privacidade, de nos reconhecermos como livres, diferentes, capazes de experimentar sentimentos, termos desejos e pensarmos independentemente dos demais membros da sociedade.

A subjetividade privada entra em crise quando se descobre que a liberdade e a diferença são, em grande parte, ilusões, visto que o homem ao mesmo tempo que tem capacidade de fazer suas escolhas, percebe que estas não são tão livres e tão diferentes assim. Além disso, ressalto que esta crise da subjetividade advém também, do sujeito querer sentir-se inserido na sociedade, mas atender, ao mesmo tempo, todas as suas “carências” individuais. A necessidade de responder a essas duas demandas (social e individual) promove uma dialética que é geradora também, dessa crise da subjetividade na modernidade atual, e faz parte do que entendemos por subjetividade híbrida.

González Rey (1999), em seu outro livro, salienta que a subjetividade além de ser a constituição da psique no sujeito individual, integra também os processos característicos a este sujeito, em cada um de seus momentos de ação social. Para ele, esses momentos de ação social são inseparáveis do sentido subjetivo que o sujeito atribui deles.

O autor completa lembrando que a subjetividade se expressa em nível social como um constituinte dessa vida social. Esses momentos de expressão são considerados, pelo autor, como subjetividade social. É neste sentido que se situa o processo dialético entre objetividade e subjetividade. Ao mesmo tempo em que o indivíduo internaliza suas vivências sociais (e estas são fundamentais para a significação e os sentimentos atribuídos pelo sujeito subjetivamente), é a partir da subjetividade assim construída, que o indivíduo age socialmente, modificando, transformando e constituindo o social em que está inserido.

Entretanto, González (1999), enfatiza que não são os objetos externos que definem, apenas por seu reflexo, o plano psíquico, produzindo o fenômeno da subjetividade. O que a constitui são as diferentes formas de resposta pelas quais o homem atualiza suas potencialidades a cada um dos momentos de sua ação social, nas quais se organiza e se constitui no nível subjetivo.

É neste processo, como alerta o autor, que ocorre a relação dialética, pois a subjetividade, como sistema constitutivo do sujeito individual, irá se expressar e se reconfigurar face às exigências dos diversos momentos da vida social deste indivíduo. Afirma, ainda, que a subjetividade se desenvolve num processo em que

o externo intervém como um momento constituído do sistema, pois a partir do momento em que ele se internaliza e ganha significado em cada indivíduo, não é mais externo. Em suas próprias palavras:

Al plantearmos la subjetividad como sistema que permanentemente se externaliza, objetivando lo subjetivo, que una vez constituido como forma de lo real, actua sobre la propia subjetividad que lo produjo desde una nueva dimensión y, simultaneamente, al reconocer que lo externo solo actua sobre el sistema en la medida en que se subjetiviza, estamos representándonos la subjetividad como una realidad compleja, constituida simultáneamente em niveles diferentes, dentro de los cuales se integran em formas contradictorias dimensiones que se veían como excluyentes entre si” (González Rey, 1999, p.109).

Ao se considerar a dimensão subjetiva dos fenômenos humanos, segundo o autor, elimina-se qualquer possibilidade de separação do externo com o interno, visto que a partir do momento que o indivíduo se modifica na interação com o meio (interno), ele irá transformar o meio (externo) também; e é neste momento se estabelece à dialética.

González (1999) salienta esta idéia explicando que o social se subjetiza, para converter-se no desenvolvimento pessoal de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que o subjetivo se objetiza, ao converter-se em parte da realidade social; o que para o autor redefine o processo como cultural.

Para finalizar o autor complementa, ao dizer que as necessidades do sujeito estão sempre relacionadas com o processo de auto-organização e da subjetividade, assim como as exigências do cenário social no qual se expressa como indivíduo. Este cenário social, segundo González, aparece como processo permanente de sua condição existencial. Para ele, as necessidades constituídas neste processo correspondem a um caminho, dentro do qual se estrutura a história subjetiva de cada indivíduo concreto, em sua condição social.

Por falar em exigências da condição social de cada um, Siqueira (1997) relata um estudo de caso muito interessante, de uma família de classe baixa. Esta

família foi escolhida por apresentar, ao menos temporariamente, uma condição social peculiar, na qual havia uma inversão na divisão sexual do trabalho. O chefe da família, justamente por encontrar-se desempregado, ocupava-se dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos, enquanto sua mulher trabalhava fora e era responsável pela manutenção financeira do grupo.

Neste artigo, Siqueira juntamente com a escola pública da rede estadual de Florianópolis, realizou visitas domiciliares às famílias das crianças que compunham duas turmas de pré-escola. Nessas visitas identificou que seis famílias eram sustentadas pelo trabalho extra-doméstico das mães, basicamente como empregadas em casas mais afastadas da região circunvizinha, e os pais, desempregados, se ocupavam dos cuidados da casa e da prole. Esta inversão na tradicional divisão do trabalho, oriunda da crise econômica e do mercado de trabalho, a intrigava muito, uma vez que inúmeros pais eram identificados como desempregados e não se ocupavam das atividades domésticas; em sua maioria bebiam e jogavam sinuca nos bares das regiões.

Justamente a fim de investigar o fato de alguns homens “donos-de-casa” estarem se dando bem nos exercícios domésticos, Siqueira tomou como sujeito uma família, mais especificamente um homem (denominado aqui, como Maurício) que, em particular, se autodenominava “dono-de-casa”. Através de um percurso prolongado de observações participantes do cotidiano dessa família é que foram se desvelando as significações atribuídas por este sujeito.

Maurício argumentava que como, tanto ele quanto sua mulher não tinham sequer o 1º. grau completo, só conseguiam empregos nos quais o trabalho é menos qualificado e, conseqüentemente, menos bem remunerado. Quando questionado a respeito do fato de desempenhar as atividades domésticas e, ao mesmo tempo, não gostar que suas filhas façam “coisas de menino”, como soltar pipa, ele justifica dizendo que as atividades que ele opera fazem parte do serviço, fazem parte da prática do serviço, isto é, o trabalho doméstico “não difere” do executado no espaço extra-doméstico, é trabalho da mesma forma ; no entanto soltar pipa é brincadeira de menino. Segundo Maurício, a maioria dos homens do

bairro não executa qualquer atividade doméstica em função do “*machismo*”; para eles seria uma ofensa.

No que se refere ao discurso do sujeito, encontramos alguns elementos contraditórios coexistem gerando práticas e enunciados ambíguos. Quando ele parece “avançar”, na medida em que assume atividades consideradas femininas no campo doméstico, isso não quer dizer que o faça homogeneamente. Ao argumentar que ele “não é viado”, pois tem seis filhos, relaciona a masculinidade com a paternidade. Esta relação encontrada é a mesma no que diz respeito à feminilidade, que geralmente no senso comum, é associada à maternidade. Maurício continua entendendo o fato de um homem ter mais de uma mulher ao mesmo tempo, como fazendo parte da natureza masculina: “*Tá no sangue*”, ele argumenta; apesar de inovar no campo do trabalho doméstico.

Um aspecto que devemos considerar curioso e relevante é o fato de que, ao mesmo tempo em que o sujeito apresenta muitas vezes um discurso reducionista, (machismo, o homem como tendo necessidade da poligamia) ele próprio se intitula um “dono-de-casa”. Segundo Siqueira:

(...) desconsiderar seus pequenos avanços cotidianos, no entanto, é desconsiderar o caráter dinâmico e contraditório da própria realidade e pensá-la linearmente em termos de progressos, tendo como diretriz uma meta pré-determinada, ou seja, é manter a análise restrita a um paradigma positivista e teleológico. (Siqueira, 1997, p.9).

Nessa perspectiva Saad (2005) faz uma ressalva, dizendo que precisamos estar atentos à reprodução acrítica tanto do discurso machista quanto do feminista, visto que isto nos prejudicaria na apreensão e compreensão das possíveis transformações do que se entende por masculinidade e feminilidade. A discussão sobre os avanços da concepção de masculino está, muitas vezes, impregnada de um certo machismo correlacionado e confundido com masculinidade.

Saad (2005) define o homem machão como autoritário, dominador, potente, competitivo, provedor que considera a mulher como objeto de prazer, que jamais contraria suas falas e decisões. Ele espera da mulher total submissão. No entanto,

podemos dizer que o machismo nem sempre está associado ao masculino. No início do século XIX, os padrões de comportamento masculino eram mais rígidos, uma vez que estava muito bem delimitado o que fazia parte desse papel. Atualmente, há uma certa maleabilidade por parte desses homens dada a grande pluralidade de papéis que a modernidade traz consigo.

Ceccarelli (1998) faz uma discussão sobre a crise da masculinidade e ressalta que masculinidade e feminilidade são noções dependentes das formas culturais dentro das quais tais noções emergem. Em outras palavras, diz que esses conceitos estão longe de serem realidades objetivas calcadas meramente em elementos anátomo-biológicos, são antes construídas num espaço social. Mesmo nas sociedades mais primitivas são adquiridas através de rituais de passagem, onde os meninos devem tornar-se homens, guerreiros.

Segundo a experiência clínica do autor o menino se dá conta que pertence ao gênero masculino, isto é, se posiciona simbolicamente como homem, a partir da relação que este tem e teve com seu pai. O primeiro contato com o social, é a família, e no caso especificamente do menino, é o pai que faz essa ambiência sobre o que é ser masculino.

Ceccarelli (1998) relata que é crescente o número de crianças, principalmente de meninos, que são encaminhados para a terapia por apresentarem “problemas” de gênero; por vezes apresentarem comportamentos ditos “femininos”. Estes problemas se relacionam, de um modo geral, a qualidade da relação destas crianças com a figura masculina e, conseqüentemente, a possibilidade paterna de servir, ou não, como modelo (suporte identificatório). Segundo o autor, esses pais, portanto, encontram-se um tanto quanto angustiados, principalmente porque suas esposas “cobram” isto deles, que precisam ensinar aos seus filhos como serem “homenszinhos”. Entretanto, esses pais, estão em crise em relação às referências sociais da masculinidade às quais eles não conseguem corresponder, o que gera muita angústia.

Ceccarelli diz que a palavra “crise”, e mais especificamente a crise da masculinidade, tem uma conotação positiva, pois traduz uma abertura para uma

nova concepção da questão. Traz uma mudança, que naturalmente é geradora de angústia, mas que revela um novo modo de ser (masculino).

Matos (2001) focaliza sua análise e discussão sobre as sensibilidades e masculinidades, particularizando a subjetivação dos sentimentos amor/dor e sua diferenciação/especificidade no masculino. Para isso faz uma retomada na produção histórica e discute a categoria masculinidade hegemônica, para posteriormente analisar a produção musical (foco privilegiado para captar as sensibilidades masculinas) já que, nas composições, os homens se permitem falar livremente de suas dores, angústias e de outros sentimentos.

Neste artigo, o autor faz uma discussão muito pertinente sobre a masculinidade hegemônica que explicita bem, o que certos homens, ainda hoje, acreditam ser masculinidade. A masculinidade hegemônica, nos anos 40 e 50, projetava que homens deviam ser sempre fortes, capazes, práticos, objetivos, ter iniciativa e sucesso profissional, isto é, modelavam o homem segundo a concepção de virilidade. O trabalho e o sucesso profissional serviam como medida no julgamento de si e dos outros, vinculados à competitividade e à própria ética do provedor (o homem capaz de sustentar sua mulher e seus filhos).

O trabalho, a virilidade e a paternidade reforçavam-se mutuamente, consolidando o modelo de autoridade e de poder a ser desempenhado pelos homens. As próprias mulheres (mães e esposas) educavam seus filhos para trabalhar, sustentar uma família, não chorar e gostar de futebol, garantindo assim a perpetuação dessa categoria: a masculinidade hegemônica.

Saad (2005) quando discute sobre o poder masculino, diz que seu símbolo é o pênis. O falo, representado pelo pênis (que quanto maior melhor) é o centro de onde emana o poder. Segundo a autora, isto pode ser observado tanto nos cultos fálicos da Antiguidade como nas expressões artísticas na Grécia Antiga. As lágrimas e as expressões de sentimentos são consideradas fraquezas de mulher, afinal *homem que é homem não chora*.

Ainda hoje, segundo Matos (2001), esse modelo hegemônico é sustentado e mantido por grande parte do vasto segmento dos homens e mantido também por boa parte das mulheres. Tal hegemonia masculina pressupõe uma certa

configuração feminina, que estabelece uma bipolaridade linear, promovendo a manutenção da naturalização do autoritarismo masculino. De acordo com Matos (2001), a masculinidade hegemônica:

Constrói uma ação que cria e recria, transforma e re-significa, provocando rupturas ou permitindo a continuidade e a legitimação das idéias predominantes. Assim, esse processo contém a luta contínua que envolve marginalização, contestação, mobilização, resistência e subordinação. (Matos, 2001, p.50)

Ao falar em transformações e quebra de padrões Saad (2005), salienta também, a mudança no comportamento feminino. Atualmente, a mulher tem dupla ou tripla jornada de trabalho, recebe um salário desigual e muitas vezes tem convivência com um homem que nem sempre a auxilia nos afazeres domésticos.

O movimento feminista, segundo a autora, ameaçou a sobrevivência dos homens dinos³. A liberdade sexual, o acesso ao trabalho, o investimento na educação, a conquista de cargos políticos, a diminuição do número de filhos e os casamentos tardios, vem obrigando os homens a repensar seus comportamentos e crenças frente às mulheres e a si mesmos. Com a revolução tecnológica o homem não precisa mais madrugar para ir a caça de cada dia; a lei do mais forte foi substituída pela lei do mais talentoso (Saad, 2005).

O homem que a mãe preparou e as tias do colégio confirmaram, já não sabe mais quem é, e isto se deve às demandas impostas pelas avanços sociais e pela nova mulher (Jablonski, 1995, apud Saad, 2005 p. 4)

Nesta reflexão acerca da relação entre gêneros, Saad (2005) aponta as representações e os símbolos da condição masculina e feminina na nossa sociedade, seus estereótipos e as mudanças ocorridas nos últimos tempos. Os papéis do homem e da mulher atualmente não estão preestabelecidos, entretanto

³ Termo utilizado por Saad para referir-se ao homem dinossauro que seria aquele homem que fala palavrões, trata a mulher como objeto, não leva em consideração seus desejos e opiniões, despreza sua companhia quando a televisão exibe jogos de futebol, cobiça a mulher do próximo, cobra fidelidade, entre outras coisas. (2005, p.4)

com a tendência de manter padrões já conhecidos, há ainda muitos estigmas e estereótipos envolvendo as questões masculinas e femininas. Com o decorrer dos anos, os indivíduos estão, cada vez mais, tendo que lidar com situações um tanto quanto peculiares o que demanda, por parte desses indivíduos, uma certa pluralidade de pensamentos e atitudes para lidar com as vicissitudes cotidianas.

De uma outra maneira a autora, ao final do artigo, conclui que o caráter singular e enigmático da condição humana (manifestação entre natureza e cultura) não permite a apresentação de padrões rígidos e definidos de relações.

Concordo com esta visão, em razão de acreditar que padrões muito delimitados, como o que é esperado do homem para que seja reconhecido como masculino, ocasionam aprisionamento de atitudes, valores e idéias. Este aprisionamento, por sua vez, gera um certo desconforto frente ao Homem que é complexo, múltiplo de desejos e escolhas e que por encontrar-se nesse determinado século e cultura, se permite dar vazão a toda essa plasticidade que o acompanha nas mudanças do desenrolar do tempo.

Um outro artigo que abarca a metamorfose do homem contemporâneo é a discussão que Costa (2003) faz, correlacionando saúde e masculinidade. Neste artigo o autor discute que os cuidados com a saúde e à procura por médicos se diferenciam entre homens e mulheres. Essa diferença se dá pelo fato de que muitos homens ao alocarem características como força, assertividade e não-vulnerabilidade (associadas à masculinidade hegemônica), levam um menor cuidado à saúde e por conseqüência uma menor procura aos médicos, uma vez que esse cuidado e essa procura estariam relacionados a uma fraqueza. No entanto, essa pesquisa apontou também que essas atribuições podem ser contestadas ou mesmo modificadas.

Foram entrevistados 21 homens, onde a maioria tinha idades entre 26 e 35 anos, sendo que o mais jovem tinha 20 anos e o mais velho, 50 anos. Antes da entrevista, Costa (2003) aplicava um pequeno questionário para colher dados sociodemográficos, a fim de categorizar melhor a sua amostra. Os resultados apontam que todos os entrevistados afirmaram concordar com a afirmação de que as mulheres procuram mais médicos que os homens. Um dos sujeitos considera

que as mulheres apresentam uma maior iniciativa para a prevenção de doenças uma vez que são mais vaidosas; e que essa falta de prevenção por parte dos homens, está relacionada com eles serem mais assertivos, mais forte e tolerantes, visto que acumulam os problemas para resolvê-los todos de uma vez só; agüentam mais dor. A consideração da ida mais freqüente da mulher ao médico, como uma atitude positiva, seja porque é uma forma de prevenção, seja porque indica que as mulheres têm consciência dessa necessidade, esteve presente nas falas de alguns entrevistados. Para estes, as mulheres procuram mais os médicos, porque são mais inteligentes, mais espertas que os homens; porque os homens são "machistas" e acham que nunca vão ficar doentes.

Fazendo um apanhado dos relatos, o autor conclui que, na visão dos entrevistados os problemas de saúde dos homens encontram-se relacionados a partes do corpo sem referência à sexualidade (problemas na barriga, no braço, no coração etc.), enquanto que os problemas de saúde das mulheres são referidos aos próprios órgãos sexuais e reprodutivos.

A partir desses dados colhidos, podemos enfatizar que os esteriótipos de masculino e feminino ainda estão muito presentes, até na área da saúde. O fato de alguns entrevistados afirmarem que os maiores problemas de saúde sofridos pelas mulheres estão ligados aos órgãos reprodutivos, por exemplo, pode sugerir um ideal machista de que as mulheres são mais frágeis e os homens são mais viris, agüentam mais as dores ou ainda tem menos problemas relacionados à saúde. Outra hipótese, que podemos levantar, é a de que o sistema reprodutivo masculino é mais conhecido, mais explorado pelos homens, ao passo que as mulheres exploram menos devido talvez a internalidade desses órgãos, o que pode levar mais essas mulheres ao cuidado com a saúde. Essa maior procura das mulheres aos médicos, no caso, aos ginecologistas, levaria os homens a fantasiar de que seus órgãos genitais são mais simples, requerem menos cuidados, enquanto talvez pelos órgãos sexuais femininos serem internos, levem esses homens, a pensar que os órgãos femininos são mais complexos e necessitam de mais cuidados.

Independente de qual for o norteador dos pensamentos dos homens, podemos verificar que o machismo ainda está associado à masculinidade hegemônica o que fica evidente no discurso dos homens, pelo menos nos homens dessa pesquisa.

Entretanto, concordo com o autor quando ele diz que não podemos deixar de ressaltar as pequenas mudanças nos comportamentos dos homens, por menores que sejam essas mudanças. Por exemplo, a afirmação de que as mulheres procuram mais os médicos porque são mais inteligentes e espertas, remete as idéias a respeito do “novo homem”, que enfatizam que os homens também são prejudicados ao cumprirem às exigências da sociedade. Ou melhor, são prejudicados pelo papel tradicional frente às expectativas sociais que “não permitem” demonstrações de afeto, fraqueza, dependência, cuidado de si etc.

Pelo que podemos perceber em algumas pesquisas é que novas configurações vão se estabelecendo sobre o que faz, o que deixa de fazer, e o que fará parte do que atualmente entende-se por masculinidade, a partir de influências históricas e culturais. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, a abordagem sócio-histórica auxiliará este trabalho, tendo em vista que a concepção de homem e sua complexidade polimórfica está “amarrada” na sociedade e na cultura que estão em constante transformação. Modificando valores, signos e condutas, a sociedade, por sua vez, “exige” uma reformulação concomitante do homem, de suas propostas, ações e sentimentos. O imprescindível de toda essa transformação é considerar a subjetivação pelo ângulo de sua produção por instâncias individuais, coletivas e institucionais.

A subjetividade, bem mais que autonomia, carrega a noção de “sujeição”, criando a idéia de que é fabricada e modelada pela sociedade e pela cultura. Todo esse processo de singularização está sujeito à coerção social e aos modelos culturais hegemônicos. Entretanto entende-se, também, que os indivíduos são agentes de sua própria história. Essas ações e escolhas, embora não sejam ilimitadas, abrem espaço para a construção de algo novo. Essas múltiplas escolhas, que implicam num permanente desenvolvimento da subjetividade, trazem consigo complexas contradições e tensões (Matos, 2001). Por isso,

podemos dizer que a subjetividade masculina é um composto híbrido de características individuais e sociais.

Concebendo essa dialética (subjetividade masculina x construção social, cultural e histórica), os homens que atendem às exigências sociais são valorizados e os outros que, por alguma razão, não seguem essas exigências, são vitimizados. É essencial a superação desses pólos destacando, assim, a necessidade de mais estudos críticos sobre os estereótipos masculinos, a construção da masculinidade e o porquê da manutenção das hegemonias masculinas ligadas ao poder e seus abusos.

Anteriormente a esses estudos, é indispensável estudar, se aprofundar e desvelar aspectos da subjetividade masculina, até mesmo para poder entender, um pouco mais, a sociedade e a cultura na qual o Homem está inserido. Essa questão central é o que o presente estudo pretende investigar; mais especificamente, os sentidos e os significados masculinos no rompimento de uma relação amorosa. Quanto mais estudos reflexivos sobre a configuração da subjetividade masculina, em relação ao amor, forem realizados, maior será a contribuição para o vasto campo masculino, ampliando, assim, o modo como os homens sentem, percebem e se comportam diante das vicissitudes do convívio amoroso.

Capítulo 3

Pressupostos teóricos metodológicos na abordagem Sócio-Histórica

- **Pressupostos teóricos**

Para entendermos um pouco melhor a teoria da psicologia sócio-histórica devemos estar atentos ao processo de transformação da concepção de homem no decorrer dos anos.

Em oposição ao pensamento feudalista do século XII (período em que a produção e a organização social se desenvolviam em torno da posse da terra, que determinava a posição de cada um na sociedade) emerge o Liberalismo. Um dos elementos centrais deste novo pensamento é justamente a valorização do indivíduo – o individualismo (Bock, 2001). Como destaca a autora, foi neste momento em que o Homem se viu diante da possibilidade ser, pensar e agir. É esta possibilidade de escolha que Bock aponta como essencial para o nascimento de uma noção de indivíduo.

O Liberalismo floresceu com o sistema capitalista, e é neste período que surge e toma força a idéia de um mundo interno aos sujeitos e a valorização da existência de componentes pessoais; Essas idéias fazem emergir um sentimento de *eu* nos indivíduos, o que leva à necessidade de uma ciência que estude esse fenômeno.

No século XIX a ciência é caracterizada como sendo positivista, racionalista e observável e é precisamente em 1875 que Wundt instaura a Psicologia, que justamente por sofrer influências das concepções da época, já carregava as contradições. O surgimento da Psicologia foi desdobrando inúmeras abordagens (Gestalt, Comportamentalismo, Psicanálise entre outras) que pensavam o homem de diferentes maneiras. Entretanto, todas essas abordagens estavam muito polarizadas e não davam conta de compreender o Homem e seu contato com o mundo real. Nenhuma delas superava as perspectivas mecanicistas e deterministas presente já em Wundt. Aos poucos, as diferenças entre essas

visões sobre o Homem, foram sendo reformuladas e repensadas a partir das seguintes contradições: psíquico/orgânico, natural/social, autonomia/determinação...

O que foi se percebendo é que, enquanto “as psicologias” não pudessem admitir os aspectos contraditórios do fenômeno psicológico, não ocorreria um avanço no que diz respeito a sua compreensão.

É neste momento que surge a Psicologia Sócio-Histórica que toma como base a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (1896-1934), e fundamenta-se no materialismo histórico-dialético. A dialética reflete as próprias contradições do mundo material que ao mesmo tempo que o homem é ativo, social e histórico está sujeito às limitações dessa realidade; ao mesmo tempo em que transforma essa realidade material, é transformado por ela (Vigotski, 1998). Segundo Bock (2001) assumir esse movimento contraditório e dialético é poder enxergar a universalidade do fenômeno psicológico. E é justamente o que a psicologia sócio-histórica apresenta: a possibilidade de superação das visões dicotômicas do fenômeno.

Bock (2001) quando fala em fenômenos psicológicos diz que anteriormente eram considerados como inerentes ao homem, como atributos humanos desde o momento do nascimento – estando lá, como possibilidade de ser. Era visto como algo que devia ser fertilizado pelo afeto e estimulações adequadas do meio externo (por exemplo, um bom relacionamento/ vínculo com a mãe nos primeiros meses de vida), e que estava pronto pra desabrochar. Em outras palavras, são potencialidades que se atualizam, se adaptam ao mundo externo.

Essa visão naturalista dos fenômenos psicológicos (fenômenos que se abrigam no corpo e que não se tem muito controle, isto é, fenômenos naturais) retiraria do social qualquer influência no processo de subjetividade o que seria um equívoco. O que permitiu a superação dessa visão foi a influência da psicologia sócio-histórica que abandona a visão abstrata do fenômeno psicológico em detrimento de pensá-lo como algo construído através da interação do homem com o social. Deve ser visto e considerado como algo que reflete a condição social, econômica e cultural em que vive o homem. O fenômeno psicológico deve ser

entendido como construção no nível individual do mundo simbólico, que é o social. A autora ainda completa:

...falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do 'mundo interno', pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo, e este por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem (Bock, 2001, p.22).

Outro aspecto que a teoria sócio-histórica descarta, como ainda destaca Bock, é a afirmação de que o homem e o fenômeno psicológico são sementes que se desenvolvem e desabrocham. Este erro acaba construindo uma Psicologia descolada da realidade social e cultural, acarretando o ocultamento dos processos sociais que interferem diretamente no fenômeno psicológico.

De acordo com esta visão é que escolhi essa abordagem para nortear o meu trabalho, visto que a partir da fala do sujeito buscarei compreender os sentidos e significados atribuídos ao fim de seu relacionamento amoroso, tentando compreender a constituição de sua subjetividade que está alicerçada no meio social em que se encontra. E é justamente por partilhar da mesma visão da sócio-histórica, de que as relações sociais são as peças chaves para a construção da subjetividade, é que busco investigar este composto híbrido (individual e social) que é subjetividade humana e que pode ser apreendida através do discurso, da fala.

Vigotski (1998a) admite a linguagem como sendo uma forma de expressão do pensamento. Diz que é através dela que fazemos uma interação com o meio social. Entretanto, adverte que a atividade cognitiva não se limita ao uso de instrumentos ou signos. Os instrumentos seriam tudo aquilo que modificam o ambiente e o signo seria a mediação da elaboração interna. A função psicológica superior, por sua vez, seria a combinação entre o instrumento e o signo, na qual atinge o nível das palavras, da linguagem e da memória.

Quando a criança ainda é muito pequena, ela necessita do signo externo para se adaptar ao mundo. Mais tarde quando ela começa a perceber que aqueles movimentos externos falam de um movimento interno é que ela começa a reconhecer aquilo como dela, ou seja, ela começa a perceber a existência do seu mundo interno. Podemos dizer então, que as funções psicológicas superiores se dão nas relações reais entre os indivíduos. Segundo Vigotski (1998a) é nesse momento que a criança começa adquirir a noção de *eu*, que o processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. E o resultado dessa transformação se dá através de uma longa série de eventos ocorridos ao longo de desenvolvimento.

Em outras palavras, Vigotski admite a importância do social na constituição da subjetividade, ou seja, é através das relações interpessoais que adquirimos o mecanismo de abstração dessa realidade simbólica. Adverte também, que esta forma de abstração, por mais que se trate do mesmo contexto social e histórico, é única e genuína de cada indivíduo particular. Essa dialética de transformar e ser transformado, diz respeito ao caráter híbrido (produção subjetiva genuína e coletivo) da constituição da subjetividade.

Nesta mesma perspectiva, Aguiar (2001a) atribui ao fator psicológico essa capacidade de registrar a experiência e a relação que mantém com o ambiente social e cultural. Entretanto salienta que esse registro não se dá de forma passiva, muito pelo contrário, se dá de forma ativa (manifestada através das ações de transformações do meio) e criativa. Criativa, pois, segundo a autora, é uma possibilidade subjetiva de produção e transformação emergida a partir da relação com o social, ou seja, o homem internaliza de forma criativa as experiências adquiridas em seu meio sócio-cultural.

O homem, ao internalizar alguns aspectos de estrutura da atividade, internaliza não apenas uma atividade, mas uma atividade com significado, com um processo social que, como tal, é mediatizado semioticamente ao ser internalizado (Aguiar, 2001a ,p.102).

Complementando esta idéia é importante frizar que toda a atividade internalizada, e conseqüentemente construtora do processo de subjetividade, não pode ser compreendida e analisada deslocada de um significado, um sentimento e uma emoção. A emoção é um elemento constitutivo da consciência humana que, junto com o pensamento e a linguagem, compõe as dimensões fundamentais de compreensão da consciência. Mas, a autora relembra, que a emoção sempre tem uma natureza social e um caráter comunicativo.

As dimensões acima apontadas tomam vida, sobretudo através da linguagem (Aguiar, 2001a). Para compreender e situar a importância da linguagem no sentido, no significado e no pensamento das atividades humanas, bem como no processo de constituição da subjetividade, é fundamental retomar a teoria proposta por Vigotski sobre como se constitui a realidade psíquica de cada indivíduo.

Ao situar a importância da fala e do pensamento Vigotski (1998b) alerta para a necessidade de considerá-los como processos dependentes entre si, pois pensados separadamente não possuem a propriedade de uma totalidade. O pensamento se exterioriza através da fala que só existe porque há um pensamento por trás que lhe dá vida. O autor dá o nome dessa relação de pensamento verbal ou fala significativa. Salienta ainda, a rede de relações existentes entre pensamento e palavra, assim como sentido e significado. O significado de uma palavra é um fenômeno do pensamento quando é expresso através fala, quando não, é um fenômeno da fala se, somente se, estiver ligado a um pensamento. Em outras palavras, o significado das palavras é um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significativa, ou seja, é a união do pensamento e da palavra.

No que diz respeito ao sentido das palavras Vigotski (1998b) afirma que ele vai se alterando, bem como suas formas (significações) e o modo pelo qual nos expressamos (palavras).

No que se tratando de palavras, expressões, o autor define, a fala exterior como sendo aquela fala expressa através do som que permite nos comunicarmos e, salienta também, que para apreendermos melhor a relação entre palavra e

pensamento devemos ir além desta fala e buscarmos a fala interior que seria a fala pra nós mesmos, aquela que não possui fonética e é a matriz dos fenômenos psicológicos. A fala sem fonética se interioriza em pensamento e nesse sentido, as palavras morrem, à medida que vão se tornando pensamento; ao contrário da fala exterior que traduz o pensamento em palavras. Contudo, independente do tipo de fala, ambos os movimentos estão sempre a serviço de uma orientação mental.

Vigotski (1998b) destaca ainda que na fala interior, o indivíduo capta as vivências exteriores relacionadas a atividades em sociedade e transforma-as em processos internos, relacionando-os com pensamentos que organizam e direcionam face a novas vivências; é uma fala pra si mesmo, um monólogo no qual o único responsável por sua compreensão é o próprio indivíduo. Já na fala que é expressa, o sentimento de compreensão é fundamental, visto que esse tipo de fala envolve um diálogo, no qual a escuta e troca fazem parte. Entretanto o autor distingue esse dois tipos de fala, dizendo que o fenômeno da fala para si apresenta uma função totalmente diferente e independente da fala externa. Diferentemente desta, a fala interior opera quase sem palavras, e mesmo usando-as, não as expressa através do som. A principal característica da fala interior é o predomínio do sentido de uma palavra sobre o seu significado (Vigotski, 1998b).

Segundo Paulhan (*apud* Vigotski, 1998b), o significado é apenas uma das zonas de sentido e caracteriza-se por ser a mais estável e precisa. O significado permanece estável mesmo com todas as alterações de sentidos que uma palavra possa vir a ter. Já o sentido, Paulhan (*apud* Vigotski, 1998b) coloca que é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta na consciência. A palavra adquire determinado sentido somente no contexto em que surge. Vigotski (1998b) salienta que uma palavra colocada em contextos diferentes pode ter seu sentido alterado.

A partir de Vigotsky (...) o significado, que é social e objetivo, é apropriado pelo sujeito a partir de sua atividade, o que implica uma subjetividade própria de cada sujeito, o que se expressa na atribuição de sentidos pessoais. Os sentidos representariam a síntese entre a objetividade e a subjetividade, já que unificam a atividade do sujeito sobre o objeto, o significado social, produzido

intersubjetivamente e que representa a atividade sobre o objeto e a subjetividade a sua dimensão emocional (subjetiva) e ativa (objetiva). (Gonçalves, 2001b, p. 72 e 73).

Em outras palavras, Gonçalves (2001b) diz que o significado é mediado, portanto, pelo sentido, sentido este que é mais amplo que o significado, o qual é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e fixa. O sentido, por outro lado, é a articulação de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência.

Podemos dizer, então, que é por meio da palavra, da análise do discurso, que apreendemos os aspectos cognitivos/afetivos/volitivos constitutivos da subjetividade.

Vigotski (1998b) complementa dizendo que, o sentido de uma palavra difere do significado principalmente por sua capacidade de modificar-se. Cada situação pode denotar um sentido diferente para uma mesma palavra e, dependendo de cada indivíduo que a emprega, esse sentido também pode ser diferente. O autor ainda afirma que a palavra e o sentido são muito mais independentes entre si do que a palavra e o significado. O sentido não se liga necessariamente a cada palavra. Ao constituir-se uma frase, o sentido atribuído será da frase como um todo, e não de cada palavra isoladamente.

Nesse sentido, o predomínio do sentido sobre o significado da frase e das palavras, bem como o predomínio do contexto sobre a frase, constituem a regra da fala interior. Na fala para si mesmo uma única palavra pode estar saturada de sentido, que na fala exterior demandaria uma série de palavras para expressar esse mesmo sentido que uma só palavra evoca. Isso leva a conclusão de que a fala interior é de difícil tradução para o idioma da fala exterior (Vigotski, 1998b).

Para se aproximar da fala interior é necessário compreender o processo que constitui o pensamento que, segundo Vigotski (1998b), faz parte de um plano mais interiorizado que a fala para si mesmo. De acordo com o autor, o fluxo do pensamento não é acompanhado por uma manifestação simultânea da fala; o pensamento tem sua própria estrutura. Fala e pensamento são processos distintos nos quais, entre eles, não há uma correspondência rígida. Contudo em todas as

frases ditas há necessariamente algum tipo de subtexto (pensamento), e que uma só frase pode expressar diversos pensamentos.

Na fala, o pensamento estabelece uma seqüência para ser apreendido, já na mente ele se apresenta em sua totalidade. O pensamento, como um todo, não tem um equivalente imediato em palavras, mas para ser expresso deve passar por um significado.

Neste processo de expressar o pensamento, passa-se primeiramente pelo significado e depois pelas palavras, o que demonstra que sempre por detrás do discurso há um pensamento oculto que pertence, por sua vez, a individualidade de cada um. O pensamento é constituído a partir de vivências pessoais e dos sentidos atribuídos a essas vivências. Segundo Vigotski (1998b), o pensamento é gerado por uma motivação, por nossas necessidades, desejos, interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva.

Nesta perceptiva, o autor afirma que a prática do psicólogo (incluindo o psicólogo pesquisador) deve ser compreender a fala do indivíduo como também o que está por detrás dela, isto é, seu pensamento. Mas, segundo Vigotski (1998b), nem isso é suficiente, é preciso conhecer também, sua motivação. Para ele, nenhuma análise psicológica estará completa se não atingirmos este plano.

- **Pressupostos metodológicos**

Gonçalves (2001a), aborda os principais fundamentos científicos metodológicos da psicologia sócio-histórica. A autora faz um apanhado histórico da transformação da concepção de homem, que vem sendo modificada desde o feudalismo, até chegar à compreensão de como a abordagem sócio-histórica entende, enxerga o homem, atualmente.

Fazendo um apanhado desde o feudalismo até a pós-modernidade, considera-se que a concepção de homem, juntamente com as diversas transformações sociais, sofreu muitas alterações.

Ainda segundo Gonçalves, o século XIX é caracterizado como o século das contradições. Com a modernidade, a relação sujeito-objeto surge de maneira contraditória, dada a própria contradição histórica do capitalismo.

A idéia de transformação está presente desde o início do século XIX, que é quando a sociedade se modifica com a revolução industrial e as revoluções burguesas. Até as ciências naturais (geologia, física química, biologia) se transformam; o fundamento dessas ciências acaba, por sua vez, refletindo a realidade que é, por si só, contraditória. A noção metafísica do ser opõe-se à noção dialética de que todas as coisas estão em constante transformação. Essa nova concepção dialética é que permitirá superar a dicotomia sujeito-objeto.

Esse processo inicia-se com Hegel que se contrapõe às posições empiristas e à posição kantiana (posição racionalista) e institui as bases de um novo método que unifica os contrários, ao invés de confrontá-los dicotomicamente. Sem confundir os “contrários” (essência x aparência), mas também sem separá-los, Hegel indica a possibilidade de conhecer o objeto e suas mediações, isto é, conhecer para além do dado imediato. É nessa maneira de conhecer, que o sujeito tem um papel fundamental, que busca, através da razão, o movimento de revelação das mediações que consistem o objeto.

Nessa perspectiva, o materialismo histórico dialético, no qual fundamenta-se a psicologia sócio-histórica, salienta a importância do sujeito ativo, como em Hegel, mais salienta ainda a existência objetiva do objeto.

Nas palavras de Gonçalves (2001a):

(...) na concepção materialista, sujeito e objeto têm existência objetiva e real e, na visão dialética, formam uma unidade de contrários, agindo um sobre o outro. Assim, o sujeito é ativo porque é racional, mas não só. Antes de mais nada, o sujeito é sujeito da ação sobre o objeto, uma ação de transformação do objeto. A ação do sujeito transforma o objeto e o próprio sujeito. E essa ação do sujeito é necessariamente situada e datada, é social e histórica (...) (Gonçalves, 2001a, p.121).

Na pós-modernidade, a noção de sujeito fora ampliada (morte do sujeito racional, recuperação do sujeito emocional e integral) e, conseqüentemente, a noção de objeto fora revista também, a partir dessa nova concepção de homem.

Relativizando essa noção sujeito-objeto, isto é, abandonando uma concepção positivista e racionalista cartesiana surge uma nova visão de pressupostos metodológicos que agora, podem abarcar a dialética.

González Rey (1999) afirma que através das contradições advindas da própria realidade material, o processo de conhecimento vai se produzindo e produzindo novas formas de sentido sobre o real. E essas novas formas dizem algo sobre como o homem se configura dentro de um panorama sócio-cultural e de como ele utiliza o conhecimento humano adquirido, através de pesquisas qualitativas.

A relação entre realidade e conhecimento, expressa, segundo o autor, uma posição materialista dialética, dentro do qual em nenhum dos momentos esse relação chegará ao esgotamento, dando lugar progressivamente a novas formas qualitativas de relação e de pesquisa.

A metodologia de análise desta pesquisa privilegia os aspectos qualitativos, como forma de produção de conhecimento. González Rey (1999) defende a necessidade de adoção de um modelo qualitativo. Para o autor, a transição de uma epistemologia quantitativa para uma qualitativa equivale à passagem de uma epistemologia de resposta de orientação positivista, para uma epistemologia da construção.

A pesquisa qualitativa se orienta na legitimação do aspecto processual da construção de conhecimento, isto é, neste tipo de pesquisa o conhecimento é visto como uma produção em constante transformação. Já na perspectiva quantitativa, os dados obtidos, expressam diretamente o que entende-se por um outro tipo de produção de conhecimento. Em outras palavras, na epistemologia quantitativa, a coleta de dados leva a uma análise apenas descritiva e objetiva por parte do investigador, o que, de acordo com o autor, elimina quaisquer possibilidades de apreender a subjetividade de cada indivíduo, de como ele interioriza, transforma, reage e experimenta a realidade social em que se encontra.

O processo de construção de conhecimento, dentro da perspectiva qualitativa, considera os dados obtidos como elementos essenciais, dotados de sentidos. González Rey (1999), salienta que, a epistemologia qualitativa define-se como um processo de conhecimento aberto que requer formas muito complexas para compreender o fenômeno estudado. A investigação do objeto de análise deve buscar traduzir os sentidos atribuídos por uma pessoa, que retratam uma realidade em desenvolvimento. O autor destaca ainda que, as zonas de sentido e sua ação sobre a realidade, representam direções estáveis de produção de conhecimento, que permitem diversas formas de construção teórica sobre o real, sua complexidade e suas contradições.

Vigotski, ao considerar a complexidade do objeto de estudo da Psicologia Sócio-Histórica, apontava a necessidade de um método capaz de compreendê-lo, apreender seu processo de constituição e seus processos internos, levando em consideração o contexto em que está inserido (Aguilar, 2001b).

Nessa perspectiva, González Rey (1999) defende a necessidade da adoção de um modelo qualitativo. Para o autor, a transição de uma epistemologia quantitativa para uma qualitativa equivale à passagem de uma epistemologia da resposta para uma epistemologia da construção, pois numa perspectiva qualitativa o conhecimento é visto como uma produção constante do processo de construção. Já na perspectiva quantitativa, a coleta de dados leva a uma análise apenas descritiva e objetiva por parte do investigador, o que, segundo González, elimina qualquer possibilidade de perceber as idéias de cada indivíduo, que são verdadeiras responsáveis pela construção do conhecimento. Sendo assim, cabe ao pesquisador ultrapassar as formas de significações presentes nas falas/expressões do sujeito e ir em busca das determinações (históricas e sociais), que se configuram no plano das motivações, necessidades para chegar ao sentido atribuído/constituído pelo sujeito.

O autor salienta ainda que o papel do pesquisador não consiste simplesmente em descrever a realidade, mas explicá-la, em ser produtor de um conhecimento; a pesquisa deve ser vista como um processo construtivo/interpretativo. O conhecimento é visto, portanto, como uma construção

do pesquisador. Neste sentido então, González Rey (1999) aponta a impossibilidade de uma pesquisa baseada na neutralidade, pois há a interação entre pesquisador e pesquisado na construção de conhecimento.

Tendo como base o pensamento materialista histórico-dialético, que considera o homem como produto e ao mesmo tempo produtor do social, a teoria sócio-histórica derruba algumas barreiras na forma de pesquisar e analisar os fenômenos. Sua grande contribuição é considerar que os fenômenos estão em constante transformação, não existindo assim resultados estáticos e definitivos.

Aguiar e Ozella (2006) destacam a necessidade de ir além das aparências, não se contentando apenas com a mera descrição dos fatos. É preciso buscar explicações no processo de constituição do objeto estudado. Ressaltam que isso é possível ao situar o fenômeno em seu processo histórico. O Homem, segundo a abordagem sócio-histórica, é sujeito do materialismo dialético que é não só racional, mas também intuitivo, imaginativo, criativo, sensível e intencional. Ele é ativo, tem sua subjetividade, suas próprias idéias, entretanto é sujeito da realidade material em que vive, que é dotada, em sua essência, de muitas contradições. É sujeito, mas também produtor; há sempre alguma colaboração anônima, isto é, invenções individuais a partir da leitura que faz da realidade. Valorizando essa criatividade, estamos por assim dizer, evidenciando a singularidade do sujeito que está em constante transformação.

Por falar em transformação, os pressupostos metodológicos iniciados por Vigotski, foram formulados em um contexto específico, como crítica aos métodos científicos vigentes. Aguiar (2001b) conta que Vigotski, em 1934, apontava a necessidade de encontrar um método que desse conta da complexidade do seu objeto de estudo. Dizia que a tarefa da psicologia era fazer uma análise do processo, de sua constituição, de sua gênese, ao invés de fazer somente uma análise do objeto. Ele afirmava a necessidade de se aprender os processos internos, isto é, mais que aprender era necessário exteriorizar esse processos; observar para além da aparência. (Vigotski *apud* Aguiar 2001b).

Nesse sentido, Aguiar e Ozella (2006), adotam uma perspectiva metodológica crítica de combate às visões reducionistas, objetivistas de se analisar um fenômeno.

Aguiar (2001b) afirma que o ponto de partida são as palavras/signos; é através da linguagem que temos acesso à subjetividade que apresenta aspectos individuais, sociais e históricos. É por meio da linguagem que o homem se humaniza, se individualiza e materializa o mundo de significações que é construído no processo social e histórico.

Para apreender a fala do sujeito, é preciso compreender seu pensamento, seu significado da fala. O significado é, sem dúvida, parte integrante da palavra, mas é simultaneamente ato do pensamento, também.

A fala corresponde à maneira como o sujeito é capaz de expressar/codificar, naquele determinado momento, as vivências que se processam em sua subjetividade. Diante da fala do sujeito, nós pesquisadores temos o papel de ultrapassar a aparência do discurso (essas forma de significações) a fim de apreender as determinações (sociais e históricas) que se configuram no plano do sujeito como motivações, necessidades, interesses (que são, portanto, individuais e históricos) para chegar ao sentido atribuído/constituído pelo próprio indivíduo (Aguiar, 2001b).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Aguiar e Ozella (2006) falam em mediação. Dizem que essa categoria é um dos pontos fortes desta metodologia sócio-histórica, pois é a dela que a dialética se estabelece, visto que a singularidade se constrói na universalidade, ao mesmo tempo em que a universalidade se concretiza na singularidade. A mediação do social com o individual estabelece as particularidades individuais, Para os autores, o homem como ser social e particular constitui sua singularidade justamente na interação com as relações sociais. Mas complementam que a categoria mediação não tem apenas a função de ligar a singularidade ao social, mas de ser o centro organizador desta relação. Esta metodologia propõe a subjetividade e a objetividade como elementos que apesar de distintos, se constituem mutuamente, possibilitando a existência do outro, numa relação dialética.

A tarefa da pesquisa qualitativa é justamente apreender as mediações sociais constitutivas de cada sujeito, saindo da aparência e do imediato, e instaurando um processo que revele também o não dito, o sentido. Este refere-se às necessidades, que muitas vezes não se realizaram, mas mobilizaram o sujeito. Segundo os autores, nós pesquisadores temos a função de apreender não só a constituição dos sentidos, como os elementos engendrados neste processo. Devemos buscar o novo, seja lá onde ele estiver (explícito ou não no discurso), levando sempre em consideração seu contexto social, e o momento histórico em que está inserido.

Em se tratando de sentidos e necessidades, os pesquisadores devem estar atentos para o fato de que não há uma separação entre pensamento e afeto. Por detrás de uma fala expressa há um pensamento que é sempre dotado de emoção, que deve ser analisada para chegarmos aos sentidos. A análise do pensamento, pressupõe, necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, que orientam o seu movimento e que não deve ser entendido como algo linear, fácil de ser captado, pois não é algo acabado e pronto, está sempre em movimento/ transformação (Aguilar e Ozella, 2006).

Pra captar todas as categorias (pensamento, sentido, significado), numa perspectiva epistemológica qualitativa, a psicologia sócio-histórica considera que um bom recurso são as entrevistas amplas e recorrentes. Este método atende aos objetivos de investigação partindo do empírico para alcançar uma análise interpretativa.

Na análise dos dados, o objetivo é investigar os conteúdos, para uma compreensão dos significados e sentidos atribuídos pelo indivíduo à sua condição de vida e às suas necessidades. Na primeira leitura do material (leitura flutuante), o intuito é destacar e organizar os chamados pré-indicadores que são construídos a partir de diversos temas caracterizados a partir da frequência e importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições.

A próxima etapa, segundo Aguiar e Ozella (2006), é a aglutinação destes pré-indicadores que seria a organização pela similaridade, pela

complementaridade ou pela contraposição que nos permite chegar aos indicadores e posteriormente aos núcleos de significação.

Em outras palavras, de posse do conjunto de indicadores e seus conteúdos, devemos voltar ao material das entrevistas e selecionar trechos, palavras que correspondam aos temas definidos pelos indicadores. Feito o agrupamento dos indicadores e seus conteúdos, inicia-se o processo de articulação que resultará na organização dos núcleos de significação.

Realizada esta organização o próximo passo é o procedimento de análise que tem início num processo intra-núcleos para posteriormente avançar para uma articulação inter-núcleos. Este processo explicitará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito. Durante a análise, é importante não se restringir somente à fala do sujeito, mas realizar uma articulação entre o que está por trás do discurso (agir/sentir/pensar) e o contexto social, político e econômico em que o sujeito encontra-se.

Metodologia

Objetivo/ Problema de estudo:

Pretendo analisar a hibridação (social e individual) da constituição da subjetividade de um homem no fim de seu relacionamento amoroso. O intuito é apreender o conjunto de sentidos e significados atribuídos por ele em relação a essa vivência de rompimento, considerando sempre a situação social, econômica, política e cultural e histórica em que está inserido.

Sujeito:

Um homem de 26 anos que havia terminado um relacionamento de 1 ano e 1 mês, 2 meses antes desta pesquisa.

Instrumentos:

Foram realizadas duas entrevistas (de aproximadamente 50 minutos cada) com o mesmo sujeito, no mesmo local (Centro Cultural de São Paulo). As entrevistas foram gravadas e transcritas para posteriormente analisar e chegar aos núcleos de significação que deverão promover uma articulação e apreensão dos sentidos e significados deste sujeito, nesta determinada situação de término de relacionamento.

Procedimentos:

O roteiro das entrevistas abordavam os seguinte temas:

- Concepção de amor, paixão
- O que entende-se por feminilidade, masculinidade e quais são seus respectivos papéis na sociedade ocidental
- Como o casal se conheceu
- Como foi o processo de conquista (se é que teve)
- Em qual momento o casal decidiu engatar um relacionamento estável.
- Como o sujeito percebia a relação conjugal, quais as dificuldades sentidas
- Quais aspectos eram positivos, negativos nessa relação
- Quais aspectos eram responsáveis pela manutenção do relacionamento
- Como era o convívio do casal, suas personalidades, seus confrontos
- Em que momento/contexto da vida do sujeito ocorreu à separação.
- Como foi o processo de separação (o que achava dessa situação, o que sentia, como agia)
- E como está sendo o processo de reconstrução da identidade/subjetividade individual.

Enfim, a partir desses temas busca-se captar, na fala do sujeito, os sentidos e significados atribuídos por ele no fim dessa relação, suas contradições entre agir/pensar/sentir, como ele vivencia essa separação e de que modo, em seu discurso, estão presentes aspectos que envolvam a masculinidade e/ou o machismo. Em outras palavras, busca-se compreender no discurso do sujeito, a constituição de suas formas de agir/pensar/sentir levando em consideração seu contexto social, e o momento histórico que vivemos atualmente.

RESULTADOS

Foram realizadas 2 entrevistas, com o mesmo sujeito, onde privilegiou-se os aspectos qualitativos de análise.

Realizadas e transcritas as entrevistas, utilizei o método de análise proposto pela psicologia sócio-histórica⁴. Primeiramente, a partir de uma leitura flutuante das duas entrevistas, selecionei os pré-indicadores como uma primeira forma de organização do material das entrevistas. Após essa etapa, iniciei o levantamento dos indicadores e assim, subseqüentemente, os organizei em 3 grandes núcleos, que serão os meus objetos de análise.

Segue abaixo, os resultados organizados em pré-indicadores, indicadores e núcleos de significações:

Pré-indicadores

1) promíscuo	15) dane-se
2) festa	16) estranho
3) bêbados	17) esquisito
4) drogado	18) muito mal
5) alegre	19) seja feliz
6) carinhosa	20) triste
7) meio distante	21) falhado
8) sumiu	22) 9 anos
9) tempo necessário	23) cura
10) chateado	24) abstinência
11) confiava	25) fumar

⁴ Conforme proposto por Aguiar e Ozella (2006).

- 12) algo melhor
- 13) tráfico ilícito
- 14) drogas

- 26) beber
- 27) experiência
- 28) analisar minha vida

- 29) quarto
- 30) sozinho
- 31) namorada
- 32) ex-namorada
- 33) tempo não existe
- 34) coisas muito loucas
- 35) transei muito
- 36) aquele vazio
- 37) efeito nenhum
- 38) baseado
- 39) carro
- 40) deixado de me formar
- 41) aula
- 42) meio lesado
- 43) orar
- 44) favela
- 45) armas
- 46) Deus falou nitidamente
comigo
- 47) arrependimento
- 48) coração começou a disparar
- 49) chorar
- 50) línguas meio estranhas
- 51) nojo
- 52) enjôo
- 53) cheirar
- 54) não gosto mais
- 55) não procurei igreja nenhuma
- 56) coisa na minha vida que não
se explica
- 57) voltar a ser o que eu era
- 58) medo
- 59) bíblia
- 60) Deus forte
- 61) ele nunca tinha desistido de
mim
- 62) um cara importante pra Deus
- 63) oração
- 64) fraco
- 65) esperam o Senhor
- 66) renovam as suas forças
- 67) versículo
- 68) voltei a estudar

- 69) terminamos
- 70) machucam
- 71) difícil
- 72) gostava dela
- 73) sonhos
- 74) todos os homens
- 75) casar
- 76) fazer ela feliz
- 77) frustrou essa expectativa
- 78) minha culpa
- 79) problemas
- 80) não tem mais volta
- 81) ela não tava mais afim
- 82) destruiu
- 83) ferida
- 84) sua auto-estima
- 85) perfil de mulher
- 86) lado cristão
- 87) não namoraria
- 88) outra doutrina minha
- 89) vinho não se mistura com a
água
- 90) absoluta certeza
- 91) não é mulher pra mim
- 92) valores diferentes
- 93) terminou comigo
- 94) vagabundo que sou
- 95) preguiçoso que sou
- 96) Ferrari
- 97) mais valorizado
- 98) ela foi uma fraude
- 99) não existe mulher no mundo
- 100) homem bem sucedido
- 101) decidi
- 102) quero ser feliz
- 103) igreja
- 104) pessoa extremamente
preconceituosa
- 105) tive a oportunidade
- 106) não mostrei
- 107) outra história
- 108) não brigávamos
- 109) cumplicidade

- 110) conversa profunda
 111) sentimentos
 112) coisas espirituais
 113) se divertir
 114) muita risada
 115) comodidade
 116) carência
 117) não tinha ciúmes
 118) fazer as coisas juntos
 119) vida às vezes de casado
 120) saia pra jantar fora
 121) fazer programas diferentes
 122) viajar
 123) respeito
 124) cara carinhoso
 125) não se entregasse tanto
 126) recíproco
 127) se beijam
 128) se tratam bem
 129) família envolve
 130) decisões na minha vida
 131) não tomei
 132) trabalho
 133) projetos de vida
 134) concretizá-los
 135) tentei ser esse mesmo
 136) momento de desânimo
 137) entorpecentes
 138) não tinha dinheiro pra nada
 139) não tentava fazer algo diferente
 140) várias parceiras
 141) eu fiz terminar praticamente
 142) baladinha
 143) mulher mais velha
 144) psicóloga
 145) amassos
 146) sexo
 147) desgastada
 148) ela não terminou comigo
 149) morar juntos
 150) promessas
 151) humilhado
 152) relacionamento meio que turbulento
 153) cambaleando
 154) altas orgias
 155) desrespeito
 156) fui racional
 157) dane-se o emocional
 158) perversidade
 159) safadeza
 160) mentir pra ela
 161) o que um homem deveria render
 162) desistiu
 163) visão diferente
 164) totalmente mudada
 165) não aceito
 166) aquela pessoa que eu era
 167) meio louco
 168) entregue as drogas
 169) grupo de amigos
 170) modificados
 171) amor ao próximo
 172) tem que ceder muito
 173) mudança que entrou
 174) mudança está vindo ao poucos
 175) mudei de um dia pro outro
 176) Igreja foi algo necessá...
 177) aconteceu
 178) espiritual
 179) paixão
 180) explosivo
 181) amor
 182) não se envaidece
 183) tolera
 184) homem é o cabeça
 185) mulher é a estrutura
 186) machista
 187) mulher do lar
 188) ele fala sim ou não
 189) último a decidir
 190) ninguém é mais nem é menos
 191) homem tem que fazer o seu papel
 192) forte da casa
 193) não fui
 194) eu me arrependo
 195) fazer sempre o meu melhor
 196) tento lutar

- 197) precisa ser no mínimo coerente
- 198) masculino

- 199) segurar a barra
- 200) a mulher tem

Indicadores

A) Drogadição

- 3) bêbados
- 4) drogado
- 13) tráfico ilícito
- 14) drogas
- 22) 9 anos
- 24) abstinência
- 25) fumar
- 26) beber
- 37) efeito nenhum
- 38) baseado
- 42) meio lesado
- 44) favela
- 45) armas
- 53) cheirar
- 136) momento de desânimo
- 137) entorpecentes
- 138) não tinha dinheiro pra nada
- 139) não tentava fazer algo diferente
- 142) baladinha

B) Sexualidade

- 1) promíscuo
- 2) festa
- 34) coisas muito loucas
- 35) transei muito
- 140) várias parceiras
- 142) baladinha
- 145) amassos
- 146) sexo
- 154) altas orgias
- 158) perversidade
- 159) safadeza

C) Perdas

- 31) namorada
- 39) carro
- 40) deixado de me formar

- 54) não gosto mais
- 93) terminou comigo
- 107) outra história
- 132) trabalho
- 141) eu fiz praticamente terminar

D) Responsabilidade/ Responsabilização

- 41) deixado de me formar
- 42) aula
- 43) meio lesado
- 68) voltei a estudar
- 79) problemas
- 101) decidi
- 130) decisões na minha vida
- 131) não tomei
- 132) trabalho
- 133) projetos de vida
- 134) concretizá-los

E) O que se encontra num relacionamento a dois

- 5) alegre
- 6) carinhosa
- 31) namorada
- 73) sonhos
- 75) casar
- 76) fazer ela feliz
- 77) frustrou essa expectativa
- 108) não brigávamos
- 109) cumplicidade
- 110) conversa profunda
- 111) sentimentos

- 112) coisas espirituais
- 113) se divertir
- 114) muita risada
- 115) comodidade
- 116) carência
- 117) não tinha ciúmes
- 118) fazer as coisas juntos
- 119) vida às vezes de casado
- 120) saia pra jantar fora
- 121) fazer programas diferentes
- 122) viajar
- 123) respeito
- 124) cara carinhoso
- 125) recíproco
- 126) se beijam
- 127) se tratam bem
- 128) família envolve
- 149) morar junto
- 150) promessas

F) Sentimentos/ reações

- 10) chateado
- 11) confiava
- 16) estranho
- 17) esquisito
- 18) muito mal
- 20) triste
- 36) aquele vazio
- 47) arrependimento
- 48) coração começou a disparar
- 49) chorar
- 51) nojo
- 52) enjôo
- 58) medo
- 64) fraco
- 70) machucam
- 72) gostava dela
- 151) humilhado

G) Dizem respeito ao término de um relacionamento

- 7) meio distante
- 8) sumiu
- 9) tempo necessário

- 10) chateado
- 11) confiava
- 12) algo melhor
- 16) estranho
- 17) esquisito
- 18) muito mal
- 19) seja feliz
- 20) triste
- 21) falhado
- 69) terminamos
- 70) machucam
- 71) difícil
- 72) gostava dela
- 77) frustrou essa expectativa
- 78) minha culpa
- 79) problemas
- 80) não tem mais volta
- 81) ela não tava mais afim
- 82) destruiu
- 83) ferida
- 84) sua auto-estima
- 92) valores diferentes
- 93) terminou comigo
- 94) vagabundo que sou
- 95) preguiçoso que sou
- 96) Ferrari
- 97) mais valorizado
- 98) ela foi uma fraude
- 103) igreja
- 104) pessoa extremamente preconceituosa
- 105) tive a oportunidade
- 106) não mostrei
- 107) outra história
- 135) tentei ser esse mesmo
- 136) momento de desânimo
- 139) não tentava fazer algo diferente
- 141) eu fiz praticamente terminar
- 143) mulher mais velha
- 144) psicóloga
- 145) amassos
- 146) sexo
- 147) desgastada
- 148) ela não terminou comigo
- 152) relacionamento meio que turbulento

- 153) cambaleando
- 155) desrespeito
- 156) fui racional
- 157) dane-se o emocional
- 160) mentir pra ela
- 162) desistiu

H) Valores, crenças

- 33) tempo não existe
- 74) todos os homens
- 78) minha culpa
- 91) não é mulher pra mim
- 94) vagabundo que sou
- 95) preguiçoso que sou
- 98) ela é uma fraude
- 99) não existe mulher no mundo
- 100) homem bem sucedido
- 125) não se entregava tanto
- 161) o que um homem deveria render
- 179) paixão
- 180) explosivo
- 181) amor
- 182) não se envaidece
- 183) tolera
- 184) homem é o cabeça
- 185) mulher é a estrutura
- 186) machista
- 187) mulher do lar
- 188) ele fala sim ou não
- 189) último a decidir
- 190) ninguém é mais nem é menos
- 191) homem tem que fazer o seu papel
- 192) forte da casa
- 197) precisa ser no mínimo coerente
- 198) masculino
- 199) segurar a barra
- 200) a mulher tem

I) Experiência religiosa (marco da mudança)

- 23) cura

- 27) experiência
- 28) analisar minha vida
- 29) quarto
- 30) sozinho
- 47) arrependimento
- 48) coração começou a disparar
- 49) chorar
- 50) línguas meio estranhas
- 51) nojo
- 52) enjôo
- 54) não gosto mais
- 55) não procurei igreja nenhuma
- 56) coisa na minha vida que não se explica
- 101) decidi
- 102) quero ser feliz
- 163) visão diferente

J) Contradições e possíveis conflitos

- 9) tempo necessário
- 31) namorada
- 32) ex-namorada
- 33) tempo não existe
- 55) não procurei igreja nenhuma
- 57) voltar a ser o que eu era
- 58) medo
- 87) não namoraria
- 88) outra doutrina minha
- 173) mudança que entrou
- 174) mudança está vindo ao poucos
- 175) mudei de um dia pro outro
- 176) Igreja foi algo necessá...
- 177) aconteceu

L) Comportamentos e valores atuais

- 19) seja feliz
- 63) oração
- 85) perfil de mulher
- 86) lado cristão
- 87) não namoraria
- 88) outra doutrina minha
- 89) vinho não se mistura com a água

- 90) absoluta certeza
- 101) decidi
- 102) quero ser feliz
- 166) aquela pessoa que eu era
- 167) meio louco
- 168) entregue as drogas
- 169) grupo de amigos
- 170) modificados
- 171) amor ao próximo
- 172) tem que ceder muito

M) Religiosidade

- 43) orar
- 46) Deus falou nitidamente comigo
- 59) bíblia
- 60) Deus forte
- 61) ele nunca tinha desistido de mim

- 163) visão diferente
- 164) totalmente mudada
- 165) não aceito
- 62) um cara importante pra Deus
- 63) oração
- 65) esperam o Senhor
- 66) renovam as suas forças
- 67) versículo
- 86) lado cristão
- 87) não namoraria
- 89) vinho não se mistura com a água
- 90) absoluta certeza
- 103) igreja
- 178) espiritual

Núcleos de significações

Com base nos indicadores, identificados pelas letras atribuídas anteriormente, destacaram-se os seguintes núcleos:

I) Sentidos e significados do término de uma relação amorosa

- B) Sexualidade
- C) Perdas
- D) Responsabilidade/ Responsabilização
- E) O que se encontra num relacionamento a dois
- F) Sentimentos/ reações
- G) Dizem respeito ao término de um relacionamento
- H) Valores, crenças
- J) Contradições e possíveis conflitos

II) Reconstrução de uma nova subjetividade masculina mediada pela religiosidade

- C) Perdas
- D) Responsabilidade/ Responsabilização
- F) Sentimentos/ reações
- H) Valores, crenças
- I) Experiência religiosa (marco da mudança)
- J) Contradições e possíveis conflitos
- L) Comportamentos e valores atuais
- M) Religiosidade

III) A interlocução entre drogadição e relações de gênero

- A) Drogadição
- B) Sexualidade
- C) Perdas
- D) Responsabilidade/ Responsabilização
- E) O que se encontra num relacionamento a dois
- F) Sentimentos/ reações
- G) Dizem respeito ao término de um relacionamento

ANÁLISE DOS NÚCLEOS

I) Sentidos e significados do término de uma relação amorosa

Na primeira entrevista realizada, como deixei R. mais livre para falar o que quisesse a respeito do tema separação, ele pouco relatou de como lidava/lida com suas questões amorosas. No que diz respeito ao seu relacionamento anterior (que seria o foco deste trabalho) R. fez uma passagem muito breve sobre o convívio do casal, o que na segunda entrevista, pude explorar melhor.

R. começa a primeira entrevista dizendo que quando conheceu a sua ex-namorada era muito promíscuo. Diz que saía com a amiga dela e que, até então, não tinha nenhum interesse por essa sua ex-namorada. Conta que depois de uma reunião na casa dessa pessoa que ele se relacionava na época (amiga de sua ex-namorada), começou a “rolar um clima” entre os dois. Ele conta que nesse dia eles chegaram a ficar, inclusive a ter relações sexuais. Relata que no dia seguinte ele ligou pra ela pra pedir desculpas e marcaram de sair. *“Só que nessa saída, eu gostei da garota. Falei: Nossa!!! Eu achei ela muito dez, a gente conversou muito. Uma menina muito alegre, muito feliz, que não sei o quê. Ai eu ainda vamos que dizer assim, entre aspas, eu “zuei” e tudo brinca, toda carinhosa, mas assim, eu gostei... Ai gente foi saindo, foi saindo e eu falei assim ó: Se você me agüentar até os dias dos namorados, nós vamos namorar”*.

R. relata que no dia 12 de junho, então, eles começaram a namorar. Conta que depois de um tempo conheceu os sogros, começou a freqüentar a casa dela e até mesmo dormir lá. Ele diz que a relação dos dois era muito boa, não brigavam, se viam com bastante freqüência, dormiam juntos, acordavam juntos, iam fazer as coisas juntos. Saíam pra jantar nos finais de semana, viajar etc.

Quanto a personalidade de cada um, R. relata que sempre foi tranqüilo, que não sentia ciúmes, que era respeitoso, cavalheiro, carinhoso e ela também era uma pessoa muito carinhosa, alegre; e que davam muitas risadas juntos. Quando questiono os pontos negativos do relacionamento, R. diz que era o fato de nunca

conversarem sobre assuntos profundos que envolvessem sentimentos, espiritualidade. Diz que a relação era mais superficial do que profunda.

Quando pergunto quais os aspectos responsáveis pela manutenção da relação, R. conta que gostava muita dela, mas cita a acomodação como uma fator comum entre os dois. Diz inclusive, que acha que foi isso que os impediu de continuarem juntos. *“Eu depois de um bom tempo, um certo tempo de namoro, acredito que eu tenha me acomodado mais, talvez ela por ser imediatista demais, não viu que talvez eu tava passando por um momento de desânimo, tava meio desanimado com as coisas e ela decidiu terminar.”*

Sobre esse momento R. diz: *“Óóó, o meu desânimo não foi quanto ao relacionamento em si, porque enquanto ao relacionamento eu estava acomodado. O meu desânimo foi comigo, porque eu perdi muita coisa, eu saí do meu trabalho, não consegui me formar... Ééé eu gastava meu dinheiro com entorpecentes, eu gastava meu dinheiro com cigarro, ééé e isso não me tinha... Eu não tinha dinheiro, não tinha dinheiro pra nada... Aí foi começando a me desanimar e tal... Eee isso foi o problema do meu desânimo. É, então quer dizer eu talvez não conseguisse suprir as minhas expectativas e com isso, obviamente, eu não supria as delas. E ao mesmo tempo eu falava, ela me gostava... Gostava de mim, então é tranquilo né? Eu também não me movia, eu não tentava fazer algo diferente.”* Em relação ao término, o sujeito faz uma colocação interessante: *“Eu me sinto triste porque eu acredito que eu tenha falhado, entendeu?”*

Na primeira entrevista, quando encerro, ele logo me diz que lembrou de algo muito importante para a minha pesquisa e pede permissão pra gravar mais uma última colocação. Ele diz assim: *“É o seguinte tem algo que me frustra e o que me frustra é o seguinte: Quando eu tava namorando com a minha ex-namorada, ela vivia me chamando de... Para eu ir para igreja e assim... Pra eu ir buscar alguma coisa maior... Eeee de certa maneira eu nunca levei porque eu era uma pessoa extremamente preconceituosa... Eeee eu fiquei sabendo que ela estava indo na igreja depois que a gente tinha terminado, que ela estava indo numa igreja católica há dois meses e eu nem sabia. E isso é uma coisa que me frustra, assim, porqueeeee eu tive a oportunidade de conhe... de mostrar pra ela aquilo que eu conheci e eu não... Eu não... percebi, eu não mostrei... E*

poderíamos assim, ter uma outra história, uma outra coisa. O que me frustra talvez é isso, essa oportunidade que eu perdi naquela época, né? Isso...”.

Em vários momentos do seu relato, R. mostra-se frustrado com o término do relacionamento; sente como se tivesse falhado. Em algumas passagens, ele diz que sabia que a droga um dia iria interferir nas suas relações, sente-se fracassado diante das suas perdas. Perdas essas que ele significa como sendo advindas das drogas; a perda do carro, do trabalho, da formação acadêmica. Sim, em grande parte, as drogas foram as responsáveis por suas perdas. Entretanto, podemos pensar que R., de uma certa forma, sente-se culpado por acreditar que foi comodismo, o que pode sugerir uma certa onipotência de que ele conseguiria ultrapassar um vício, para render o que um homem deve render. Em suas palavras: *“Então, mais em termos, eu namorado e ela, era uma relação super boa, o que afetava era o exter... era outras coisas, que obviamente a mulher vendo aquele outro cara, que não rendia o que um homem deveria render, ela não ia agüentar mesmo e desenganou, desistiu. [...] E o homem é aquele cara que vai em luta dos objetivos, pra trazer dinheiro pra casa... [...] Ser um cavalheiro, defender a sua família com honras... [...] Tentar dar bons exemplos para os seus filhos... “.*

Por detrás do seu discurso, podemos dizer que o sentido que R. dá a concepção de homem, de masculino; encontra-se muito próximo do significado social de masculino da nossa sociedade patriarcal. Matos (2001) explicita bem esta concepção de homem, na qual ele chama de masculinidade hegemônica onde os homens devem ser fortes, práticos, objetivos, ter iniciativa e sucesso profissional.

R. demonstra, portanto, partilhar desta concepção patriarcal, onde o homem deve obter o papel de ser assertivo, não vulnerável e produtivo, independe das variáveis externas. Podemos levantar a hipótese de que o processo de constituição dos sentidos de masculino do sujeito, está balizado por um pensamento reducionista, onde o sucesso e o insucesso têm um cunho predominantemente individual sobrepondo-se às inúmeras possibilidades sociais que podem facilitar ou impedir o insucesso de alguém.

Podemos pensar que esse sentido de masculino, atribuído por R, está correlacionado com o meio social em que o sujeito encontra-se inserido. Vigotski (1998a) admite a importância do social na constituição da subjetividade, ou seja, é através das relações interpessoais que adquirimos o mecanismo de abstração dessa realidade simbólica. Podemos inferir, que a rede social mais próxima de R. (familiares e amigos, por exemplo) influenciou não só em sua constituição dos sentidos e significados de masculino, como também na construção de sua subjetividade como um todo. Entretanto devemos considerar que essa relação (construção da subjetividade/meio social) é sempre uma relação dialética e transformadora, onde o indivíduo influencia o meio e vice-versa.

Nesta mesma perspectiva, Aguiar (2001) atribui ao fator psicológico essa capacidade de registrar a experiência e a relação que mantém com o ambiente social e cultural. Entretanto, salienta que esse registro não se dá de forma passiva, muito pelo contrário, se dá de forma ativa e criativa. Criativa, pois, segundo a autora, é uma possibilidade subjetiva de produção e transformação emergida a partir da relação com o social, ou seja, o homem internaliza de forma criativa as experiências adquiridas em seu meio sócio-cultural.

Desta maneira podemos pensar, então, que na constituição criativa da subjetividade de R., (pautada pelo seu meio social), há uma maior responsabilização por parte do indivíduo. Admitindo maior responsabilidade ao homem, e levando a desconsiderar, conseqüentemente, as variáveis externas, caso este, não alcance seus objetivos, pode sentir-se ainda mais culpado e frustrado por tal façanha, como é o caso do sujeito em questão.

Um elemento que vai na mesma direção do que podemos apreender da subjetividade de R, é o resultado da pesquisa de Féres-Carneiro (2003). A autora, neste estudo, constatou que no processo de separação, enquanto as mulheres ressaltaram sobretudo a vivência da desilusão, da mágoa e da solidão, os homens enfatizaram mais os sentimentos de frustração e fracasso no processo de separação.

Garcia e Tassara (2001) postulam que a escolha de estratégias de enfrentamento de uma relação conjugal baseia-se, muitas vezes, na utopia do amor romântico, que pode definir aquilo que é ou não problemático para a relação, e o

quanto isto pode ameaçar (ou não) o seu projeto conjugal. Em outras palavras, a idealização do amor pode acabar prejudicando a aceitação das vicissitudes do convívio a dois.

Quando peço para R. definir, o que pra ele, é amor e paixão está visão idealizadora se apresenta. *“Paixão... é algo passageiro, é algo explosivo, é algo que sente ciúmes, que pode sentir inveja... [...] A paixão não dura para a sempre, é diferente do amor. O amor é algo que dura pra sempre mesmo, e não tem como acabar... Ele não sente inveja, ele não se envaidece... [...] É você falar do que não se envaidece, que não se ensoberbece, que é humilde, que tolera; esse é o amor. [...] ééé a paixão você não vê determinados defeitos, né? Mas o amor, você vê os defeitos e tenta conversar pra talvez tentar corrigir... Você aceita os defeitos, entendeu? Aqueles que não são corrigíveis, mas que são toleráveis... [...] Ooo amor é algo que é perfeito.”*

Quando idealizamos algo ou alguém, a nossa expectativa em relação ao outro, a si-mesmo e ao relacionamento, aumenta, elevando também, conseqüentemente, o nível de frustração, caso algo saia do ideal. *“E certas coisas machucam lógico, né? Você tem uma certa expectativa, você cria uma certa expectativa lógico. Qualquer pessoa que você têm, entendeu? E provavelmente ela não havia expectativa pra comigo, então ficava difícil e eu não. Eu já tinha mais... Tinha uma expectativa até maior, que nem eu gostava dela... Eu pensava: “Ah” em certas coisas, sonhos lógicos, ah expectativas que nos.. Ah todos os homens...[...] Na verdade ela frustrou essa expectativa. Teve muito a minha culpa óbvio, porque eu acho que não existe mulher que vai querer um cara que não... Não ta trabalhando, entendeu? Que não tá com força de vontade para trabalhar. Mesmo porque se ela fosse assim eu também não estaria com ela, óbvio né?”*

Como podemos perceber, a frustração encontra-se muito presente no discurso de R., o que está correlacionado com as altas expectativas que ele tinha dela, do relacionamento e dele próprio.

Segundo Féres-Carneiro (2003), com base em outras pesquisas, os cônjuges se divorciam não porque desqualificam o casamento, mas porque o valorizam tanto que não aceitam que a relação conjugal não corresponda às suas expectativas.

Analisando o discurso de R., podemos dizer que os sentidos e significados do amor balizam-se no amor idealizado, aquele que é bom e que dura para sempre. No que se tratando de relações amorosas, os sentidos e significados atribuídos por ele no fim deste último relacionamento, dizem respeito a uma relação “perfeita”, onde se espera uma relação “sem problemas”, onde o convívio se dá de forma consensual e tranqüila.

Gonçalves (2001b) diz que é por meio da palavra, da análise do discurso, que apreendemos os aspectos cognitivos/afetivos/volitivos constitutivos da subjetividade. Nesta perspectiva, podemos dizer que os sentidos e significados do amor e de uma relação amorosa estão correlacionados com os motivos e as necessidades de R..

Podemos levantar a hipótese de que os sentidos e significados dotados de idealização refletem uma necessidade do sujeito de sentir-se apto, poderoso, onipotente, onde querer é poder. Esse “mundo cor de rosa”, onde existem homens viris, amor perfeito e relacionamentos sem discussões pode estar compensando uma realidade dura, onde nem sempre querer não significar poder; onde o fracasso e a baixa auto-estima estão muito presentes. Podemos inferir que esse mundo de conto de fadas, no qual tudo se encaixa, tudo é perfeito, vem denunciar uma tentativa fuga da realidade e ao mesmo tempo uma busca por esse lugar encantado.

Essa dialética entre esperar o ideal confrontando com o real, com o que podemos ser, ter e viver; reflete a própria contradição da realidade material, que aparece, conseqüentemente, na fala dos indivíduos.

No caso de R., por exemplo, tem um momento em seu discurso que ao se referir a sua ex- namorada, ele diz: *“É aí a gente chegou a dormiu eu e minha namorada num..., quero dizer minha ex-namorada, né? Força do hábito...”*. Esse “ato falho”, essa contradição pode estar relacionado com uma construção de uma nova subjetividade que ainda está num processo de constituição, de transformação. Outro momento que R. parece estar tomado por conflitos é quando ele diz que deu o tempo necessário para sua ex-namorada pensar e avaliar se queria ou não continuar com ele. Logo em seguida ele comenta que não acredita

em tempo. *"Ah ela falou que ia dar um tempo e tal... Na verdade, tinha terminado sim masss... Esse tempo não existe entendeu?"*

Essas contradições traduzem conflitos internos que refletem, de uma certa forma, a realidade material que é, em si, contraditória. Entretanto, podemos dizer que esse tipo de tensão é característica de R., o que implica pensar numa atividade mental própria deste sujeito. Segundo González Rey (2003), a subjetividade é a forma singular com que o indivíduo apreende a realidade em que vive. Em suas próprias palavras:

As criações humanas são produtoras de sentido que expressam de forma singular complexos processos da realidade. Esses processos são criações humanas que integram diferentes aspectos do mundo em que o sujeito vive, aparecendo em cada sujeito ou espaço social de forma única, organizados em seu caráter subjetivo pela história de seus protagonistas (González Rey, 2003, p.273).

No que diz respeito aos conflitos particulares de R., estes estão muito ligados a alternância de valores, vontades, motivações, saberes e desejos. Como o ser humano, assim como a sociedade, está em constante transformação, podemos dizer que R. nem sempre teve esse "padrão" idealizador de comportamento dentro de seus relacionamentos amorosos.

R. conta que antes de namorar essa sua última ex-namorada, teve alguns relacionamentos, mas suas relações baseavam-se basicamente na relação sexual. *"Olha eu era um cara baladeiro, mas assim, eu já tinha sido mais, mas eu tava baladeiro ainda. Com relação a mulheres eu tinha sempre relações promíscuas com... E tinha várias e várias parceiras e várias mesmo (Risos). Ééé eu tinha algumas, várias mesmo, é incrível falar isso, mas tinha mesmo. É a maioria das mulheres que eu conheci eu tinha relação sexual com ela, acho que quase todas as minhas amigas eu tive relações sexuais. [...]E esse cara teve algumasss... Algumas mulheres antes, ééé tive outras namoradas que terminaram por outros fatores, mas a maioria eram fatores relacionados a isso mesmo, a entorpecentes, à coisas que eu fiz terminar praticamente... Ééé eu, pelas minhas atitudes, me liguei que eu não tava afim mais, me desanimava, a outra é muito ciumenta, a outra percebeu que eu não queria nada com nada, mas eu era um*

cara bacana. Tinha muitos amigos mesmo, e continuei tendo depois né? Muitos colegas, um cara que sempre gostou de bares, barzinhos assim que tocam MPB, saia pra baladinha pra tomar uma cerveja., sempre curtia um churrasquinho... Ah essas coisas entendeu? Coisa de cara jovem, despojado.”.

R. era uma pessoa que não tinha metas estabelecidas, e que por isso deixava sua vida ser guiada sem qualquer projeto prévio, e essa ausência de objetivos aparecia não só nas questões da sua vida profissional, como também nas suas relações afetivas. Parece que R. não tinha um relacionamento afetivo com suas parceiras sexuais; esses encontros tinham apenas uma conotação sexual.

Mais tarde, em seu relato, R. conta de seu penúltimo relacionamento com uma mulher mais velha, que durou 3 anos. Ele conta detalhadamente como era a relação dos dois, mas faz uma referência importante: *“Começamos a namorar, ow bacana, legal, tudo eram flores, conheci os pais, viajei... Ééé ela era uma mulher bem de vida. A base do nosso relacionamento inicial não era muito... Era sexo mesmo, era a paixão do sexo, entendeu? A gente transava que nem louco, parecia doente.”.*

Podemos dizer que antes da última namorada, o sentido de suas relações estava pautado sobre o prazer imediato. Depois do último relacionamento, até os dias de hoje, podemos pensar que o processo de constituição dos sentidos está voltado para a construção do mundo encantado, perfeito, onde o amor e a relação duram para sempre.

Podemos sugerir que essa re-significação de puro sexo para uma relação amorosa idealizada, reflita uma dinâmica particular de R., que encontra-se polarizada. Podemos pensar que essa polarização (não se envolver ou achar a mulher perfeita) pode sugerir uma falta de referência interna sólida, na qual por falta de recursos internos estruturados, os motivos e necessidades tornam-se muito inconstantes.

Ainda sobre a sua penúltima namorada, R relata que não a respeitava, que tinha relações sexuais extra-conjugais freqüentemente. Entretanto, desse seu penúltimo relacionamento para o último, R parece apresentar algumas mudanças de condutas significativas.

“É o seguinte, eu mudei realmente, eu não desrespeitava a outra namorada como eu desrespeitava essa. Desrespeitava em alguns aspectos assim, tipo de... Tive algumas... Ééé, eu traí acho que umas duas vezes assim, mas foi carência. Fatalmente foi carência. Ééé porque algum momento assim, eu devo ter ficado carente e outro por perversidade mesmo, por safadeza mesmo. Mas do resto...”

A partir desta fala, podemos perceber que de um relacionamento para o outro, o sujeito re-significou o sentido de traição, que no penúltimo relacionamento estava voltado para uma “safadeza”, uma falta de envolvimento, o que já não acontece no último, visto que a traição aqui, aparece associado a uma fraqueza, a uma carência afetiva.

Nesse seu último relacionamento, R. diz que gostava muito dela e relata uma experiência inusitada: *“No dia 16 do O6 a gente chegou a dormir juntos mais a gente não transou, pela primeira vez na minha vida eu fui dormi com uma mulher e não tive relações sexuais com ela. Acho que foi assim, desde que eu me conheço por gente...”*

Podemos dizer então, que o sujeito nesse seu último relacionamento apresentou mudanças significativas de postura conjugal, em relação a seus outros tipos de relacionamento. Podemos inferir que essa mudança de comportamento em relação ao sexo e a traição, esteja ligada a uma maior entrega afetiva do sujeito. Sendo assim, podemos hipotetizar que, justamente, por meio deste envolvimento amoroso é que R. foi tocado e instigado a realizar transformações que re-significaram novas formas de sentidos de como estabelecer uma relação amorosa.

Essas mudanças de condutas, valores são inerentes ao Homem e estão em constante transformação. Por falar em transformação, R. relata que hoje em dia é uma pessoa totalmente mudada, que tem uma visão de mundo totalmente diferente do que tinha antes, o que ele atribui a uma experiência espiritual que discutiremos melhor no próximo núcleo.

II) Reconstrução de uma nova subjetividade masculina mediada pela religiosidade

Como foi dito anteriormente, R. relata nas entrevistas que sempre foi um cara promiscuo que utilizava drogas. Conta que de um dia pro outro sua personalidade mudou; ele deixou de usar entorpecentes e começou a “*olhar pras pessoas com outros olhos*”. R. significa essa sua mudança a uma experiência transcendental que teve em junho deste ano.

R conta que estava sozinho em seu quarto e que tinha utilizado muitos entorpecentes anteriormente com os amigos, mas que não tinha surtido nenhum efeito. Conta que quando chegou em casa fumou sozinho, em seu quarto, muito baseado, mas que “*não deu nada*”. Foi dar uma volta e começou a analisar a sua vida, a tomar consciência de suas perdas (namorada, carro, tinha deixado de se formar). Foi aí então que voltando, pro seu quarto, começou a orar e pedir a Deus para que ele não o punisse pelos seus maus comportamentos e pedia também para que ele o ajudasse a largar essa vida.

“ Eu só sei que nisso começou a me dar um arrependimento... Eu senti minha pele fazer assim (Pele pulsava rapidamente). Mas assim, então ela começou a pular, a minha pele, o meu coração. Meu coração começou a disparar de uma maneira que eu nunca vi naquilo. E eu comecei a sentir uma coisa diferente. Comecei a chorar e começou a passar um filme na minha cabeça desde o primeiro dia que eu tinha usado droga.. Começou a passar um filme na minha cabeça de várias... várias fases da minha vida.. Passou um filme assim e eu senti meu coração batendo muito forte. Eu não sei direito o que aconteceu... Só sei que eu comecei a falar umas línguas meio estranhas. Qualquer espírita que você perguntar vai falar que eu sou médium e eu não acredito nisso. E assim, eu comecei a falar umas línguas assim, que hoje eu sei que eu estudei e tal... aí algumas coisas referente a isso. E de repente eu dormi, eu apaguei.. Eu pensei que ia morrer, meu coração disparando eeee eu acordei...E eu olhei o cigarro em cima da... televisão, ele me olhou [...] e eu peguei o cigarro e eu coloquei na boca e me deu nojo, eu comecei a engasgar... [...] No dia seguinte, aquilo me deu enjoou, eu sentia ânsia de vômito e sinto isso até hoje, entendeu?[...] Eu só sei que eu não gostei mais... Não sei o que aconteceu”.

R. parece muito confuso em relação a essa experiência. Ele diz que mudou, mas o modo como ele significa essa mudança ainda é de uma maneira muito

confusa, com pouca clareza. *“Eeee, sem dúvida, a minha maior mudança foi ter acontecido o que aconteceu comigo... Um Deus, uma mudança que entrou, que meu espírito modificou...”*. *“Nãooo, foi uma coisa que aconteceu e a mudança está vindo ao poucos. Mas assim, eu mudei de um dia pro outro, os aspectos que eu mais detestava, os mais abomináveis, e assimmmm outros aspectos está sendo melhorados, estão sendo melhorados”*.

Quando peço pra ele descrever o R. de agora, ele diz que está totalmente mudado, que os entorpecentes atualmente o despertam nojo e que justamente por esse abandono das drogas, é que ele pode resgatar todos os seus objetivos de vida que encontravam-se perdidos. Podemos hipotetizar então, que a religiosidade veio trazer uma certa disciplina e um autocentrismo para R., visto que parece que sua rotina era meio desregrada, desprovida de um sentido, aparentemente.

Outro aspecto que podemos refletir, é que a sua ascensão no que diz respeito a voltar estudar, trabalhar está diretamente relacionada ao abandono das drogas que ganha um sentido de cunho religioso, a partir dessa experiência transcendental vivida pelo sujeito.

Podemos dizer então, que o sentido e o significado de sua mudança de motivos e necessidades, que antes eram a busca pelo prazer imediato (drogas, promiscuidade) e que agora são estudar, se formar e constituir uma família, ganham um sentido religioso para a tal mudança.

Podemos inferir que é a partir da experiência transcendental que R. teve em seu quarto, sozinho, que ele começou a reconstruir os sentidos e significados do que ele esperava para sua vida, assim como, começou a reconstruir também, uma nova forma subjetiva de lidar com as suas relações amorosas.

R. conta que anteriormente era um cara muito promíscuo, que não estava nem aí com o sentimento dos outros, queria aproveitar o momento, ter prazer. Já atualmente ele diz: *“Meus objetivos estão totalmente mudados, eu não penso mais muito só em mim, eu penso em mim e na outra pessoa. Hoje, eu vejo o R assim: se o R. arrumar uma namorada, alguma coisa, eu tenho que ter certeza que é ela mesma. Eu não quero mexer com os sentimentos de nenhum, de nenhuma mulher, nenhuma pessoa porque isso me afetou... Eu me arrependo muito*

porqueeeee... Você tem que olhar pra outra pessoa e olha pra ela e falar assim: "Poxa eu quero te fazer feliz".

R. em seu discurso atual, demonstra ter um visão muito tradicional do amor, do casamento, onde tem que se ter certeza de que aquela mulher é a certa pra casar e ter filhos. Essa visão fica evidente quando peço para ele definir masculinidade e feminilidade. *"A mulher é a estrutura, por exemplo, de um relacionamento, ou de... Mas o homem é o cabeça, o homem é o cara que tem que decidir [...] Ser mulher é ser mãe, é ser companheira, é ser compreensiva, é cuidar realmente dos filhos, de uma forma... Ser uma mulher do lar, ser uma pessoa que saiba lidar como lar... E o homem é aquele cara que vai em luta dos objetivos, pra trazer dinheiro pra casa... "*

Essa visão onde o homem é o provedor e a mulher a mãe, evidencia o que Matos (2001) entende por modelo hegemônico. Segundo o autor, ainda hoje, esse modelo hegemônico é sustentado e mantido por grande parte do vasto segmento dos homens e mantido também por boa parte das mulheres. Tal hegemonia masculina pressupõe uma certa configuração feminina, que estabelece uma bipolaridade linear, promovendo a manutenção da naturalização do autoritarismo masculino.

Para R. os papéis masculinos e femininos estão muito bem delimitados, polarizados, o que vai ao encontro do que Saad (2005) salienta. A autora aponta que as representações e os símbolos da condição masculina e feminina na nossa sociedade, seus esteriótipos tem sofrido algumas mudanças nos últimos tempos. Diz que os papéis do homem e da mulher atualmente não estão preestabelecidos, entretanto com a tendência de manter padrões já conhecidos, há ainda muitos estigmas e esteriótipos envolvendo as questões masculinas e femininas.

A partir dessa colocação podemos inferir que a religiosidade foi um dos impulsionadores para que R. resgatasse suas idéias, valores que encontravam-se perdidos no emaranhado das drogas e da suas relações promíscuas. Ampliando para o âmbito social, podemos dizer que atualmente há uma queda da sociedade patriarcal, onde os valores, os limites rígidos, o que se pode ou não realizar dentro de uma sociedade estão perdendo a força. Entretanto a queda, em si, do patriarcal, da supervalorização do mundo racional e material, não possibilita por si

só a elaboração de novos padrões. Portanto, estamos vivendo uma ausência de padrões estabelecidos. A sociedade atual não sabe onde encontrar o NÃO, o limite, visto que em nossa sociedade o que está em alta é a exacerbação do prazer imediato. Por isso concordo com Saad (2005) que, diante do novo, que pode provocar medo, estranhamento, optamos muitas vezes pelo caminho conhecido, pelo resgate a algo já familiar.

Recortando e relacionando o movimento social à nova forma da constituição da subjetividade de R. (mediada pela religiosidade), podemos hipotetizar que assim como o movimento social, R. na ausência de limites, e na falta de sentido da vida, ele busca uma forma já conhecida (religiosidade), isto é, encontra um rearranjo de sentidos e significações que imprimem as experiências passadas, que funcionam como determinantes da experiência presente e direcionam as possibilidades futuras.

A nova configuração da subjetividade de R., mediada pela religiosidade, pode estar sugerindo um resgate ao conhecido, ao patriarcal, à contenção de limites, visto que a religião evangélica (religião atual do sujeito) é bastante patriarcal. Em outras palavras, a re-significação das experiências passadas, presentes e futuras encontra-se mediada por essa religião. Os sentidos e significados das experiências passadas, das concepções de amor, casamento entre outras, são atravessadas são só pelo contexto sócio-cultural atual, como também pela religião escolhida por R..

Nessa direção González (1999) afirma que através dos movimentos contraditórios e dialéticos advindos da própria realidade material, o processo de auto-conhecimento e conhecimento do mundo vão se produzindo e produzindo novas formas de sentido sobre o real. E essas novas formas dizem algo sobre como o homem se configura dentro de um panorama sócio-cultural.

Enfim, podemos dizer que a re-significação de idéias, valores, crenças (sobre as relações amorosas, principalmente) que são, n caso de R., mediados pela religiosidade, são também reflexo de um movimento social. Tendo em vista essa percepção, podemos dizer que o remanejamento da subjetividade de R., diz algo de um composto híbrido no qual o fenômeno psicológico se constitui

enquanto fenômeno. Fenômeno híbrido por abarcar tanto a escolha pessoal, quanto o contexto sócio-cultural.

III) A interlocução entre drogadição e relações de gênero

O aparecimento deste tema, nos núcleos de significação não era esperado, no entanto levando em consideração a pluralidade do ser humano e a sua história de vida, surgiram aspectos condizentes com o tema drogadição, no qual faz-se relevante discuti-lo.

Na primeira entrevista, explico que o problema da minha pesquisa refere-se à subjetividade masculina no fim de uma relação afetiva, e peço para que o sujeito me conte, livremente, o que ele gostaria de revelar a respeito deste tema.

Logo no início, ele começa a dar indícios de que as drogas encontram-se presentes em sua rotina.

“E acontece que eu saia com a amiga dela. E a gente depois, fomos todos muito bêbados, eu principalmente drogado, muito louco fui pra casa da amiga dela”.

R. descreve rapidamente seu último relacionamento e demonstra uma certa preocupação em falar de sua relação com as drogas. Ele conta que antes deles terminarem, sua ex-namorada (com a qual ficou durante um ano e dois meses aproximadamente), deu um ultimato; disse que se ele não mudasse, não procurasse algo melhor em termos de emprego, seria difícil continuar com ele. Neste momento, o sujeito revela que apesar de não ter um trabalho, sempre tinha um dinheiro no fim do mês; dinheiro este, advindo do tráfico ilícito. Conta que sempre utilizou drogas, aproximadamente durante 9 anos de sua vida, inclusive as ilícitas, como maconha e até mesmo cocaína. Ele não conta direito como era a sua relação diária com as drogas, porém conta que além de fumar maconha sozinho, esta, já não estava surtindo o mesmo efeito. Não descreve muito bem, mas relata que tinha uma relação próxima com os entorpecentes visto que ia às favelas comprar drogas.

O curioso é a forma como o sujeito se utiliza do discurso para contar dessa época, na qual os drogaditos faziam parte de sua vida. Ele relata essa relação

para descrever uma experiência transcendental que o fez largar de todos os tipos de droga, de uma hora pra outra. Como ele mesmo diz: *“Eu fui um cara que obteve uma cura obviamente que nenhum Freud explica (risos)... Entendeu??? Mas assim, eu não tive abstinência, não tive nada entendeu? Parei de fumar, parei de tudo. Parei de beber, não sei o que aconteceu...”*.

R. relata detalhadamente como foi essa experiência de Deus falar com ele (na qual já exploramos melhor no outro núcleo), e de como esse evento mudou sua vida. Conta que no dia seguinte dessa experiência: *“...aquilo me deu enjoô, eu sentia ânsia de vômito e sinto isso até hoje, entendeu? É eu falei: “Poxa” e eu já tava começando a cheirar; eu nunca gostei de cheirar.. Ééé e quando eu experimentei foi o dia em que deu mais efeito assim, e eu não gostei. Eu só sei que eu não gostei mais...”*.

Podemos dizer, então, que o sujeito atribui um sentido ao fato dele ter largado as drogas. Além do significado objetivo de que todo abandono da droga provoca uma crise de abstinência, R. encontrou um sentido pessoal para além da significação objetiva. Nesta direção, Gonçalves (2001b) diz que o significado é mediado pelo sentido, sentido este, que é mais amplo que o significado, o qual é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e fixa. O sentido, por outro lado, é a articulação de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência.

Em outras palavras, a fala interior de R. (que foi exteriorizada através da entrevista) como pudemos perceber durante o processo de análise das entrevistas, está dotada de um sentido religioso.

No caso de R., nessa fase de drogadição pela qual passou, a ordem moral, rígida encontra-se perdida no emaranhado de situações inconstantes vividas pelo sujeito. Em seu relato podemos levantar a suspeita de que o sujeito não tinha uma rotina, nem uma meta muito bem estabelecida. *“O R de agora é uma pessoa totalmente mudada mesmo, tendo em vista, assim, a minha mudança de caráter... [...] O R. agora, por exemplo, ele tem alguns... vários, vamos dizer assim, objetivos mesmo, em termos de trabalho, em termos de profissão, em termos de viagens... É eu voltei a estudar, estou estudando... [...] Eu mudei, porque eu não quero mais ser aquele... Eu não aceito mais ser aquela pessoa que eu era.[...] Era o cara meio*

louco, maluco, entregue com drogas, sem querer fazer nada com nada, entendeu? Preguiçoso... Acordava tarde pra caramba, ia dormir tarde demais. Hoje não, eu acordo 6 horas, 6 e 20 no máximo, saio de casa umas 7, 7e 10 no máximo também; chego na minha faculdade às 8, começo a estudar, volto pra casa e continuo estudando.”.

Ele não diz claramente, mas fica implícita a idéia de que essa ausência de objetivos de vida, que atualmente ele diz ter e buscar concretizá-los, o levaram pra esse mundo das drogas, ou esse mundo das drogas é que o levou para essa ausência de metas. Entretanto, podemos pensar que essas duas hipóteses não sejam excludentes e sim somatórias, visto que um indivíduo que utiliza entorpecentes por mais que tenha sua vida estruturada, pode acabar se perdendo no imediatismo e no prazer que as drogas oferecem; assim como um indivíduo que já não possui um objetivo em vista, pode acabar, também reforçando a não realização das suas possíveis metas futuras.

O que é imprescindível ficarmos atentos é que por mais que a drogadição e o seu vício sejam explicados pela questão orgânica/fisiológica, não podemos deixar de considerar, pelo menos a entrada neste mundo, como sendo escolha do sujeito. Caso contrário, estaríamos de acordo com a visão naturalista que Bock (2001) tanto critica, visto que há uma redução dos fenômenos psicológicos. Esta visão defende que os fenômenos se abrigam no corpo e que não se tem muito controle, isto é, são fenômenos puramente naturais. Concordo com Bock quando ela critica esta visão, pois desta forma estaríamos não só desprezando uma atividade mental particular e a possibilidade de escolha, como também estaríamos retirando do social qualquer influência no processo de subjetividade, o que seria um equívoco.

Marques e Cruz (2000) trazem um dado importante sobre o consumo de drogas no Brasil. Eles relatam que até o início da década de 80, os estudos epidemiológicos não encontravam taxas de consumo alarmantes entre estudantes. No entanto, levantamentos realizados a partir de 1987 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre as Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo (CEBRID) têm documentado uma tendência ao crescimento do consumo.

Segundo os autores, os fatores de risco para o uso de drogas incluem aspectos culturais, interpessoais, psicológicos e biológicos. São eles: a disponibilidade das substâncias, as leis, as normas sociais, os conflitos familiares graves; comportamento problemático (agressivo, alienado, rebelde), baixo aproveitamento escolar, alienação, atitude favorável em relação ao uso, início precoce do uso; susceptibilidade herdada ao uso e vulnerabilidade ao efeito de drogas.

De uma forma ou de outra, os estudiosos dessa área, admitem também a relação dos aspectos psicológicos na escolha dos drogaditos e o contexto social no qual o sujeito encontra-se inserido, o que indica uma visão mais global da influência das drogas na vida dos indivíduos.

Outro aspecto que chama a atenção é que na vida de R. a drogadição aparece muitas vezes associadas às suas relações afetivas. *“ Eeee no dia 17 eu fui na casa de um amigo meu, ééé eu acho que eu fumei muito, muito, muito... E era umas 6 horas da tarde na casa desse meu amigo, e tinha acabado o jogo de futebol que eu sempre assistia lá, nos finais de semana, quando uma menina me ligou...Por sinal morava lá perto, uma outra lá... Menina não, era uma mulher... 40 anos pra mim é mulher (risos)... Ai eu falei: “Legal, já sei pra onde eu vou”... Fui pra casa dela, a gente fez umas coisas muito loucas...Pra variar...E assimmmm e aí foi o que aconteceu...E eu transei muito, mas eu voltei meio que assim com aquele vazio assim... Chegou sábado... Ééé segunda de manhã, eu fui vendi a droga.. Não tinha drogas pra eu consumir... Fui lá comprei um pouco, comecei a usar..”.*

Quando o sujeito fala que sentiu um vazio podemos associar essa sensação a uma ausência e, ao mesmo tempo, a uma busca de sentido para sua vida. Parece que há uma ausência de rotinas e de metas, e uma incessante busca pelo prazer, o que pode estar relacionado com os motivos e necessidades pessoais e coletivos.

No nível subjetivo, podemos pensar que o que está por traz do discurso de R. é que ele estava em busca de uma realização pessoal tanto no amor quanto na questão profissional. Os seus motivos e necessidades apontavam na direção da satisfação, mais precisamente da satisfação imediata, mediada assim pelas

drogas e pela sua promiscuidade que parecem ser formas de como R. lida com a realidade, para ir em busca da satisfação, da realização momentânea.

Num nível mais coletivo, podemos relacionar, a busca enfreada pelo prazer e a pluralidade de identidade (individual, sexual, social, étnica, nacional) à nossa sociedade atual. A sociedade ocidental atual, onde o consumo está muito exacerbado, onde os objetos e as relações tem prazo de validade pré-estabelecidos (isto é, curta duração), promove uma maior inconstâncias dos nossos desejos, vontades e necessidades. Entretanto, apesar dela influenciar e reformular constantemente as idéias, vontades, valores dos indivíduos, ela nos possibilita, também, a escolha de partilhar ou não desses valores sociais. Os papéis sociais estão cada vez mais valorizados; se apropriar de um determinado jeito de se vestir, falar, ou até mesmo possuir algo de valor está cada vez mais valorizado atualmente, e escolher não fazer parte de um determinado padrão da rede social, implica sofrer conseqüências, como por exemplo, a própria exclusão de um grupo, de uma sociedade etc...

Podemos pensar que, as escolhas de R. estavam mais voltadas para o pertencimento a algo, a algum lugar, mediado por sua vez, pelo uso de entorpecentes e pela rotatividade das parceiras amorosas. Parece que R. estava procurando uma identidade social balizada pelo prazer constante. Segundo Siqueira (1997) a constituição da identidade é vista como sendo um percurso constituinte e constituído a partir de uma história de relações, isto é, identidade não significa apenas ser, mas ser situado num determinado tempo e espaço social, no qual a presença do outro é condição para a constituição e afirmação dessa identidade. Como por exemplo, quando R. optava utilizar drogas, ele estava sendo inserido no grupo dos drogados.

Quanto às suas relações ,R. relata que utilizou maconha com sua ex-namorada e que era muito comum essas substâncias estarem presentes em suas relações. Outro fato curioso é a sua alternância nas parceiras sexuais.

“Olha eu era um cara baladeiro, mas assim, eu já tinha sido mais, mas eu tava baladeiro ainda. Com relação a mulheres eu tinha sempre relações promíscuas com... E tinha várias e várias parceiras e várias mesmo (Risos). Ééé eu tinha algumas, várias mesmo, é incrível falar isso, mas tinha mesmo. É a

maioria das mulheres que eu conheci eu tinha relação sexual com ela, acho que quase todas as minhas amigas eu tive relações sexuais”.

Fazendo um paralelo com as drogas, assim como R. buscava o prazer imediato na utilização de entorpecentes, de uma forma ou de outra, ele fazia a mesma coisa com suas relações afetivas; estava sempre em busca do prazer imediato. Parece que suas necessidades estavam ligadas a uma descarga da libido. Podemos nos aventurar, pensando que, justamente por ela não se encontrar distribuída, entre faculdade, emprego etc., essa libido encontrava-se acumulada e R. sentia-se mobilizado a descarregá-la; e a forma subjetiva que ele encontrou de liberar essa energia acumulada, era fazendo uso de drogas e rotativizando as parceiras sexuais.

No caso de R., a drogadição, a sexualidade promíscua e abandono desta vida do prazer imediato, dizem respeito ao seu processo de formação de sentido. Esses instrumentos (drogas, sexualidade, entre outros) mediam a construção da subjetividade que ainda não está totalmente formada e não pretende estar, e que está sempre, por sua vez, em constante transformação. Nesta direção, González Rey (1999) salienta que a subjetividade além de ser a constituição da psique no sujeito individual, integra também os processos característicos a este sujeito, em cada um de seus momentos de ação social. Podemos pensar então, que a subjetividade de R. encontra-se também “amarrada” ao contexto social no qual estava/está inserido, isto é, provavelmente um contexto de muitas drogas, sexo e rock’n’roll.

Por fim, podemos hipotetizar que o vazio na vida de R., a falta de metas para o futuro, juntamente com essa busca pelo prazer imediato fez com que R. optasse por esse caminho dos entorpecentes e da promiscuidade, o que mais tarde, vai se perdendo. Em outras palavras, a subjetividade de R. vai sofrendo modificações, juntamente com seus motivos, necessidades, sentidos e significados, nos quais são, atualmente, atravessados pela religiosidade, que ganha um novo sentido em sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de análise deste trabalho, a maior dificuldade encontrada foi a apropriação da linguagem sócio-histórica. Apesar desta abordagem ser muito coerente e sólida a ponto de balizar teoricamente qualquer trabalho, a apropriação dos termos sócio-históricos foi, particularmente, um elemento muito complexo, visto que nestes 5 anos de faculdade tive pouco contato com esta abordagem e conseqüentemente não tinha, até então, tido a oportunidade de me familiarizar com esta linguagem particular. Entretanto, é muito gratificante perceber que algumas questões trazidas pelo sujeito, vinham ao encontro de argumentos levantados nos capítulos teóricos, o que demonstra que consegui utilizar a abordagem sócio-histórica e observar que muitas questões estudadas por autores relevantes, e arroladas neste trabalho, podem ser vistas concretamente.

Como pudemos perceber neste trabalho, a subjetividade é um composto híbrido (social e individual), tendo em vista que o indivíduo apesar de ser social (produto e produtos dela), vive de uma forma única a transposição deste social para o individual; sua significação depende muito da forma como ele vivencia cada situação, o que para cada um, desencadeia uma carga emocional diferente.

No caso do sujeito desta pesquisa, foi possível constatar os seus sentidos e significados a respeito do amor, das relações amorosas, e mais especificamente, os seus sentidos e significados na sua última relação amorosa. Pudemos perceber os 3 momentos de R.; antes, durante e depois desta sua última relação.

Anteriormente, seus motivos e necessidades, encontravam-se calcados no prazer imediato. Posteriormente, juntamente com a vivência desta relação, R. foi podendo construir uma nova re-significação sobre a constituição das formas de se relacionar (não só mais balizadas somente pelo sexo), sobre o amor e sobre a masculinidade/feminilidade. Este novo re-arranjo de sua subjetividade teve como um dos determinantes a sua entrada no mundo da religiosidade, que o proporcionou reformular as suas concepções acerca do mundo (e também acerca das relações amorosas), assim como estabelecer metas para o futuro.

Em outras palavras, pudemos identificar algumas das mudanças significativas no seu processo de constituição subjetividade e de como isso transpôs-se para sua vida amorosa e suas concepções de masculino que ainda encontra-se um pouco machista. Entretanto, desconsiderar pequenos avanços cotidianos (ou mesmo da concepção de masculino), no entanto, é desconsiderar o caráter dinâmico e contraditório da própria realidade e pensá-la linearmente em termos de progressos, o que seria um equívoco, visto que desta maneira estaríamos mantendo uma análise restrita a um paradigma positivista e teleológico.

Concebendo a dialética, que é inerente ao homem e sociedade no qual ele encontra-se inserido, pudemos apreender, no que diz respeito à subjetividade masculina (tanto nos capítulos teóricos, quanto na análise), que os homens que atendem às exigências sociais são valorizados e os outros que, por alguma razão, não seguem essas exigências, são vitimizados. É essencial a superação desses pólos, destacando assim, a necessidade de mais estudos críticos sobre os estereótipos masculinos, a construção da masculinidade e o porquê da manutenção das hegemonias masculinas ligadas ao poder e seus abusos.

Como pudemos notar, na revisão de literatura, algumas pesquisas apontam para as novas configurações que vão se estabelecendo, sobre o que faz, o que deixa de fazer, e o que fará parte do que atualmente entende-se por masculinidade, a partir de influências históricas e culturais. Nesse sentido, quanto mais estudos reflexivos sobre a configuração da subjetividade masculina, em relação ao amor, forem realizados, maior será a contribuição para o vasto campo masculino, ampliando assim, o modo como os homens sentem, percebem e se comportam diante das vicissitudes do convívio amoroso.

É fundamental salientar que este trabalho não teve o objetivo de desenvolver e definir respostas fechadas e conclusivas, muito pelo contrário. O objetivo principal, que acredito ter alcançado, era contribuir com análises e interpretações que respondessem algumas indagações, mas, sobretudo que inspirassem novas perguntas e questionamentos a respeito deste universo, tão grande e tão complexo que é a subjetividade masculina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. Consciência e atividade: Categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, org. Ana M. Bahia Bock ; M. Graça M. Gonçalves ; Odair Furtado. São Paulo, Cortez, 2001a, cap. 5 p.95-110

———. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, org. Ana M. Bahia Bock ; M. Graça M. Gonçalves ; Odair Furtado. São Paulo, Cortez, 2001b, cap.7 p.129-140

_____ & OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. *PSICOLOGIA: Ciência e Profissão*, Ano 26, n. 2, p. 222-245. 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, org. Ana M. Bahia Bock ; M. Graça M. Gonçalves ; Odair Furtado. São Paulo, Cortez, 2001. cap.1, p.15-35.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A masculinidade e seus avatares. *CATHARSIS*, São Paulo, ano IV, 19, p.10-11, maio/jun , 1998.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

CORACINI, Marian José R. de Faria. Subjetividade e identidade do(a) professor(a) de português. Org. Maria José Coracini. In: **Identidade e discurso (des)contruindo subjetividades** Campinas, Editora Unicamp; Chapecó, Argos Editora Universitária, 2003. p.239-55.

COSTA, Rosely Gomes. Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO, v.20, n.1, p.79-92, jan-jun, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: O doloroso processo de dissolução da conjugalidade. ESTUDOS DE PSICOLOGIA, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p.367-374, 2003.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. & SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. **Psicologia**: uma (nova) introdução; uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo, EDUC, 2002. 98p.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira & TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000300019&lng=es&nrm=iso&tlng=pt
Acesso em 02 de maio de 2006.

GÓIS, Carol & ARAÚJO, Daniela & RODRIGUES, Laís. Um estudo sobre o amor. **CienteFico**, Salvador, ano II , v.I , ago./dez , 2002. Disponível em: <http://www.frb.br/ciente/Textos%20CienteFico%202002.2/PScicologia/Metodologia/UM%20ESTUDO%20SOBRE%20O%20AMOR.pdf>
Acesso em: 10 de maio de 2006.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica. In: **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia, org. Ana M. Bahia Bock ; M. Graça M. Gonçalves ; Odair Furtado. São Paulo, Cortez, 2001a. cap. 6, p. 113-127.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: O debate pós-moderno. In: **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**, org. Ana M. Bahia Bock ; M. Graça M. Gonçalves ; Odair Furtado. São Paulo, Cortez, 2001b. cap. 3, p. 53-73.

GONZÁLEZ REY, F. **La Investigacion Cualitativa em Psicología: Rumbos e Desafíos**. São Paulo: Editora Educ, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003.

Larousse Cultural : dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Nova Cultural, 1992. p.964

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli & CRUZ, Marcelo S. O adolescente e o uso de drogas. REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, v.22, s.2, São Paulo, Dec. 2000. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600009
Acesso em: 15 de agosto de 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco- a masculinidade. HISTORIA: questões & debates, n.34, p.45-63, 2001.

SAAD, Ambrozina Amália Coragem. A difícil relação homem-mulher: as vicissitudes do convívio com as diferenças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANALISE, 20, Brasília, 2005. Anais. Brasília, 2005, p.1-7.

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. PSICOLOGIA USP, São Paulo, v.8, n.1, 1997.
Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65641997000100007&script=sci_arttext
Acesso em: 5 de maio de 2006.

SPITZ, Clarice. Número de casamentos cresce e de divórcios diminui no país, diz IBGE. FOLHA ONLINE, Rio de Janeiro, p.1, 12 abr. 2006.

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u120328.shtml>

Acesso em: 27 de maio de 2006.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. Editora Martins Fontes. 1998a, São Paulo.

_____. **Pensamento e linguagem**. Editora Martins Fontes. 1998b, São Paulo.

ANEXO

Primeira entrevista (14/08/07)

Sujeito: R. **sexo:** masculino **idade:** 26 anos

Tempo de namoro: 1 ano e 1 mês * Faz dois meses que terminou

Local: Centro Cultural

Duração: 50 min

P. Então, como eu te disse no nosso primeiro contato por telefone, a minha pesquisa vai estudar, basicamente, como fica o mundo mental de um homem quando ele termina um relacionamento. A partir do que eu te expliquei sobre a minha pesquisa, o tema envolvido é separação. Então, eu gostaria que você me contasse um pouco do seu relacionamento; enfim o que você gostaria de me contar a respeito desse tema. É bem livre, me conte da forma que você achar melhor.

R. Desde o dia que eu a conheci, essas coisas?

P. Isso...

R. É... Quando eu a conheci eu era um cara extremamente promíscuo... Eeee o que acontece? Eu estava numa festa, eeee... Era uma festa do meu aniversário e por acaso eu a encontrei e tal... E eu nunca tive nenhum interesse por ela, mas naquele dia, eu olhei pra ela diferente.

P. Você já a conhecia?

R. Já conhecia sim, mas, mais ou menos assim, nunca tinha falado muito com ela. Falava, mas não muito. E acontece que eu saia com a amiga dela. E a gente depois, fomos todos muito bêbados, eu principalmente drogado, muito louco fui pra casa da amiga dela. E nessas que eu capotei, tava na cama lá, fingindo que eu tava capotado, mas não estava, tava esperando a amiga dela. E nessas ela apareceu e dormiu. Começou a dormi, só que eu tava meio de olho fechado e nem vi, pensei que era a outra que tinha entrado, aquela amiga dela, que eu tinha relações. Coloquei a mão na cabeça dela e comecei a fazer um carinho. De repente quando eu escuto aquela voz : “Desse jeito eu vou dormir...” Tirei a mão e

falei : “Nossa o que eu to fazendo???” Falei, já to na chuva vou me molhar mesmo (risos)... E ai rolou, o negocinho tal e bababa. Quando eu acordei ela já não estava mais lá. Ai eu falei: “Nossa” aí eu tive que dar conta da amiga dela. Foi umas 3, 4 horas depois, era umas 4 da manhã. Umas 7 da manhã a amiga dela apareceu : “E aí foi tudo bem? Ta tudo ótimo?” E agora né? Socorrooo, eu pensei... Mas beleza, ai depois eu liguei pra ela e eu pensei que ela iaaaaaa.. Ela ficou meio tímida e falou “Nossa meu, me desculpa”. Ai realmente eu fui falar com ela sobre...

P. Com quem?

R. Com essa minha ex-namorada. Ai eu falei: “Ó, me desculpa .. Ai ela também falou: “Nossa me desculpa porque eu não sou assim”. Ai eu falei: “Vamo marca pra gente sair, pra gente se conhecer; mesmo pra eu te pedir desculpa”. Só que nessa saída, eu gostei da garota. Falei “Nossa”, eu achei ela muito dez, a gente conversou muito. Uma menina muito alegre, muito feliz ,que não sei o quê. Ai eu ainda vamos que dizer assim, entre aspas, eu “zuei” e tudo brinca, toda carinhosa, mas assim, eu gostei... Ai gente foi saindo, foi saindo e eu falei assim ó: “Se você me agüentar até os dias dos namorados, nós vamos namorar”.

P. E quando foi isso?

R. Olha, a gente deve ter ficado lá pro dia 20 de maio de 2006, mais ou menos. É mais ou menos isso.

P. Tá...

R. E em 12 de julho, 12 de junho, dia dos namorados e o senhor R. falou, chamou-a “Ah eu preciso te dar alguma coisa e tal”. Ai o R.zão apareceu é o seguinte com um par de alianças. Chocou a menina. Ela: “Hãmmm e não sei o que” .. E tudo bem... Ai nós começamos a namorar. Conheci a mãe, dormia na casa dela, é depois de bom ... depois de um tempo assim... De um bom tempo não, né? (risos)... Ai... Mais aí com o tempo eu conheci a mãe, ela conheceu os meus pais a gente começou a namorar, namorar e a gente namorou até o dia dos namorados assim. Quando deu um ano eu dei um presente pra ela eeee só que ela não me deu nada, eu achei aquilo meio esquisito... Ela já tava meio distante. Na sexta-feira, o dia dos namorados foi num diaaaa... Numa terça-feira se não me engano,

na sexta-feira ela sumiu. Eu também sumi porque eu tava muito louco eee eu era um cara muito surtado. Ah logo depois eu até vou... Eu gostaria até de falar com você sobre isso, que faz parte, acredito né? E ela sumiu e eu falei: “E aí, o que que ta acontecendo?”. Ai ela “Ah então, eu não sei se eu tô gostando mais de você e não sei o que. Ela tirou férias, deu o tempo necessário pra ela e aí, dando tempo, foi dando tempo eu mesmo também falei: “ E ai pô? Será?”. Fiquei muito chateado porque foi uma surpresa também né? Porque na realidade a gente ficou... Eu confiava muitooooo nela eeee eu não acredito que ela não se abriu pra mim antes porque talvez ela tenha até se aberto, abrido... Assim falou meio que “Então cara, se você não mudar um pouco o seu jeito, talvez issoo” ...

P. Ela falou ou não falou?

R. Ela falou ta? Mas ela falou muitoooooo... É que eu tô acostumado com uma psicóloga, eu morei com uma mulher que era psicóloga, uma filha da PUC, né? (risos)... Então isso o que aconteceu. Ela realmente sentava comigo falou: “Não vamo aí”; de uma certa maneira ela batalhava pra gente continuar junto.

P. A ex da ex?

R. A ex da ex. E o interessante é que ela meio que falou, mais ou menos assim, uns dois meses antes da gente termina... Não, três meses antes pelo menos, ela falou... pra eu mudar de... procurar algo melhor em termos de emprego, não sei o que. Só que nessas, eu saí do meu trabalho, entendeu? E eu tinha meu dinheiro sempre, ela não sabia como, mas eu tinha e eu sabia. Tráfico ilícito, entendeu? Eeeee assim, mudei tá? Não sou mais assim (risos). É verdade...E assim eu comecei tinha meu dinheirinho, nunca faltava nada e ela nunca soube disso. Que eu usei drogas e ela soube vai... segundo... Ela não sabia, eu falei : “Parei, nunca mais, entendeu?” Histórias né? Só psicólogas entendem, né? (Risos) E o que acontece? Eeee foi isso que aconteceu eee depois ela meio que sumiu e tal, acho que amiga dela, aquela amiga que eu saía antes, deve ter comentado alguma coisa porque ela me ligou, a gente chegou a conversar. Eu até pensei:” Ah não sei, não entendi.. Será que é outro? Ou alguma coisa assim? Se for também dane-se... (Risos).. Mas ou menos né? Porque eu achei aquilo meio estranho né?Achei

muito estranho, mas eu não acredito hoje que seja isso. Na verdade eu não sei. Não tem como saber...

P. Como você se sentiria se você a visse com alguma outra pessoa?

R. Na atual conjuntura ééé eu não sei. Vou ser bem realista contigo, talvez eu me sentiria meio estranho assim, entendeu? Eu me sentiria meio esquisito. Acho que se fosse há umas duas... há umas três semanas atrás, eu acho que eu ia ficar muitoooo mal assim, muitooo pior. Entendeu? Vou dizer: "Mais que isso vai", tipo se fosse há umas quatro semanas eu acredito que eu ia ficar muito muito mal atrás, muito mal mesmo. Mas hoje acho que não, eu acho que seja feliz... Eu falei com ela ontem.

P. Falou?

R. Falei eeee eu percebi uma coisa, que ela realmente não é pra mim. Eu sinto triste... Eu me sinto triste porque eu acredito que eu tenha falhado, entendeu? Porque...

P. Em que sentido?

R. Em vários sentidos. Porque eu usei drogas durante 9 anos. Eu fui um cara que obtive uma cura obviamente que nenhum Freud explica (risos)... Entendeu??? Mas assim, eu não tive abstinência, não tive nada entendeu? Parei de fumar, parei de tudo. Parei de beber, não sei o que aconteceu... É uma coisa louca... Mas não foi por causa disso... É uma experiência que eu tive mesmo, eeee ai aconteceu... É eu não tive abstinência de nada, mas assim, por causa das drogas e tudo; quer dizer você sai do seu mundo né? Fatal isso. Isso Freud explica...

P. E o que que te fez mudar a sua rotina de vida? Não usar mais, o que te influenciou a isso??

R. Eu vou.. Eu vou contar o que que aconteceu. Acredito que você vai achar muito interessante. Eu comecei a analisar minha vida...

P. A partir de que momento? Quando isso aconteceu?

R. Aconteceu o seguinte: Eu tava no meu quarto, estava sozinho no meu quarto... É aí a gente chegou a dormiu eu e minha namorada num..., quero dizer minha ex-namorada, né? Força do hábito... No dia 16 do O6 a gente chegou a dormir juntos mais a gente não transou, pela primeira vez na minha vida eu fui dormi com uma

mulher e não tive relações sexuais com ela. Acho que foi assim, desde que eu me conheço por gente... E ela me falou: " Pô, vai buscar alguma coisa, vai buscar Deus"... E ela falou assim... Meio que falou e eu fiquei com isso na minha cabeça. Eeee no dia 17, eu fui pra casa de uns amigos meus...

P. Mas peraí vocês já tinham terminado ou ainda não?

R. Ah ela falou que ia dar um tempo e tal.. Na verdade, tinha terminado sim masss.. Esse tempo não existe entendeu? Eeee no dia 17 eu fui na casa de um amigo meu, ééé eu acho que eu fumei muito, muito, muito... E era umas 6 horas da tarde na casa desse meu amigo, e tinha acabado o jogo de futebol que eu sempre assistia lá, nos finais de semana, quando uma menina me ligou... Por sinal morava lá perto, uma outra lá... Menina não, era uma mulher... 40 anos pra mim é mulher (risos)... Ai eu falei: "Legal, já sei pra onde eu vou"... Fui pra casa dela, a gente fez umas coisas muito loucas... Pra variar... E assimmm e aí foi o que aconteceu... E eu transei muito, mas eu voltei meio que assim com aquele vazio assim... Chegou sábado... Ééé segunda de manhã, eu fui vendi a droga.. Não tinha drogas pra eu consumir... Fui lá comprei um pouco, comecei a usar mais não... Engraçado... É na segunda-feira... Eu tinha usado com ela, né? Tinha usado com meus amigos no domingo, na segunda-feira... só que engraçado, não tinha feito efeito nenhum... Pela primeira vez... Não tinha feito efeito...

P. Você usou sozinho?

R. Sozinho. Mas em 9 anos sempre fez efeito... Aquele dia não sei o que aconteceu. Meio que fez, mas não tanto. Ai depois a gente tinha parado e tal, tinha parado muito. Ai eu falei: "Vou fazer o maior baseado da minha vida". Peguei uma seda de caixa de sapato... Desenrolei ela inteira e falei: "Vou fumar tudo". Engraçado eu fumei tudo, fumei tudo que eu tinha e falei: " Ou eu não morro agora, ou não sei o que". Apesar de que maconha não mata ninguém... Eee o que aconteceu? Ééé fumei muito, fumei muito e não deu nada. Ai eu falei: "Poxa que coisa é essa? Não ta me dando nada". Deixei pra lá, fui dar umas voltas não sei o que, daí eu comecei a analisar minha vida. Tudo que eu tinha perdido... Carro, namorada ééé eu tinha deixado de me formar, e nem tinha como eu me formar assim... O que acontece? Se você... Eu ia pra aula meio lesado, então, eu não

conseguia aprender direito a fazer a prova meio lesado, o que acontece? Você não fazia a prova. Mas eu não estava lesado, eu não estavaaaa entorpecido. Falei: “Oras, como eu não estou entorpecido?”... E mesmo assim eu comecei a analisar e a falei: “Ó Deus”... Eu comecei a orar no meu quarto sozinho... “Olha Deus”... E Deus já havia me perseguindo há algum tempo eu acho, porque mesmo na quebrada.. Eu tava na favela e os caras tudo abaixavam as armas “Oh o Doutor chegou” e teve um dia que eu saindo de uma favela, uma senhora me passou muito humilde e falou assim: “ Olha para com isso que você é de Deus”. Aí de repente ela começou a desaparecer no meio da neblina, no meio do nada... Ai eu falei: “Poxa Deus, até aqui você me persegue”. Teve outras ocasiões também, que Deus falou nitidamente comigo: “Ó meu para, para com isso que eu não quero te tirar determinadas coisas... Para que você”... E é engraçado isso... Você disse que trabalha com umas pessoas meioooo louquinhas, você deve tá achando tudo isso muito louco. E eu tava no meu quarto sozinho e eu comecei a orar.. Eu programei a televisão pra desligar sozinho.. Em uma hora mais ou menos.. E eu tava lá, comecei a orar e falei: “Oh Deus não quero mais perder todas essas coisas que eu perdi. Eu não quero mais perder isso... Perdia tudo... Senhor faz alguma coisa porque eu já tentei de tudo, faz alguma coisa pra eu largar.. pra eu para de largar as coisas que eu estava fazendo.. Eu quero para de tudo, eu não quero mais isso pra mim”. Eu só sei que nisso começou a me dar um arrependimento... Eu senti minha pele fazer assim (Pele pulsava rapidamente). Mas assim, então ela começou a pular, a minha pele, o meu coração. Meu coração começou a disparar de uma maneira que eu nunca vi naquilo. E eu comecei a sentir uma coisa diferente. Comecei a chorar e começou a passar um filme na minha cabeça desde o primeiro dia que eu tinha usado droga.. Começou a passar um filme na minha cabeça de várias... várias fases da minha vida.. Passou um filme assim e eu senti meu coração batendo muito forte. Eu não sei direito o que aconteceu...Só sei que eu comecei a falar umas línguas meio estranhas.Qualquer espírita que você perguntar vai falar que eu sou médium e eu não acredito nisso. E assim, eu comecei a falar umas línguas assim, que hoje eu sei que eu estudei e tal... aí algumas coisas referente a isso. E de repente eu

dormi, eu apaguei.. Eu pensei que ia morrer, meu coração disparando eeee eu acordei...E eu olhei o cigarro em cima da... eu já fumava já, há uns 12 anos eee eu olhei pro cigarro em cima da televisão, ele me olhou e eu olhei pro cigarro e fui para o meu banheiro como sempre, sentar no meu troninho e acender meu cigarrinho... E eu olhei de novo pra ele, ele olhou pra mim e eu peguei o cigarro e eu coloquei na boca e me deu nojo, eu comecei a engasgar... Eu falei: “Poxa mais eu adorava cigarro”... Tinha na minhas coisas sementes, algumas coisas de maconha. No dia seguinte, aquilo me deu enjoou, eu sentia ânsia de vômito e sinto isso até hoje, entendeu? É eu falei: “Poxa” e eu já tava começando a cheirar; eu nunca gostei de cheirar.. Ééé e quando eu experimentei foi o dia em que deu mais efeito assim,e eu não gostei. Eu só sei que eu não gostei mais... Não sei o que aconteceu...

P. E aí como é que você foi procurar a Igreja?

R. Na verdade euuu... Foi muito engraçado isso, porque eu não procurei igreja nenhuma. Todo mundo fala assim: “Ah alguém bitolou a sua cabeça”. Não, não foi isso. Eu busquei a Deus e de repente aconteceu alguma coisa na minha vida que não se explica... Eu... Não há explicação, entendeu? Porque em qualquer lugar que você vá, vai fala assim: “Pô cadê a crise de abstinência? Ele ia ter abstinência de cigarro... Eleeeee ia voltar pro crime ou voltar a mexer com droga, com armas.” Eu chegava a ligar dentro da cadeia e perguntar: “E ai amigão, o que que você tem?” E eu acordei de forma diferente eee querendo falar pra todo mundo o que tinha acontecido comigo, porque alguma coisa absurda tinha acontecido. Mas na terça-feira eu comecei a orar e falar: “Olha Deus, não quero voltar a ser o que eu era, e eu to com medo”. E eu comecei a ler a bíblia e tal e belê. Eeee uma passagem falou assim: “Olha, que Deus era o Deus forte não sei o que, bláblábláblábláblá e realmente ele nunca se enfraquece”... E que na realidade ele nunca tinha desistido de mim. Ai eu botei aquilo na minha cabeça e falei: ”Nossa como isso, ele nunca desistiu de mim?”. E na hora eu falei: “Nossa eu acho que eu realmente sou um cara importante pra Deus”... E eu falei pra Deus... Na minha oração eu disse: “Deus olha, tô me sentindo fraco, porque eu perdi muita coisa. Tô me sentindo um cara fraco”. E tava lá escrito na bíblia. Ah eu trouxe a bíblia,

depois se você quiser ver... Falou assim: "Não se sinta cansado, multiplícas a força de quem não tem força alguma... Ééé os jovens caem mais aqueles que esperam o Senhor renovam suas forças E assim eu comecei a falar Poxa eu acabei de falar, cabe de orar e tava escrito lá: "Aquele que espera do senhor"... E o mais engraçado é que eu li isso e eu liguei a televisão apareceu um pastorzinho que eu achava que era um mercador de igreja falando o mesmo versículo... Na verdade eu olhei e depois fui estudar...Entendeu? Eu olhei primeiro e foi instantâneo, eu fui estudar, eu orei, parei e vi a televisão. Desde então, eu afirmo pra você, que coisas incríveis acontecem como por exemplo eu voltei a estudar, uma coisa que iria demorar muito na minha vida... Um ano, uma ano e meio e eu vou me formar em 4 meses no final do ano.E eu não tinha dinheiro pra pagar a minha faculdade. Eu orei, não deu dois minutos, o telefone toca é minha tia oferecendo pra pagar meus estudos. Ai eu: !Como assim? Como assim ajudar a pagar a minha faculdade?". Eu falei assim: "É o seguinte quem te falou, foi minha mãe, minha avó? Quem foi?". Ela: "Não ninguém falou nada...". Perguntei pra minha mãe e pra minha avó e elas: "Não eu nem to sabendo...". Ai minha tia: "Não eu tava aqui e Deus falou comigo pra eu pagar a sua faculdade." Essas coisas começaram a acontecer.. E isso é o mínimo que eu posso te falar... Do que ta acontecendo comigo ééé há quase 2 meses...Eeeee eu não sei o que acontece... Tentei falar com ela na sexta-feira e falei: "Olha eu mudei eu não fumo mais eu não sei o que aconteceu..Eu liguei pra ela no dia seguinte que a gente tinha dado um tempo e disse: "Ó, aconteceu alguma coisa comigo ontem". Falei só sobre isso pra ela, mais nada. E ela falou: "Ah que bom, que legal.."... "Eu aceitei a Jesus" ela falou ...ela". Me contou que tava indo na Igreja católica, tava fazendo, sei lá, alguma coisa lá... Eu falei: "Poxa e você nem tinha me falado? ". E na verdade eu não sei o que aconteceu com ela, né? Na verdade eu conversei com ela ontem e ela disse: "Aconteceu comigo e tal, mas eu não fiquei tão empolgado assim"... Mais normal, não sei o que aconteceu direito...

P. Tá e depois do dia que vocês terminaram como é o contato de vocês? Vocês tem algum contato?

R. Então, logo depois que nós terminamos , passados acredito que uma semana, a gente se falava as vezes no celular. Eu falava... eu falei com a mãe dela na segunda-feira mesmo antes de acontecer isso, foi no dia 18 do 06.. Falava com ela... Falei com ela no dia 19, conversei com ela um pouquinho e tal e ela falou... Pediu um tempo, alguma coisa assim... Eu dei o tempo que ela achou necessário. Falei com ela, acho que ela viajou porque ela tirou férias... Viajou com mãe dela e não sei o que... Falei com ela umas duas vezes por telefone e não achei legal ter falado com ela.

P. Por quê?

R. Porque eu achei ela realmente meio distante mesmo... E certas coisas machucam lógico, né? Você tem uma certa expectativa, você cria uma certa expectativa lógico. Qualquer pessoa que você têm, entendeu? E provavelmente ela não havia expectativa pra comigo, então ficava difícil e eu não. Eu já tinha mais... Tinha uma expectativa até maior, que nem eu gostava dela... Eu pensava: "Ah" em certas coisas, sonhos lógicos, ah expectativas que nos.. Ah todos os homens.. Não sei todos os homens mais, mais quanto as outras pessoas normais eu posso dizer, querer casar, ter filhos, entendeu? Eu acho que não tem como você estar com uma pessoa, olhar pra pessoa e não querer casar com ela, sem querer fazer ela feliz...E eu queria fazer o quê? Ela feliz... Na verdade ela frustrou essa expectativa. Teve muito a minha culpa óbvio, porque eu acho que não existe mulher que vai querer um cara que não... Não ta trabalhando, entendeu? Que não tá com força de vontade para trabalhar. Mesmo porque se ela fosse assim eu também não estaria com ela, óbvio né? E assim... É, eu tava realmente num momento ruim da minha vida...Tava num momento assim, que não tava legal.. Tava com uns problemas, que infelizmente, tavam afetando a minha vida mesmo... Não só os problemas com drogas mais mesmo eu tava entrando pra um lado do crime, podemos dizer assim... Utilizando da minha boa aparência para nunca ser pego, entendeu? Pela minhaaaaaa forma de falar, entendeu? Éééé por tudo que eu estudei dentro da advocacia, da área jurídica... E isssoooo, sei lá... Tava numa área muito errada. Ela nunca sonhou disso, ela nunca sonhou e nem sonha, entendeu? Elaaaa usou uma vez comigo, quando a gente foi viaja e eu

falei: “Ah, vamo fumar um aí”. No carnaval ela fumou, passou mal graças a Deus, ta? Porqueee ela passou mal demais...Eu nunca tinha visto alguém passar mal na minha vida por isso. Eu havia...Nove anos, muitas pessoas usaram comigo e nunca aconteceu. E ela passou mal. Ela fumou meia-noite, e vomitou a janta...Ah, o almoço, aliás. Eeeee eu achei incrível, né?

P. Mas voltando vocês se falaram algumas vezes e tal e depois nunca mais tiveram contato, como é que foi isso?

R. Ah a gente se falou um pouco por e-mail, eu mandei e-mail, ela respondeu, um mandei outro, ela respondeu.

P. Mas qual o conteúdo desses e-mails?

R. Ah a gente conversava sobre o que talvez ela meio dizia que entre aspas: “Olha, não tem mais volta”, mas de uma forma sim. Não sei ainda... Na verdade ela não queria dizer. Mais eu me liguei, lógico... ééé que ela não tava mais afim, deixou de gostar. Mas que ela tava pensando e não sei que, mas eu acho que não. Esse acho que não matou né? Eu achoooo que eu não gosto, se pah eu acho que eu gosto de você viu?(Risos) Não existe isso... Ou você gosta ou não. Sim sim, não não... E o que acontece? Éééé que aquilo me destruiu um pouco.. Deixou aquela meio que ferida... Aquela... Mas assim, são feridas que lógico não só o tempo trata, muitas coisas tratam, entendeu? Você saber que tem outras pessoas, as vezes, interessadas em você é uma coisa que aumenta a sua auto-estima, entendeu? O fato de ter voltado a estudar toda aquela.. Ééé sua auto-estima melhora muito...

P. E agora assim que você está renovado, que conseguiu retomar tudo que era importante pra você, por acaso passa pela sua cabeça voltar com ela?

R. Não sei..... Vou ser bem realista com você eu não sei... Porque é o seguinte eu hoje vejo um perfil de mulher que eu gostaria de ter... Não que ela não faça como pessoa... Não só... Sabe é difícil de te explicar isso... Eu não sei, entendeu? Eu acredito que vamos supor vai, ela começa a ter uma... Pro lado religioso... Não digo nem religioso, pelo lado cristão até porque na bíblia não existe lugar que falava de religião nenhuma. Mas vamos lá, vamos supor que ela, realmente se torne cristã e pratique a doutrina que eu pratico, eu não sei.

P. E isso seria um ponto a favor ou não?

R. Seria um ponto a favor, lógico porque eu não namoraria alguém com uma outra doutrina minha. Isto é fato... E eu acredito no seguinte que o vinho não se mistura com a água nem as luz com a treva eeee entendeu? E é bem por aí, mesmo.

P. E você ainda têm algum sentimento por ela?

R. Também eu não sei te responder isso...(Risos) Porque não lógico, um Freudiano vai dizer assim; “ Tem lógico, se não tivesse não teria em dúvida né?” (risos)... Então mais é básico, eu acredito queeee... não sei... Eu não sei te explicar direito... Eu não sei se eu voltaria com ela, entendeu? Mesmo porque ontem eu tinha absoluta certeza que ela não é mulher pra mim.

P. Por quê?

R. Porque ela acredita em algumas coisas... Em boas obras e eu acredito em fé, por exemplo.São várias outras coisas. É outras doutrinas... Os valores diferentes... Éééé e uma coisa que ela chocou, quando ela me terminou... Terminou comigo... Pra você ter uma noção do valor. O que é o valor né? Ela falou assim: “Eu já passei necessidade, já passei fome. Eu não quero passar isso de novo” ela disse. Quer dizer se eu tivesse o vagabundo q eu sou, o preguiçoso que eu sou... Se eu dormisse todo dia até as 3 da tarde, usasse todo quanto é tipo de droga, mas andasse de Ferrari, entendeu? Será que eu seria um cara mais valorizado,entendeu? Ai eu falei: “Poxa, se eu tivesse tudo isso, uma ferarri, um carrão tivesse o maior pênis do mundo. Fosse o cara... E de repente eu ficasse mais pobre, ela me largaria? Entendeu? Pô, então eu falei: “Se você não é mulher pra ficar comigo no bom, você também não é mulher pra ficar comigo no ruim. Porque enquanto eu trabalhava, ganhava uma grana legal, era legal comidinha japonesa, era legal churrascaria chique, era legal eu sempre abrindo a porta pra você na hora de entra no carro, né? E agora, eu to desgraçado aqui, você não é capaz de me ajudar? (Risos) Entendeu? Isso me chocou.

P. Como você é que você sente quando ela te diz isso? Quando ela te conta isso, o que que você sente?

R. Eu sinto o seguinte.. que é uma questão do caráter dela. Eu acredito que ela foi uma fraude na minha vida. Entendeu? Eu acredito que talvez nem seja culpa dela,

entendeu? Porque acredito que não existe mulher no mundo que não queira um homem bem sucedido e talvez um homem no mundo que não queira uma mulher bem sucedida. Então na realidade, eu decidi o que eu quero. Eu quero ser feliz. A mulher pode morar numa favela, pode ser uma baranga banguela... Baranga banguela também não, né?(risos). Mais assim, é importante você pensa assim, em algo a mais que não sejaaaa... É não só a pessoaaaa... O lado financeiro da pessoa, entendeu? Ai eu acho que é por isso.

P. Então eu queria agradecer... Eu preciso dar uma olhada e se eu achar que vou precisar de mais elementos pra minha análise eu entre em contato. Podemos fazer assim?

R. Claro, sem problemas.

Conversamos um pouco após a entrevista e R. me questionou:

R. Ah eu lembrei de algo que acho que é importante pra sua pesquisa, eu posso acrescentar?

P. Claro, só um minuto, deixe-me ligar o gravador. Pronto.

R. É o seguinte tem algo que me frustra e o que me frustra é o seguinte: Quando eu tava namorando com a minha ex-namorada, ela vivia me chamando de... Para eu ir para igreja e assim... Pra eu ir buscar alguma coisa maior... Eeee de certa maneira eu nunca levei porque eu era uma pessoa extremamente preconceituosa... Eeee eu fiquei sabendo que ela estava indo na igreja depois que a gente tinha terminado, que ela estava indo numa igreja católica há dois meses e eu nem sabia. E isso é uma coisa que me frustra, assim, porqueeee eu tive a oportunidade de conhe... de mostrar pra ela aquilo que eu conheci e eu não... Eu não... percebi, eu não mostrei... E poderíamos assim, ter uma outra história, uma outra coisa. O que me frustra talvez é isso, essa oportunidade que eu perdi naquela época, né? Isso...

P. Obrigada R.

Segunda entrevista (24/08/07)

Sujeito: R. **sexo:** masculino **idade:** 26 anos

Tempo de namoro: 1 ano e 1 mês * Faz dois meses que terminou

Local: Centro Cultural

Duração: 55 min

P. Então como eu tinha te falado na semana anterior, eu ia transcrever, ver quais aspectos estavam faltando, e agora então, eu gostaria de retomar alguns aspectos, pode ser?

R. Claro.

P. Então vamos lá. Na semana anterior, você me contou um pouco da sua história com a sua ex-namorada e agora eu gostaria que você me contasse um pouco mais sobre quais eram os pontos positivos, negativos dessa sua última relação.

R. Os pontos positivos eram: não brigávamos, éramos amigos, conversávamos, batíamos um papo não tão profundamente, nunca houve uma papo tão profundo, esse era um... Talvez um ponto negativo, porque acho que todo relacionamento, onde há intimidade tem que ter uma cumplicidade, uma conversa profunda mesmo...

P. O que seria uma conversa profunda?

R. Mexer em sentimentos, acho que sentimentos mesmos. É você saber mesmo "Ta acontecendo isso, aquilo. É isso que está acontecendo" ... "Ah tá comigo? Ó, to com um problema ali, aqui, entendeu?" É isso, eu acho que até coisas espirituais mesmo, coisas profundas mesmo. Esse era um fator negativo. Eu acho que era algo mais superficial do que profundo. Mas o positivo eu sei, era se divertir, a gente saia sempre, dava muita risada, ela era uma pessoa alegre. Esse era o ponto positivo.

P. Quais aspectos eram responsáveis pela manutenção desse relacionamento? Como era o convívio do casal?

R. Ó, da parte dela, o aspecto que mantinha acho talvez seja a comodidade, a carência. É, do meu assim ó, fatalmente... É assim eu não tenho como adivinha os aspectos dela, mas o meu era talvez porque eu gostava dela mesmo, não tenho... Não tenho outro... Era uma menina legal, queria algo... Queria conhecer mais e mais... Sempre você cria uma determinada expectativa para com a outra pessoa, e a expectativa é sempre a melhor possível e não a pior. Ninguém fica com alguém esperando que vai piorar o relacionamento. E na verdade, eu imaginava assim: "Ah, cada dia vai melhorar mais, vai melhorar mais, mas eu, tenho a consciência do meu comodismo também, né? Eu também me acomodei em alguns aspectos eee aí não deu certo.

P. É, como era o convívio do casal? O que vocês costumavam fazer? Como era o relacionamento de vocês? Vocês se viam sempre? Enfim, como era o convívio de vocês, durante a semana, nos fins de semana? Como é que era? Me conta um pouquinho por favor.

R. Então, eu sempre fui um cara bem tranquilo quanto a qualquer tipo de relacionamento, sem tentar pegar no pé, nem nada né... Não tinha ciúmes, e ela também não tinha de mim. Eee a gente se via quase... Raro os fins de semana que não nos víamos, praticamente tinha dia que eu dormi na casa dela pelo menos umas três, duas, três vezes por semana. Todo final de semana eu tava lá, com ela. A gente acordava junto, ia fazer as coisas juntos. Ééé às vezes antes ela trabalha cedo... Ééé de domingo, por exemplo, eu ia pra casa dela, aliás, eu já estava na casa dela, almoçava lá e ficava lá. É às vezes eu acordava, a gente... Ela ia trabalhar, eu levava ela até certo ponto, descia, deixava o carro com ela que era dela por sinal, eee mais era uma rotina assim... Tinha uma vida às vezes de casado, às vezes de namorado. Mas o casado sem as responsabilidades de um matrimônio, de um casamento... Mas assim toda... Quer dizer antes de dormir tipo olhava "Oi, oi tudo bem?", tinha umas relações sexuais óbvias... Óbvio, lógico né? E era isso. E uma televisãozinha... Ela falava assim: "Ah eu to com sono"... Eu falei: "Pô, eu também to". Ééé... Eeee foi assim, foi legal. Nesse aspecto. Assim, a gente saia nos finais de semana, vira e mexe, vamos dizer assim, quase toda semana, pelo menos uma vez... Eu não lembro uma semana que eu não saia pra

jantar fora. Tinha vezes que eu saia pra jantar, almoçar fora, fazer programas diferentes. Ééé a gente não chegou a viajar pra muito longe, no máximo pra uma chácara próxima ou pra minha no carnaval. Ééé em São Roque pra gente ficar sozinho lá. No máximo foi isso, nada mais que isso.

P.Então eu queria saber um pouco da personalidade do casal. Como você se descreveria naquela época, e como era a personalidade dela também? Enfim, me fala um pouco da personalidade do casal.

R. A personalidade? Calmaaaa!!! (Risos) Resumindo né? Eu sempre fui... Ééé tentei tratar ela com o máximo de respeito possível e ela também... Ééé sempre fui um cara carinhoso com ela, e ela também não vou negar que não... Em alguns aspectos ela era carinhosa demais assim, aliás vamos dizer, quase todos. Talvez ela não se entregaaaasse tanto em alguns momentos, mas em outros... Outros, ela se entrava totalmente e eu também, era a mesma coisa, era algo recíproco assim. Eu não tinha muito...Eu não tinha o que reclamar, não tenho o que reclamar disso, né? Não sei, não tem nada. Bom eu sou muito normal, se beijam, se tratam bem... Ééé apresentam pra família, a família se envolve. Era uma coisa normal.

P.Ééé você falou que poucas vezes vocês brigavam e tal, mas como eram essas brigas? Vocês brigavam por que?Em que contexto? Como eram essas brigas, esses confrontos?

R.Pra te falar a verdade, eu acho que eu briguei.. A gente teve uma discussão que eu dei risada depois, uma vez. Essa briga foi o seguinte: Elaa ficou de me ligar, me encontrar em algum lugar, só que ela tava em outro lugar.Aí eu falei meio grosseiro com ela, porque que ela não tinha me ligado, que não sei o que. Aí ela correu pra minha casa, chegou lá bravinha, e eu comecei a dar risada, porque eu achei aquilo muito engraçado, ela esperniando lá, e não sei o que...Aí eu comecei a rir, ela se ligou, começou a rir também depois, a gente se deu uns beijo lá, e ficou tudo bem como era antes.. Ééé uma outra briga... Não chegou ser uma briga mais uma conversa mais séria assim, foi que ela falou que eu devia tomar algumas decisões na minha vida, tomar algumas iniciativas que eu não tomei e não tinha tomado, né? Tipooo em relação a trabalho, em relação a cursos, em

relação a projetos de vida que eu não deveria apenas falar, e sim concretizá-los. Masssss eu não lembro outro, não teve briga. Engraçado né? Um relacionamento que não teve briga e terminar, engraçado né? Às vezes foi um caso desse...

P. Agora eu gostaria de entender um pouco como você se via nesse relacionamento com essa a sua ex-namorada. Como você se descreveria naquela época?

R. Vamos lá. Euuuuuu tinha um relacionamento de... Quando eu comecei a namorar com ela, era um cara que levava sempre pra sair pra jantar, pra almoçar... Ééé sempre tentei ééé prestar a devida assistência em todos os termos, em todos os termos mesmo. Tentar ser carinhoso, tentar andar junto, programar viagens, programar futuros. Ééé projetar, às vezes em outro, to dando um de psicólogo com essa palavra, hein? (Risos). Projetar no outro muitas coisas assim, né? Muitas expectativas eee mais eu era assim tranquilo, normal. Vamos dizer assim, uma pessoa comum, né? Não digo comum, mas carinhoso vai. Não tenho muito o que falar, assim. É difícil, às vezes entender, tentar a gente se falar como que eu era. Mas eu era um cara que chegava, às vezes, a abrir a porta... Às vezes, vamos dizer, principalmente no começo do relacionamento que tudo são flores, abria a porta, puxava a cadeira, coisa boba né? Mais continuei assim futuram... depois de um ano quase de relacionamento, tava assim ainda. Eee eu sempre fui... tentei ser esse mesmo. Eu depois de um bom tempo, um certo tempo de namoro, acredito que eu tenha me acomodado mais, talvez ela por ser imediatista demais, não viu que talvez eu tava passando por um momento de desânimo, tava meio desanimado com as coisas e ela decidiu terminar.

P. E esse desânimo? Me conta um pouco mais...

R. Óóó, o meu desânimo não foi quanto ao relacionamento em si, porque enquanto ao relacionamento eu estava acomodado. O meu desânimo foi comigo, porque eu perdi muita coisa, eu saí do meu trabalho, não consegui me formar... Ééé eu gastava meu dinheiro com entorpecentes, eu gastava meu dinheiro com cigarro, ééé e isso não me tinha... Eu não tinha dinheiro, não tinha dinheiro pra nada... Aí foi começando a me desanimar e tal... Eee isso foi o problema do meu desânimo. É, então quer dizer eu talvez não conseguisse suprir as minhas

expectativas e com isso, obviamente, eu não supria as delas. E ao mesmo tempo eu falava, ela me gostava... Gostava de mim, então é tranquilo né? Eu também não me movia, eu não tentava fazer algo diferente.

P. Agora eu gostaria que você me contasse um pouco como era o R. antes de você namorar essa garota, como você era antes? Isso em relação a mulheres, a sua personalidade. Me conta um pouco de antes. Como você vê o R. de antes?

R. Olha eu era um cara baladeiro, mas assim, eu já tinha sido mais, mas eu tava baladeiro ainda. Com relação a mulheres eu tinha sempre relações promíscuas com... E tinha várias e várias parceiras e várias mesmo (Risos). Ééé eu tinha algumas, várias mesmo, é incrível falar isso, mas tinha mesmo. É a maioria das mulheres que eu conheci eu tinha relação sexual com ela, acho que quase todas as minhas amigas eu tive relações sexuais. Mas ao mesmo tempo eu sempre respeitei, sempre deixei... Ééé nunca deixei de gostar, sempre fui um cara bacana entendeu? Um cara legal, bacana, sabe tipo legalzinho, era eu entendeu? E esse cara teve algumsss... Algumas mulheres antes, ééé tive outras namoradas que terminaram por outros fatores, mas a maioria eram fatores relacionados a isso mesmo, a entorpecentes, à coisas que eu fiz terminar praticamente... Ééé eu, pelas minhas atitudes, me liguei que eu não tava afim mais, me desanimava, a outra é muito ciumenta, a outra percebeu que eu não queria nada com nada, mas eu era um cara bacana. Tinha muitos amigos mesmo, e continuei tendo depois né? Muitos colegas, um cara que sempre gostou de bares, barzinhos assim que tocam MPB, saia pra baladinha pra tomar uma cerveja., sempre curti um churrasquinho... Ah essas coisas entendeu? Coisa de cara jovem, despojado. Então esse é o car... Era eu... Eu sempre fui leal e amigo, sempre tentei ser um cara honesto, nunca furtei, nunca roubei também, e é isso.

P. E assim, antes dela você me contou na outra entrevista que você tinha namorado uma psicóloga, né? Então eu gostaria que você contasse um pouco, do relacionamento com essa mulher. Como foi, porque que terminou, como terminou? Isso.

R. Então o meu relacionamento com está mulher, foi um relacionamento de quase 3 anos. Inclusive neste prédio que eu estou apontando pra minha entrevistadora,

ela morava e que eu morei também (risos), algum tempo ai. E assim, ela era uma mulher mais velha que eu, e eu a conheci quando eu tinha uns 18 anos. Eu a conheci pela Internet, por acaso, e na época tinha batido o carro, um amigo meu pegou o carro e bateu, e a gente se falava de madrugada, madrugada inteira, a gente se falava sempre. E teve um dia que ela sabendo disso, falou: “ Ah, vem cá vai, vamos nos conhecer”. A gente acabou se conhecendo, e quando eu abrir a porta e a vi, falei: “Bacana, oi tudo bem?”. Fui na casa dela, que galinha né? Mais tudo bem (risos). Aí o que acontece? Fui na casa dela, a gente começou a conversar, conversa vai conversa vem, e ali, depois de algumas horas, aquela conversinha já se rolou uns amassos, dos amassos já se rolou uns beijos e comecei a namorar... ééé e comecei a ficar. Depois de um tempo, a gente foi ficando, ficando, ficando e acabamos começando a namorar... Começamos a namorar, ow bacana, legal, tudo eram flores, conheci os pais, viajei... Ééé ela era uma mulher bem de vida. A base do nosso relacionamento inicial não era muito... Era sexo mesmo, era a paixão do sexo, entendeu? A gente transava que nem louco, parecia doente. Eu mulecão, 18 anos, ela uma menina de 23, então eu parecia o coelho lá, e foi indo. E eu me achava pô, transando com todas e eu achando que tava legal... Até que um dia, uma ex-namorada minha falou que tava grávida de um filho meu (Risos). Negócio é grave, hein? Aí o que aconteceu? A primeira coisa que eu fui fala, como a minha honestidade, e nesse sentido eu era realmente honesto, éééé e isso foi logo quando a gente começou a ficar e tal... Eu transei pela última vez com ela, e ela engrav... ela falou que engravidou de mim. Ai eu fui lá e falei pra ela... O que vim descobrir há alguns 2 anos atrás, que não era meu filho, graças a Deus (Risos). A bomba não era pra mim. Mas assim, depois daquela fase, assim obviamente que o relacionamento dá uma desgastada, ela não terminou comigo. Não sei se era por comodismo, mas a gente foi levando, foi levando, mas eu falei: “Oh, eu não quero te largar”. A gente acabou indo morar juntos, moramos fora da cidade de São Paulo, depois voltamos pra cá. Lá na cidade do interior, eu não arrumei emprego porque obtive algumas promessas, inclusive de alguns familiares dela, e quando meu dinheiro acabou eu falei: “Pô não quero mais ser... ééé meio que humilhado né?”. Porque um cara que tava...

Obviamente que os pais dela descobriram tudo isso, obviamente, que teve que ter uma conversa com os pais dela e tal... Eee eu não queria mais ficar lá. Eu voltei pra cá, comecei a me relacionar com outras mulheres, depois de um mês voltei com ela. Foi um relacionamento meio que turbulento assim, mas de muita... Que ela lutava muito pra ficar comigo. Eu não posso negar isso. Ela sempre lutou muito pra ficar comigo... Ééé ela se esforçava pra não largar, e eu também. Mas teve uma hora que não tinha mais como. Eu olhei pra ela, ela olhou pra mim e eu falei ó: “Se gosta? Se gosta”... Não havia mais respeito, porque qualquer briga ela poderia tentar me agredir, aí o pau comia mesmo...E ai eu tentava também, e o negócio foi... Começou assim, a falta de respeito começou a rolar... Eeee, mais teve uma vez, que um olhou pra cara do outro e falou: “Olha, eu não to conseguindo, por exemplo, largar nenhuma substancia entorpecente...”. Eu percebi isso também... Eu falei: “ Pô, sou mulecão, eu não quero largar de fumar maconha”. Eu tinha um pé dentro da casa dela (Risos). E assim, teve uma hora que não deu mais. Ah, teve uma hora, que tipo assim, ela falou: “Ó meu, a gente ta mal...”, já tinha falado algumas vezes, eu e ela, a gente tava falando: “Ó, quero largar você...”, ela já falava: “Quero te largar também...”. Já vinha vindo assim: cabaleando, cambaleando, cambaleando... Provavelmente ela devia ter outros homens, e quando ela ia trabalhar, eu levava mulher pra casa dela, entendeu? Ela ia trabalhar e eu fazia altas orgias, lá na casa dela. Aí voltava, eu tava de banho tomado, limpinho, cheirosinho; ela não olhava muito porque sentia meio distante da pessoa. Assim, o desrespeito foi... começou... começou o desrespeito puro. Ai acredito que mais da minha parte mesmo, do que a dela. Assim, eu analisando a minha vida hoje, e olhando tudo que passou, ééé na vida com ela, eu com certeza a desrespeitei muito mais do que eu. Teve um dia que um olhou pro outro e falou assim: “Meu, não dá mais”... “É, não dá mais”, e eu fui racional... Ééé eu lembro que ó, eu tava na casa dela, ela falou assim: “Ó meu, ta tudo terminado” e eu falei: “É, eu sei que tá tudo terminado, to indo embora”, e ela: “Não, não vai”. Aí eu liguei pros meus pais, minha irmã, acho que foi minha irmã, minha irmã tava começando um namorico, e o namorico dela foi me busca aqui perto, inclusive. Ai ela falou: “Fica mais um pouco aqui” ai eu falei: “Não, não vou ficar, porque se eu

ficar a gente vai voltar, então é melhor eu ir embora... Vamos ser racional, deixar o emocional de lado... Porque o melhor que a gente tem pra fazer é isso”. Ela como uma psicóloga, falava muito do racional e do emocional e aí eu falei: “ Então, dane-se o emocional, vou ser racional. O melhor para nós, agora, é largar.” E larguei.

P. E assim, como que você vê o R. com essa mulher psicóloga e com a última ex ?

R. Entendi. É o seguinte, eu mudei realmente, eu não desrespeitava a outra namorada como eu desrespeitava essa. Desrespeitava em alguns aspectos assim, tipo de... Tive algumas... Ééé, eu traí acho que umas duas vezes assim, mas foi carência. Fatalmente foi carência. Ééé porque algum momento assim, eu devo ter ficado carente e outro por perversidade mesmo, por safadeza mesmo. Mas do resto, eu não desrespeitei nada, talvez por mentir pra ela, porque ela falou assim: “Você parou de usar?” eu falei : “Pareiiiiiii, parei de usar, lógico”. Isso pra mim, na minha opinião essa é uma mentira, uma mentira desrespeitosa. E talvez por não ter me aberto como... Tinha vezes que ao invés de ficar com ela, eu ia usar maconha, entendeu? Troquei... Mais nada que eu acredito que afetasse o relacionamento de nós dois, o que afetava era... me afetava assim, o exterior... É em termos de trabalho, em termos de faculdade e obviamente, é impossível negar que isso aí ia afetar uma hora ou outra o relacionamento, ééé as drogas, por exemplo. Porque você tendo... ééé você usando entorpecentes... Quer dizer eu não trabalhava mais, não estudava mais, ééé, era um vagabundo. Faltava na aula do cursinho preparatório pro concurso público... Então, mais em termos, eu namorado e ela, era uma relação super boa, o que afetava era o exter... era outras coisas, que obviamente a mulher vendo aquele outro cara, que não rendia o que um homem deveria render, ela não ia agüentar mesmo e desencanou, desistiu.

P. Bom, você me contou um pouquinho de como você era antes, de como foram seus relacionamentos anteriores, e agora eu gostaria que você me contasse um pouco do R. agora, de como você está hoje.

R. Então minha querida... Putz, minha querida não vai sair, né? (Risos). Então é o seguinte, o R. agora, ele tem uma visão diferente da que ele tinha... O R de agora

é uma pessoa totalmente mudada mesmo, tendo em vista, assim, a minha mudança de caráter... É eu mudei, primeiro por uma experiência que eu tive, que eu acredito que eu já tenha contado da outra vez, e de um dia pro outro eu não sei o que é entorpecente nenhum, na verdade me dá nojo e ânsia de vômito. O R. agora, por exemplo, ele tem alguns... vários, vamos dizer assim, objetivos mesmo, em termos de trabalho, em termos de profissão, em termos de viagens... É eu voltei a estudar, estou estudando... Eu nunca... Eu acho que fazia uns 11 anos que eu não lia um livro por inteiro. Eu estou lendo pelo menos 3, agora na atualidade. Eu mudei, porque eu não quero mais ser aquele... Eu não aceito mais ser aquela pessoa que eu era.

P. Que era quem?

R. Era o cara meio louco, maluco, entregue com drogas, sem querer fazer nada com nada, entendeu? Preguiçoso... Acordava tarde pra caramba, ia dormir tarde demais. Hoje não, eu acordo 6 horas, 6 e 20 no máximo, saio de casa umas 7, 7 e 10 no máximo também; chego na minha faculdade às 8, começo a estudar, volto pra casa e continuo estudando. Vou pra faculdade, saio da minha casa umas 5 horas da tarde, 5 e meia no máximo, chego lá as 7, estudo, chego em casa, faço minhas orações normal, vou dormir, entendeu? Meu grupo de amigos foram totalmente modificados, pessoas que me amam mesmo, que eu sinto o amor mesmo, o amor ao próximo mesmo, uma coisa que eu nunca tinha visto na minha vida. Não sei... Aqueles amigos que eu achava que eram amigos mesmo, não sei pra onde eles foram, entendeu? Meus objetivos estão totalmente mudados, eu não penso mais muito só em mim, eu penso em mim e na outra pessoa. Hoje, eu vejo o R assim: se o R. arrumar uma namorada, alguma coisa, eu tenho que ter certeza que é ela mesma. Eu não quero mexer com os sentimentos de nenhum, de nenhuma mulher, nenhuma pessoa porque isso me afetou... Eu me arrependo muito porqueeeee... Você tem que olhar pra outra pessoa e olha pra ela e falar assim: "Poxa eu quero te fazer feliz". Lógico que você não pode largar um pouco deeeee você, lógico; você tem que pensar em você, lógico, mas você tem que olha e falar assim: "Nossa eu desejo te fazer feliz". Eeeee talvez eu não tinha muito isso, eu começa a dar uns beijo, pra depois virar um namoro, entendeu?

Hoje eu não penso assim, eu penso: “Poxa, te conheci, legal, gostei muito de você viu Mari...” (Risos). Aí a gente vai se conhecendo, bláblábláblá eee depois de um tempo eu gostaria de namorar com você, masss eu quero ter certeza mesmo, quero te fazer feliz, entendeu? Mesmo porque, relacionamento é uma coisa que a gente tem que ceder um pouco, um pouco nãoooo, tem que ceder muito. Casamento, relacionamento em si, com pessoas assim; amizades e relacionamentos a dois é muito mais ainda.

P.Eee assim... Você me contou de um R. antes e de um novo R. agora, né? A que você relaciona essa mudança?

R. Olha como eu tinha te dito antes, essa mudança foi uma mudança que eu tive no meu quarto, sozinho, eeee eu não busquei igreja, não busquei nada... Eeee, sem dúvida, a minha maior mudança foi ter acontecido o que aconteceu comigo... Um Deus, uma mudança que entrou, que meu espírito modificou... Que eu consigo olhar pras pessoas com outros olhos. Foi isso, com certeza, o que mudou meu relacionamento, não tem como negar que foi. Não é algo assim: “Ah, eu vou me apegar a isso pra mudar”. Nãooo, foi uma coisa que aconteceu e a mudança está vindo ao poucos. Mas assim, eu mudei de um dia pro outro, os aspectos que eu mais detestava, os mais abomináveis, e assimmmm outros aspectos está sendo melhorados, estão sendo melhorados.

P. Eeee em que momento você foi procurar a Igreja?

R. Na verdade a Igreja não tem nada a ver com a minha mudança, ao contrário do que já falaram. A ex psi louca lá, falava: ”Pô, eu sabia que você tinha que se apoiar em igreja”. Eu falei: “Olha, eu demorei, pelo menos, uma semana pra eu ir atrás de igreja”. Mas eu já tinha nojo de entorpecentes, já tinha nojo de drogas, eu já olhava pras pessoas com mais amor. Eeee não foi a Igrej... A Igreja foi algo necessá... Foi algo que aconteceu, que eu queria aprender. Eu queria, na realidade, saber o que tinha acontecido comigo e que ninguém tava explicando pra mim. Não era algo que a ciência, em si, conseguiria explicar, entendeu? Que algo apenas espiritual, algo que eu tinha ouvido falar anteriormente, poderia talvez explicar. E é engraçado que, cada vez que eu aprendo alguma coisa lendo, sem ninguém ter me falado, eu aprendo um pouco mais.

P. Agora pra gente ir encerrando, eu queria que você me dissesse o que você entende por amor e por paixão.

R. Paixão... é algo passageiro, é algo explosivo, é algo que sente ciúmes, que pode sentir inveja, que pode sentir várias coisas... Várias coisas dessas assim, explosivas... Essas coisas assim, que não dura para sempre. A paixão não dura para a sempre, é diferente do amor. O amor é algo que dura pra sempre mesmo, e não tem como acabar... Ele não sente inveja, ele não se envaidece... Tem uma música do Legião Urbana que fala sobre isso. Na verdade, romanos capítulo XII... Romanos? Me perdoa, mas não, acho que não é romanos não, acho que é segunda coríntios.. Não vou lembrar agora, mais que fala... Eee é o amor, aquilo é o amor... É você falar do que não se envaidece, que não se ensoberbece, que é humilde, que tolera; esse é o amor. E é o amor assim, que talvez eu... eu não sentia... ou sentia, ou na verdade eu não sentia porque senão, eu ia continuar talvez amando né? E ela, com certeza, não sentia, porque senão ela não iria desistir. Eu acho que o amor não desiste nunca, eu acho que pra você amar uma pessoa demora, porque você tem que conhecer ela. Lógico que primeiro vem a paixão "Oh que lindo são seus olhos... Que lindo é seu o cabelo...". Ai ela nem escovou os dentes e você fala: "Ahhhh, como eu adoro te beijar..." "Ah seu cabelo tá maravilhoso..." Acabou de acordar, parece um espantalho né? (Risos)... Mas você acha tudo lindo né? É você não vê determinados... ééé a paixão você não vê determinados defeitos, né? Mas o amor, você vê os defeitos e tenta conversar pra talvez tentar corrigir... Você aceita os defeitos, entendeu? Aqueles que não são corrigíveis, mas que são toleráveis eee tem essas... Acho que são essas... Têm mais diferenças, lóóóógico que tem, mas o básico é isso. Ooo amorrrrr é algo que é perfeito.

P. Agora pra encerrar, eu gostaria que você me falasse o que você entende por feminilidade e masculinidade, e quais são os seus respectivos papéis na sociedade ocidental.

R. O homem é homem né? Mulher é mulher e viado e viado... (Risos). Olha, eu acho que Ocidental, Oriental, seja lá o que for, acho que o papel é o mesmo. O homem, por incrível que pareça, o homem é o cabeça, é a coluna... Aliás a coluna

é a mulher. A mulher é a estrutura, por exemplo, de um relacionamento, ou de... Mas o homem é o cabeça, o homem é o cara que tem que decidir. Isso pode ser extremamente machista, mas nesse aspecto eu acredito que seja assim. Éééé agora a mulher feminina... ééé o papel dela é o papel de uma.. de mulher, de ser mulher. Mulher é ser mulher, entendeu?

P. O que que é ser mulher?

R. Então, é difícil você falar assim, o que é ser mulher. Ser mulher é ser mãe, é ser companheira, é ser compreensiva, é cuidar realmente dos filhos, de uma forma... Ser uma mulher do lar, ser uma pessoa que saiba lidar como lar... E o homem é aquele cara que vai em luta dos objetivos, pra trazer dinheiro pra casa mesmo, pra dar a comidinha na boca dos seus filhos... Não comidinha na boca, mas trazer a comida pra casa, pra alimentar a sua mulher, entendeu? Ser um cavalheiro, defender a sua família com honras... com toda a honra, com toda a vontade possível, entendeu? Buscar sempre o melhor pra sua família, entendeu? Dentro da sociedade também. Tentar dar bons exemplos para os seus filhos e, por incrível que pareça, acredito sim, que tudo é conversado dentro de um relacionamento entre homem e mulher... dentro da sociedade, masssss isso é impossível tirar da minha cabeça: o homem tem que ser o último a decidir. Assim a palavra, o voto, o minerva é o homem; ele fala sim ou não e é sim ou não; sim sim, não não. O que eu digo, eu digo, não tem muito o que falar... Eeee eu nunca tive problema com isso, com nenhuma mulher. Assim, tive vai... Eu tive quando quiseram competir...

P. Em que sentido?

R. Por exemplo, eu tive a psicóloga, ela enxergava que ela queria competir, ela queria ser talvez mais ou menos. E eu acho que dentro de um relacionamento, ninguém é mais nem é menos. Mas o homem éééé... em determinadas decisões, ou em algumas coisas é o homem que vai decidir sim, entendeu? Principalmenteee... Vai ter que decidir, não tem essa... O homem tem que fazer o seu papel, entendeu? De ser o forte da casa, coisa que, honestamente, eu não fui. Com a minha ex-namorada eu nunca ia ser, e acredito que com nenhuma das ex-namoradas... O que eu tava procurando não era isso... Eu tava querendo procurar

determinadas ééé... talvez pela minha ausência de determinada... Éééé uma certa carência que eu tinha, eeee aliando ao fato sexual, aliando ao comodismo, então pra mim tava tudo ótimo.

P. Bom, eu acredito que já dá pra fazer uma boa análise, mas eu gostaria de saber se você quer acrescentar alguma coisa, falar alguma coisa que você acha importante pra minha pesquisa ou alguma coisa que é importante pra você. É isso...

R. Ééé eu agradeço muito (Risos). Na verdade assim, é engraçado quando você vai fala de si né, de você assim... Isso eu acho... Eu acredito que essas perguntas talvez, elas me surtaram um pouco a cabeça. Tô brincando... Não é que surtaram, mentira, mas assim... você, às vezes, falar de si, falando de como você é... De como eu sou, eu acho que é mais fácil do que falar de como eu era, porque como eu era, eu me arrependo; como eu sou, não. Porque hoje, eu tento fazer sempre o meu melhor, tento lutar pelo que é o melhor meu... eee talvez você analisando o homem dentro de uma sociedade que é machista, inegavelmente, mas que dentro desse machismo existe, precisa, necessita... Na realidade o ser humano homem, ele precisa ser no mínimo coerente, entendeu? Ééé, isso pra mim é ser masculino. Ter uma coerência de uma cumplicidade, entendeu? E idem a mulher, entendeu? A mulher, na verdade, é a que tem que segurar a barra dentro de um relacionamento... ééé em determinados aspectos, como o homem tá mal no seu trabalho, a mulher tem que chegar e falar assim ó: “ Vou te levantar”... Mas é isso, mais ou menos isso. Ai, ai!!

P. Então é isso, né? Então, eu gostaria de agradecer a sua colaboração. Muito obrigada, viu?